

TECA

62









ALBUM

DE

COSTUMES PORTUGUEZES



# ALBUM

DE

# COSTUMES PORTUGUEZES

CINCOENTA CHROMOS

COPIAS DE AGUARELLAS ORIGINAES

DE

*Alfredo Roque Gameiro,  
Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhóia, Manuel de Macedo,  
Raphael Bordallo Pinheiro e outros.*

COM

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida,  
Julio Cesar Machado, Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão  
e Xavier da Cunha

LISBOA

DAVID CORAZZI - EDITOR

ADMINISTRAÇÃO: - RUA DA ATALAYA, nº 1 52

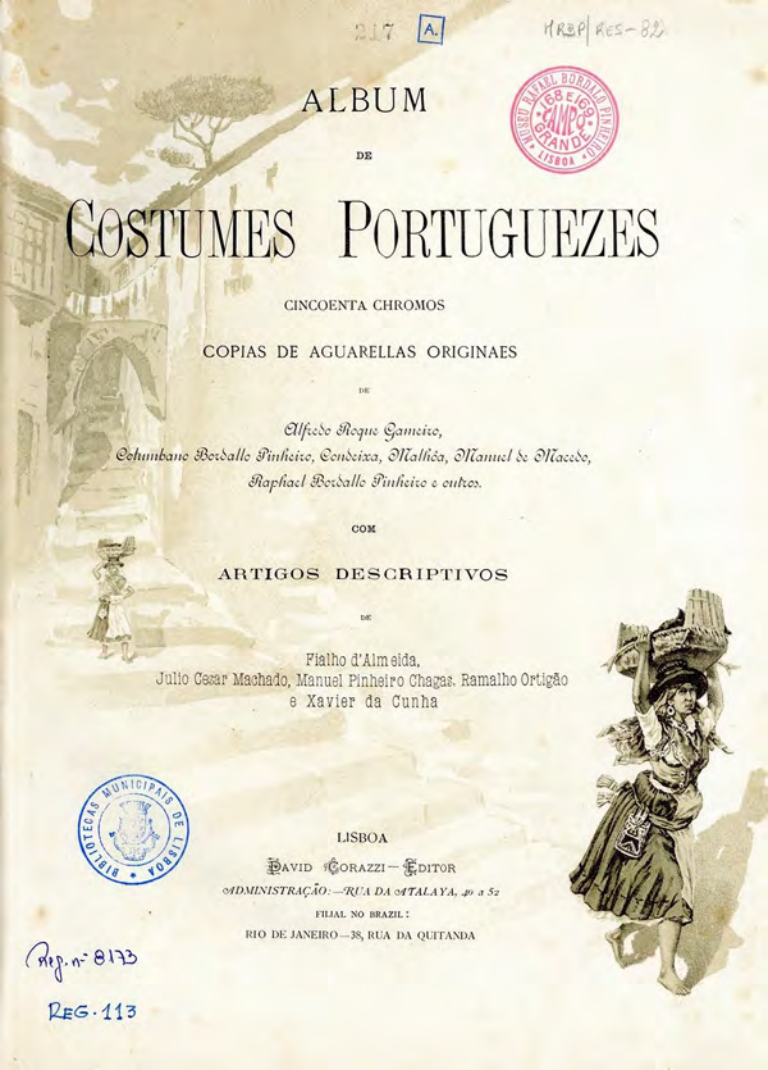
FILIAL NO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - 38, RUA DA QUITANDA



Reg. n.º 8173

REG. 113





LISBOA

TYPOGRAPHIA HORAS ROMANTICAS

40, Rua da Atalaya, 52

1888







Joh Guedes

David Corazzi Editor

O TRAPEIRO.



## O TRAPEIRO DE LISBOA

typo do nosso trapeiro—assim como o do velho mendigo de aleijões postiços, muletas, barba até á cinta e alforge ao pescoço—pertence á paleontologia social. Elle e o mendigo seu congenero são da fauna anterior á companhia das aguas, antediluvianos do cataclysmo homopathico do contador, na série fossil da mulher de capote e lenço, do cego dos repertorios, do caidador do Rocio e da pretu das tigeladas.

Coevo dos cães vadios a que a Providencia confiou por muitos annos em exclusivo privilegio a missão hygienica de devorar, com uma ou outra barriga de perna ao viandante, as immundicias exparsas nas estreitas e empinadas ruas da Mouraria e de Alfama, o trapeiro encarregava-se de levantar e recolher da via publica o que n'ella sobejava da voracidade dos rafeiros.

Por um complicado desenvolvimento de transacções subsequentes exercia elle a sua industria separando, classificando e vendendo em cada manhã a colheita de cada noite.

Nessa colleção entrava tudo ou quasi tudo o que a vida de uma cidade segregava pelo monturo como documento da sua historia intima: os ossos descarnados, as flôres murchas, as porcelanas quebradas e os vidros partidos dos seus banquetes; as botas arrombadas, os chichelos moidos e os farrapos despegados da sua indigénia; a renda desfeita, a joia desgastada, o dinheiro perdido dos seus ébrios, dos seus hoteiros e das suas cortezá; as lentejoilas cahidas do ourapel dos seus hístriões e dos seus saltimbancos; os manuscritos inutilizados dos seus letrados e dos seus poetas; os fragmentos das suas cartas de empenho, de negocio e d'amor; —mil restos, finalmente, anonymos, truncados, confundidos, de obscuras tragedias, de ignorados martyrios, de acerbas luctas, de ardentes paixões, de inveterados vicios, de lindos madraças ou de innocentes idyllios.

O trapeiro passou. Mas na ordem social, bem como na ordem physica, tudo se transforma, nada se anniquila. Ao antigo mendigo de porta de igreja, de arraial e de feira, succedeu-se o mendigo d'empregos publicos e de cargos honorificos, exhibindo as suas correlativas deformidades e a sua lenga-lenga nos comícios eleitoraes, no parlamento e na imprensa periodica. A simulação dos aleijões e das chagas foi substituida pela simulação das opiniões, das idéas, e dos principios. Presentemente quem traz bicharia nas barbas, saccola ao peito e feridas á mostra para ganhar a vida, são os rhetoricos da coisa publica, até o momento em que, chegados ao governo ou ao syndicato, os vemos como Xisto V atirar com as muletas, do alto da burra, ao espanto das almas bemfezjas.

Ao trapeiro succedeu-se o Reporter do jornalismo. Quem vae agora pela via, de alcofa no braço e gancho em punho, remexendo o lixo da cidade, para negociar a apanha a tanto por linha ou tanto por mez, é o Reporter. É elle quem sabe hoje o que hontem se comeu em casa d'este, o que se bebeu em casa d'aquelle, o que se jejuou em casa d'aquell'outro; quem nasceu, quem morreu, quem falliu e quem se assoou. Vêde a alcofa. . . Perdão: lêde o jornal! Na politica, santo Deus, quantos frangalhos de dignidade publica e de dignidade pessoal, de honra collectiva e de honra domestica! Na gazetilha vereis que a sempre bella *A* estava de cór de peito de róla, e deveras bem; que o interessante *B* preferira a nuance morango esmagado, o que a tornava de appetite; ao passo que a vaporosa *C*, de simples velludo branco, não ostentava no collo —coitadinha d'ella! —senão um modesto collar de solitarios entre quatro fios de perólas. . . Trapeiros! trapeiros! sempre trapeiros! Trapeiros todos elles! Trapeiros todos nós! . . . Ai! trapeiro eu mesmo!

RAMALHO ORTIGÃO







Lib. Gardin

David Corazzi, Edit.

PALITOS E ROCAS



## PALITOS E ROCAS

rnão legítimo ou ilegítimo—não faz ao caso—do negociante.

**L** Dizia o outro, que, se o céu houvesse querido... O mesmo, é, com este. Se o céu assim o houvesse querido, em vez de elle andar a vender palitos, palitaria os dentes, depois de lauto jantar, com aquelles pedacinhos de pau de salgueiro branco, das margens do Mondego, aguçados em cabo, lisinhos, finos...

Calculemos o quanto lhe será penoso andar ajoujado de rocas; n'uma epocha, em que já ninguém fia, e em que, só alguma velha de aldeia, à porta da sua choupana, em dia de sol no inverno, mette na cinta aquella vara classica com o competente copo de linho, ou de algodão, entalado no bojo, que se faz na canna, rachando-a, introduzindo a rodinha de cortiça, e reatando as rachas no bojo...

Vem das Beiras, vem de Poyares ou de Mangualde, vem seja de onde fôr, como de algures veem os pardaes, que por cá ficam, cortando de giro, para a direita, para a esquerda, pelos jardins, pelas ruas, pelas praças...—e, até, pelos telhados, sem quererem saber quem viva nem quem more alli.

É filho d'aquella mãe que não dá conchego aos pequeninos, que os não lava, nem veste, nem amima, nem olha por elles, nem lhes sorri jámais; é filho da fome.

A necessidade inventora e creadora, que não deixa a gente annullar-se, deu-lhe a força de ganhar a vida, sem baixezas, sem empenhos: o segredo de ser independente, de viver com pouco, sem pedir nada a ninguém.

Mora com outros na mesma casa, aos sete e aos nove, por aquellas vieellas da calçada de Sant'Anna, Desterro, e Fressureiras, perto de uma officina de vassouras, que lh'as confia ás vezes, e que elle, pelas ruas, apregôa, recommendando-as d'esta maneira:—Vassouras de cabo cosido!

Ha um quê ironico n'este atravessar da vida, carregadinho de palitos, n'um paiz em que a consagração geral é de que por todos os modos se não trate senão de comer!

Tudo é falso, em redor d'elle. D'ahi, aquella serenidade desprezadora das jactancias lisboenses.

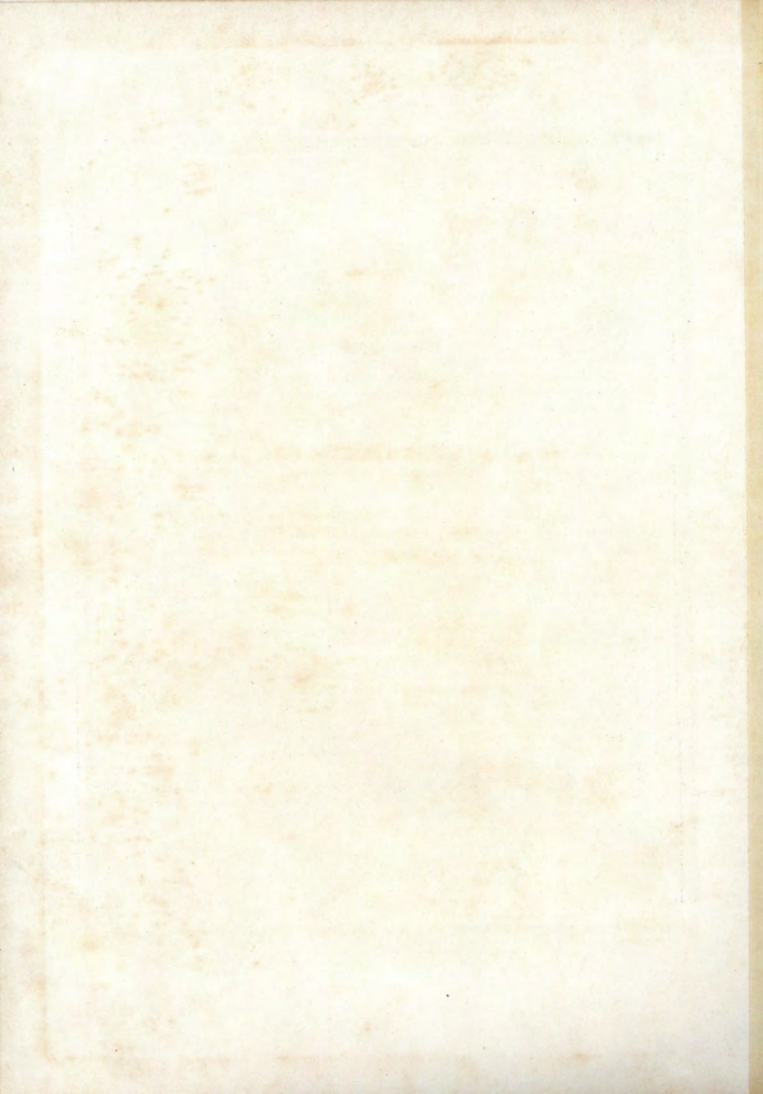
Dos seus palitos não se fa'a, e, principalmente, não se escreve. E escreve-se e fala-se de duzias de coisas, por dia, a qual d'ellas menos verdadeira. Os palitos, porém, prejudicam-o, tolhendo-lhe a importancia: em vez de ser negociante em grosso, é um negociante... em fino.

Tem experiencia da vida; enterrou o dente, logo ao sahir do berço, no fructo da arvore da sciencia, e diz, a tudo, que «não é com essas!» como verdadeiro epicurista. A poesia popular, medra como as flores do campo: canta sem aprender musica. como os passarinhos; assim, este pequeno, faz negocio do mesmo que nada... e vive d'isso.

Da sua terra veio, coitadito, com tres músicas; jornada alegre! Ao chegarem á capital, uma das músicas poisou n'uma iguaria de mostrador de casa de pasto, coisa que levára pintura de anilina, e envenenou-se. Outra, comeu farinha e, das misturas que a farinha tinha, ficou doente. A terceira, foi-se a um papel insecticida, e, quanto mais sugou, melhor se deu de saude.

Riu-se elle, o mosquitinho! Tudo falsificado, em Lisboa! tudo, excepto as suas rocas e os seus palitos!

JULIO CESAR MACHADO







Lith. Guedes

David Corazzi, Edita

## O FERRO VELHO



## O FERRO-VELHO



a já bastante tempo, que o governo, nunca á noite se deita socegado, sem perguntar a si mesmo:

—Hoje reformei bem, ou não reformei bem?

Depois d'isto perguntado, dorme-lhe em cima como quem vai levar a noite de um sonho; depressa accorda, porém, e pergunta de novo a si mesmo:

—O que hei de eu reformar amanhã?

De uma das vezes, por *amicitia silentia*, a resposta que deu, a si proprio, foi esta:

—O ferro-velho. E' tempo de nos irmos a elle.

E reformou-o.

N'esse dia acabou o nômade, o ferro-velho ambulante, que vendia tudo melhorado em velho explorando quadros, livros, botas, fato, bengalas, grêllhas, candieiros, chapêos de chuva, gatolas e a misera espada comica do Porcelainac...

Tratou com toda a gente; com o estudante á paz de piloro, com o chefe de familia carregado de cuidados, com fidalgos pobres, com o burguez prudente, que comprava fôsse o que fôsse n'aquella ultima— depois da terceira—mão; tratou até com a mais bella metade do genero humano, as mulheres, já que esta periphraze designa o sexo encantador, a que tambem pertencem por eguaes direitos... as que mettam medo...

Tudo vendeu, e comprou tudo—menos casacas.

Diziam os antigos, terem alma as casacas; e não é para surprehender, que seja assim; averiguado como parece estar pela sabedoria das nações e dos proverbios, que as paredes tenham ouvidos: na opinião do ferro-velho, porém, desconfio, que não só tem alma as casacas, mas... as casacas—o que faz que as respeite ao ponto de nunca as haver querido comprar.

—Casaquinhas, não, menino! tem elle dicto, sempre que lhe apresentem d'esses trajos *perliquetetes* isso, procura-se uma vez na vida! Creado, que sirva á mesa, se cahisse na pèta de dar dinheiro por essa especie de vestuario com abas que não veem á frente, dispensava os patrões de lhe darem casula de *môfo*. Os gatos pingados, não ha exemplo, de comprarem d'isso: nascem já de casaca. Tirar-lhe as abas com o fim de a armar em jaqueta, pagando a quem as descosa para as deitar fora, quem cae n'essa? Se quando algum mono resolve casar, o seu virtuoso pae lhe dissesse:—« Não vões com as tuas proprias azas; vóa com as da *casástima*... » Mas, qué! Casam sem *labita* e sem *labita* se vão enterrar uns aos outros. Já ninguém procura por tal *maugancia* a um homem da minha arte. Casaca, hoje, só mandada fazer ao alfaiate: —... porque não lh'a pagam.

Retirado da verdadeira actividade dos negocios, gira pela cidade, de alma ausente. A antiga malicia alegre transmudou-se-lhe em melancholia de abencerragem postumo.

Já não vende nada. Anda n'aquillo por estylo. Restos da antiga aventura... Comquanto ajoujado de mais para se entregar com franqueza á graça de movimentos, o seu *gagé* discreto passou em tempos por favorecel-o, no grau subido, de lhe proporcionar bem bons boccadinhos, não para contar, mas, para se calar com elles... Chamavam-o muito! Lá vem, nas *Mil e uma noites*, aquella rainha, casada com um dos mais bellos imperadores da Asia, a qual se agradou do corcunda... Havia d'antes mulheres incosequentes que deram occasião a suspeitar-se, que, pelos ferros-velhos, se pudesse chegar ao paroxismo da paixão...

O governo reformou isso tudo.

JULIO CESAR MACHADO







Lilly Garcia

David Corazzi, Editor

O CAPUZ - TRAJO DO FAYAL



## O CAPUZ—TRAJO DO FAYAL



arabe, que tão ciumentamente esconde do estrangeiro a sua casa e as suas mulheres, quando succede enviar estas a passeio pelos bazares, pelos cimiterios ou pelas ruas das suas cidades, envolve-lhes a cabeça cuidadosamente em véos d'essesa renda, porque os christãos lh'as não profanam com as suas olhadelas de perros, amaldiçoados por Deus. Com o guardar obediencia á lei do propheta, que pela bôcca do seu senhor lhe manda velar o rosto, nem por isso a mulher arabe deixa de pôr a *caputterie* ao serviço do partido de sedução que a mascara lhe permite exercer, sobre o leviano coração do forasteiro que de acaso a topa, nas cidades da orla d'África, envôlta no seu paletot-sacco de lã azul ou grosseiro borel.

Expulsa da Peninsula, eis a mulher arabe legando a suas filhas, a hespanhola e a portuguez, os mesmos cuidadosos habitos de recato, fundamentados, como sempre, no espirito religioso: e volvidos tempos, evolucionado o *costume* d'epoca em epocha, o turbante mahometano transfaz-se no bioco medioevo, sem phosphorescencias rutilas de sequins, brumas de gaze, reviravoltas d'estofos alvacentos, mas como uma especie d'apagador de panno, lugubre e monastico, que extingue o cyrio paschal da formosura feminina, e põe nas semanas-santas e nas precisões hespanholas, como um desdobraimento ao cortejo de monjes que seguem no encaño do Deus crucificado. O bioco, de que ainda hoje se podem vér centenas de exemplares pelas provincias hespanholas, e á roda dos escaninhos de beaterio-portuguez, Sernache do Bomjardém, Covilhã, Braga, e uma ou outra parochia da Beira e Traz-os-Montes, era uma especie de cartucho de fustão, panno ou velludo, forrado de tecidos mais ou menos cáeros, consoante os haveres da possuidora. Enfiava-se pela cabeça e com seus folhos amplos envolvia o busto, cerrando adiante por meio de colchetes e pequeninas rendas, em termos de não deixar mais que uma fenda ou olheiro que permittia á mulher, o vér sem ser reconhecida. Mais tarde, os folhos do bioco foram crescendo, até redundarem n'uma especie de capa comprida e larga de pregas, que passou a cobrir inteiramente o vestuario. O que por Lisboa a resta d'este trajo, perdeu o bioco, e constitue o capote da nossa mulherinha do povo, a alcoviteira, a engommadeira, a preta de recados. . . A mulher de familia, mais alegre pela garantia das instituções liberaes tão pacificamente ordeiras do nosso tempo, e pela transfiguração do antigo Deus tenebroso e vingativo da Edade Média, n'um bom Jesus padrinho das creanças e consolador dos infortunios, sentiu enfim a necessidade d'allviar a cabeça do tenebroso capuz que lhe escondia a luz do sol, e de mostrar a toda gente, a sua cara desannuviada e radiosa de *monagère*, de amante, de filha e companheira do homem toda entregue ao cultivo do amor e da felicidade, e não mais receosa das ameaças cataclyticas, com que os tenebrosos monges pregadores do velho tempo, lhe amordaçavam o riso, esmaecendo-lhe na face o carmin da saúde e da mocidade. Emtanto o bioco ainda apparece, aqui e além, n'uma ou outra terroela afastada de provincia, por occasião das festas quaresmaes, pegado ou despegado do grande capotão de pregas amplas; e ainda hoje impera, como peça de vestuario quotidiano para visitas, sabida ás ruas, etc., nas nossas ilhas verdes do Atlantico—Açores, Madeira, Cabo Verde—onde os velhos usos estacaram, no meio da vida pobre e patriarchal d'aquellas pequeninas sociedades, distantes e isoladas, fora dos requintes da moda, e inteiramente convergidas ao amanho das suas terras, á criação dos seus gados, e ao labor das suas ingenuas industrias d'interior. O *capuz* ou bioco do Fayal, que a nossa estampa representa, é o mais caracteristicamente exaggerado de quantos possam estudar-se por todas as ilhas portuguezas do Atlantico. Tem primeiro um esqueleto d'arame ou cartão forte, invertido sobre a cabeça como uma quilha de barco, cuja aresta desenhase no occuruto d'aquelle bisonho toucado feminino. Sobre esta carcaça, convenientemente almofadada d'estofos mais ou menos finos, e em termos de deixar a cabeça debaixo d'uma cupula, relativamente vasta, onde o ar circula, assenta então propriamente o capuz de panno, que se franze ao pescoço por uma fita ou colcheta metallica, e que sendo largo, espoja sobre os hombros uma vasta dobra pendente sobre o peito, em duas orelhas anafadas. Faz-se de tudo, o capuz do Fayal: d'um pedaço de lã, de chamolote felpado, de baetão, de panno fino, de gorgurão de seda ou de velludo. Juntilo ao capote constitue o trajo de cerimonia para a mulher do povo e para a pequena burguezia da ilha, sendo ao mesmo tempo o *cache-misère* das *ouvrenses* quasi indigentes, que na Horta se occupam de serviços humildantes.

FIALHO D'ALMEIDA





Lith. Guedes

David Corazzi, Edibe

ARRABALDES DO PORTO-PADEIRA  
(Traje de inverno.)





## A PADEIRA DE AVINTES

**A** mulher representada n'esta pagina é conhecida em toda a cidade do Porto e seu termo pela designação generica de *Padeira de Avintes*—o que não obsta a que de ordinario ella não seja nem de Avintes nem Padeira. . . Prudente aviso á precipitação d'aquelles, que pelo simples aspecto social e pittoresco de seu semelhante, tão ousadamente se abalançam a determinar-lhe o sexo, a profissão e a naturalidade!

Aquella—se assim ousou exprimir-me—padeira, e—porque assim o digamos—de Avintes, habita a margem esquerda do rio Douro na sua zona mais desafogada da angustia das fragas, mais verdejante e risonha, não prefixamente em Avintes, mas em qualquer ponto da borda d'agua desde o Arciinho até o ribeiro d'Arnellas.

Vem á cidade, onde umas vezes vende carne de porco, outras vezes os famosos biscoitos de tosta, morenos e estalejantes, bem conhecidos nos chás pacatos das reuniões familiares e das assembleas recreativas, ou a bróa já de milho branco já de pão de mistura, cuja grossa côdea lourejante, esquadraçada em manchas de escumalho côr de mel, scintilla ao sol como polvilhada de ambar.

Na sua aldeia ribeirinha ella sacha e monda a horta, espadela e fia, bota a teia, engorda o porco, deita a gallinha, fornece, e faz barcela.

Mas, propriamente de profissão, barqueira é que ella é.

O seu bote, meio de carga, meio de passageiros, escuro, comprido, de baldaquino á pópa como as gondolas do Rialto, e por ella remado em pé, com a longa pá, sem forquilha onde jogue e sem estorvo que a sujeite ao pau do tolete, tão pesada, tão difficil de manejar!—rio acima, rio abaixo, da banda de cá para a banda d'além, cantando o *Belleisão*, cantando o *Ribeirinho*, n'uma toada lenta e aguda, de uma saudosa expressão embaladora, em que o doce e frio mysterio das aguas correntes parece evolvar-se melodicamente da profundidade do rio para a concavidade do céo.

Os que vão dos Guindaes, da Ribeira, de Ma-sarellos ou de Miragaya jantar ao domingo em familia, e em festa «pelo rio acima» a Quebrantões, ao Freixo, á quinta da Oliveira, preferem para a excursão fluvial, ao bote correcto e banal dos barqueiros da Gaya, o pittoresco, o vetusto, o festival pangaio da *Padeira de Avintes*, mordido pelo sol, despintado pelo tempo, aqui e alli descosido e descalafetado nas juntas do cavername, de toldo de linho em remedos, com a flâmula em bico, de panninho vermelho, tremulando alegremente na ponta de uma vara de pinho.

A recordação da patuscalinha campestre, da fritura e da salada comida na relva á sombra dos castanheiros, entre o rumor da agua e o gorgoeio dos ninhos, fica para sempre alliada na memoria á silueta robusta e sadia da esbelta remadora, de cujo aspecto parece vir para nós, n'um ridente effluvio bucolico, a sensação dos fechos percorridos, dos morangas atravessados n'uma tarde de verão, com o carreiro da alfazema atravez do quinteiro, o pôço ornado de craveiros e de manjaricos, as garrafas lacradas de verde refrescando na rã de bica, os vestidos de musselina, os ramalhetes de papoulas e de espigas de trigo, a alface ripada em jovial collaboração em torno da saladeira em ramagens, e os viveres que saem do cesto novo para a tca ha desdobra da no chão, sob um picante e appetitoso aroma de rega, de cuentros e de cebolinho novo.

RAMALHO ORTIGÃO





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

CONDUCTOR DE TOJO-ALCOCHETE





## O CONDUCTOR DE TOJO — ALCOCHETE



maior parte dos nossos leitores, já conhece talvez a raça d'onde sahia para o album do desenhista, *d'après nature*, esta gigantesca e tostada figura de barbaro que se chama o conductor de tojo estremenho. Ella fornece aos barcos de carga que aboradam os nossos caes, todos os dias, desde Marvilla até ao rio d'Alcantara, o melhor das suas tripulações, feitas de rudes homens de hombros largos, olhos magnificos, e uma accentuação de pronuncia desgeitosa, em sobresaltos, dando a phrase por guinadas, e tão typica das nossas populações ribeirinhas da outra banda do rio. E' uma gente infatigavel, fecunda, forte, forjada em aço, que a vida d'agua adestrou para os perigos, no seu continuo jogo d'incidentes, e que poderia fornecer á nossa galeria um sem numero de typos interessantes, como o carregador de sal, o campino da leziria, e o vendedor d'alecrim das nossas ruas de Lisboa. O conductor de tojo, ou matteiro, é o parente co-irmão d'aquellas tres figuras, e pelo aspecto e pelo traje, de todas participa um quasi tudo.

Elle tem de feito, a calçota larga do carregador de sal, de panno cru, cobrindo apenas as coxas, como uma tanga, e deixando aos membros, quasi completa, a sua liberdade e a sua nudez. Pelo gorro de côr, cahido á banda, participa da *cranerie* do tão jovial campino alcochetano, rival do *gaúcho* argentino, na destreza com que sabe deitar um cavallo a toda a brida, charneca fora, truncando a marcha a um touro que se tressalhava por acaso, da manada. E a sua esbelteza nervosa e sécca de phenicio, a estatura alta, um pouco dobrada, os seus olhos de milhafre, grandes e claros, bem illuminados, com fibrilhas de todas as mancez conhecidas, dão-lhe um caracter pictural, uma força, um *moedido*, que á gente não mais esquece, e estão mesmo a desafiar uma aguarella.

E' um homem sobrio, como de resto quasi todos os camponezes do paiz, que mais vivem d'ar e d'exercicio, do que propriamente d'alimento. Logo ao romper da manhã, ou seja verão ou seja inverno, elle ahí vai, o conductor de tojo, atravez do matto, com a fouchinha á cinta, a corda enrolada ao tronco, o cachimbo negro na bôcca, e o forcado ás costas, para a sua labuta ingrata contra as espinhosas plantas da charneca. A canção que elle solta é lenta e triste, desentoadada, nostalgica, como quasi todos os cantos de trabalho do Alentejo. De roda, a paisagem dorme, n'uma pacificação profunda e pantheista, apenas longe a longe espietada pelo garrido dos corvos que revolteam por cima do cadaver de algum burro, pelo cacarejo das perdizes, ou pelo grito dos parulas do matto, que já a estas horas andam atapetando os ninhos, para os seus esponsas da primavera. E o Tejo, de qualquer ponto da selva se divisa, amplo como um mar, azul-escuro; e tão limpidio, que as latinas velas dos barcos parecem bicos de tesoura, rasgando por baixo a seda azul d'um estofio precioso —llhamado a prata, nas orelhas que vem pela areia fora, a espreguicar-se.

Aguarellada a figura, esmiucemos-lhe o papel que representa, e o ponto d'engrenagem da actividade humana aonde é preciso articular o seu trabalho. O conductor de tojo ou matteiro alcochetano, é o agente d'uma pequena industria que a capital propulcionou a distancia, como tantas outras, ao simples accordar d'alguma das suas necessidades quotidianas. E' elle quem fornece ás carrovarias os molhos de carqueja com que se accende o lume em todas as casas: elle quem alimenta, com as suas carregações d'agulhas de pinheiro, todos os fornos dos padeiros de Lisboa; e elle ainda quem, aos magarefes de porcos traz o tojo sécco e crepitante, que serve a chamascar o animal depois d'assassinado. Todas as classes subalternas da cidade lhe devem pois serviços importantes, accrescendo que quasi sempre o carregador de tojo — um caçador de profissão — fornece os mercados de perdizes, coelhos, gallinhas, patos bravos, etc., todas as succulentas vidualhas que elle pode abater durante os entreactos da sua faina cruel de roçador de matto. Em convívio, é um camarada indispensavel para as caçadas na leziria, cheio d'artimanhas, conselhos e entusiasmos d'um verdadeiro Nenrode ribeirinho.

Entre dois copos, de brucos na relva, e finda que seja a caldeirada de enguia que elle nos é capaz de preparar como ninguém — é uma coisa magnifica puxar-lhe pela lingua, e ouvir-o então divagar sobre as mil coisas poeticas e pittorescas de que um homem do campo dá razão.

Naquella alma rustica de barbaro, ha resignações suavissimas na pobreza, grandes lampejos d'alma generosa, arroubos lyricos... e é quasi feliz, o pobre diabo, mo-trando-nos a fouce, o forcado e os tres metros de corda, — a sua riqueza — e o cachimbo disforme de cerejeira, atulhado de Kentucky, a sua alegria. Quanto ao amor, imita o dos passaros, pela charneca, o qual dura o momento indispensavel á procreação: e sem voluptuosidade quasi, passa para deante, entoando buxinho uma cantiga.

FILHO D'ALMEIDA





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

TRAZ OS MONTES FRONTEIRA DE HESPAHHA—TRAJO ANTIGO





## CAMPONEZA DE TRAZ-OS-MONTES

li onde a vemos, diríamos, se não fôra o traje, reproduzida uma das mais interessantes figuras bíblicas, a de Rebecca no capítulo XXIV do *Genesis*, quando o servo fiel de Abraham vai buscar noiva para Isaac. E' a mesma que nos descreve o inspirado auctor do «Velho Testamento»—*Puella decora nimis virgoque pulcherrima, et incognita viro*. Uma encantadora belleza, respirando innocencia virginal, e na sua ingenuidade interrogando pensativa as florinhas do campo, consultando malmoqueres a ver se algum d'elles no desfolhar lhe promete em breve os sorrisos de um noivo! Está a gente a suspeitar quasi que por detraz do arvoredo surgirão prestes os camellos de Eleizer, e este a pedir á linda virgem que lhe dê agua do seu cantaro de barro. Uma perfeita scena de lyrismo patriarcal em terras da Mesopotamia!

E todavia é uma genuina portugueza a que alli se nos depara, copiada do natural e aguarelhada ha cerca de vinte annos pelo meu velho amigo de infancia Manuel de Macedo, que entre Freixo e Bragança, n'uma povoação rural de que nem elle proprio vai já talvez precisar o nome, teve a fortuna de surpreender este fugitivo exemplar de um genero actualmente extincto,—este curioso espécimen de um vestuario que poderemos hoje qualificar de obsoleto, perante o desconsolador desterro a que tem sido condemnadas pelo influxo modernizante de um mal-entendido progresso as velhas usanças do nosso paiz.

Reparem n'aquelle formoso typo de camponeza: as feições accentuadas da familia peninsular desabrocham com evidentes lampejos de influencia semitica na robusta corporatura da moça gentilissima.

Na cabeça, protegendo-lhe as madeixas côr-de-corvo, um lenço amarello de panninho ou de lan disposto por guisa que faz lembrar um toucado egypcio da epocha de Ramses-Meamun.

Os sapatos grossos de pelle-de-vacca,—por sobre as meias azues, cuja materia primis ella propria fiou nas longas noites de inverno á la-cira, ella propria torceu, ella propria converteu afinal com agulhas, depois de tintas as meadas, na apertada malha de um tecido forte e resistente,—denunciam que o rigor climaterico lhe não permite, como é permitido allás n'outras de nossas provincias, o pé descalço e nu.

Que importa, porém, ser grosseiro o calçado? rude e tosco é o piso; tem o pé de trilhal-o intrepido e soffredor de inclemencias e asperezas. Alli todo o mimo do idyllio na estatuaría feminal reserva-se para a esculptura das mãos! n'estas o apuro e a finura, n'estas o enlevo do enamorado.

Por sobre a camisa decotada, que lhe tufa alvejante, em ansas liberrimas, acima da saia, estreita-se carmezim com reflexos alegres e quentes uma especie de collete engraçadissimo, o tradicional *corpinho*, que faria estoirar de inveja muitas das nossas esparilhadas na convencional elegancia do moderno *high-life*. Da cintura desfaldá-se-lhe farta e ampla, té logo abaixo dos gemellos, a saia de castorina debruada na orla por um vivo de fina escarlata.

Saia e *corpinho* representam nem mais, nem menos, que dois dos elementos essenciaes da indumentaria na camponeza de Portugal em pleno século xvi.

Tudo isso acabou, como terá de acabar talvez aquelle proprio falar tão typico de medieval singeleza e pureza, que, ao escutal-o nos julgaríamos transportados em sonho aos tempos de Fernam Lopes, se porventura vendados nos levassem a terras aldeans de Traz-os-Montes!

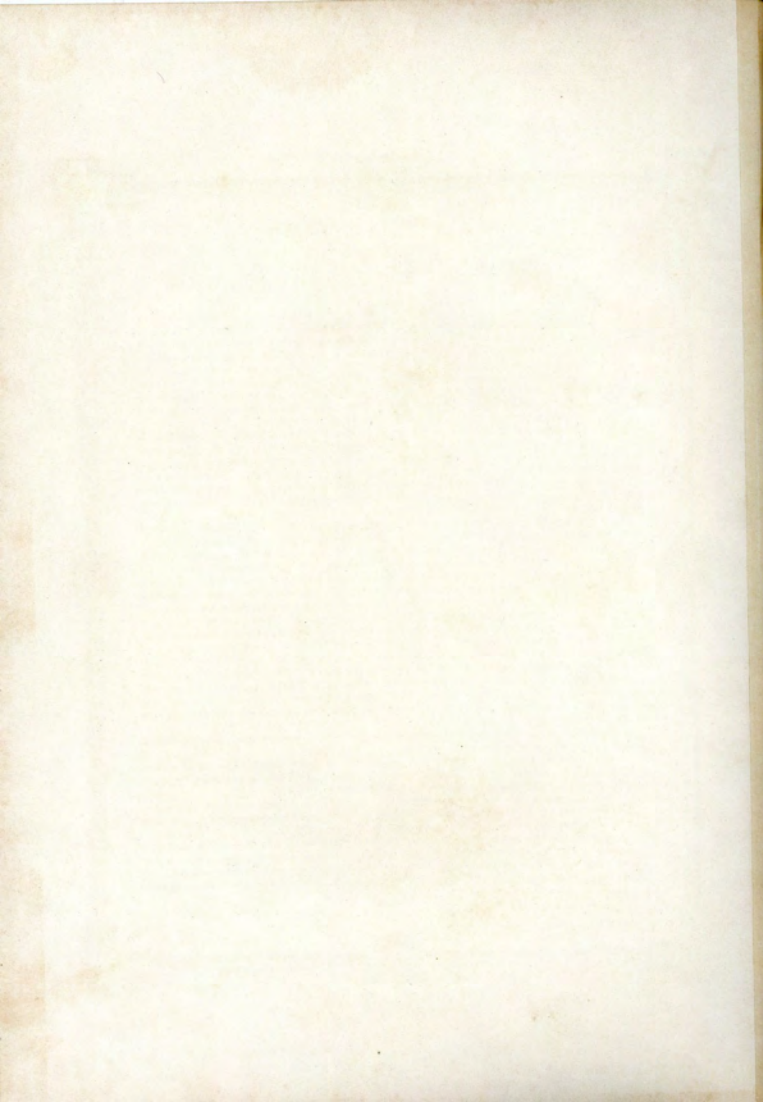
O que não acaba é a plasticidade escultural d'aquelles contornos, a carnalidade suave d'aquelles braços e d'aquelles hombros, a turgescencia palpitante d'aquellas pomas castamente destinadas ao que ha de mais sacrosanto nos destinos da mulher — a maternidade.

E para que não haja dívida ácerca da fé religiosa que lhe pulsa no coração de fervorosa christan,— embora as feições lhe estejam denunciando não sei que vestigios de atavismo judaico,— lá lhe avulta no collo, pendente de uma fita preta, a cruz d'oiro symbolica. Essa é que o progresso, que tudo lhe levou e tudo lhe substituiu, certamente não logrará nunca supprimir nem trocar com predilecto adorno da camponeza transmontana.

XAVIER DA CUNHA

71445 30  
1951 1951







Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

PEIXEIRAS-LISBOA

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## A PEIXEIRA DE LISBOA



que está de cócaras é a representante da peixeira antiga; varina velha, de traje alheio ás caprichosas modas do dia... Na cabeça, lenço amarello; no pescoço, lenço encarnado; collete atacado com cordão, pela frente, cinta azul, chapéu de Braga, saia de droga de lá mais rapada que ellicio.

A outra, a bonita, é dita que se avistam no mercado novo em noite de S. Pedro, festa de peixeira rara — *rara avis*. . . *piscaria rara* — porque sejam peixeiras o que lá haja menos.

Dormem sobre esteiras, em casas que alojam quatro e cinco casacaes, casas boas, ás vezes, de dezoito e vinte moedas de renda; ou em lojas sombrias e húmidas.

Vão, aos ranchos, de madrugada, para a Ribeira, arrematar o peixe dos leilões. O que o compra nos botes fal-o conduzir em cestos, e, com a rapidez de um pianista em percurso da gamma chromatica, berra, frenetico, uma vez o peixe dividido em montes, o preço da offerta e o preço em que o estima.

Enquanto pequenas, carregam o peixe miúdo, e, mais tarde, ninguém como ellas para o segredo que parece rada e para a venda é tudo, de dispór o peixe na canastra.

Devem fugir, alli, dos salmonetes seus primos, o ruivo e o peixe imperador ou rei. Vermelhos todos, teem, os primeiros, a especial galanteria de peixe para almoço; e não convem, chegados do Sado das sete horas para as oito da manhã, encanhal-os, porque assim digamos, com uns marmanjões de peixes, já por extremo distanciados da innocencia para se lhe chegarem sem perigo.

Se o linguado remolhar na agua do choco ou da sardinha, se o pregado se deixar prender nas gordurosas seducções do congro, mal irá ao caso.

O atum, por exemplo, gosta, como o leão, de andar sósinho. . .

Lavado o oleado que cobre o fundo á canastra para que não caia a agua do peixe na cabeça da peixeira, e não só lavado mas esfregado á escóva, accommodam-se os peixes por secções.

Os de digestão difficil, suspitosos para a boa alimentação, teem um cheiro forte, que, se nos propozessemos ao estylo *peripatetes*, poderíamos comparar ás propriedades da violeta, que, por seu aroma, em distancia, dá logo signal de si.

Mal disposto á vista, o peixe, pode, em vez de attrahir as attentões, affastal-as e dar motivo a que se retraiam, dando assim em ficar com o peor defeito de um alimento, enjair — antes de ser comido!

Já se tornou do dominio público, ser, do peixe, que este paiz deve esperar os elementos phosphoricos, unico remedio para o estacionamento de cifra da população, desde que, para tratar de politica, já nem sequer n'isso se pensa. . .

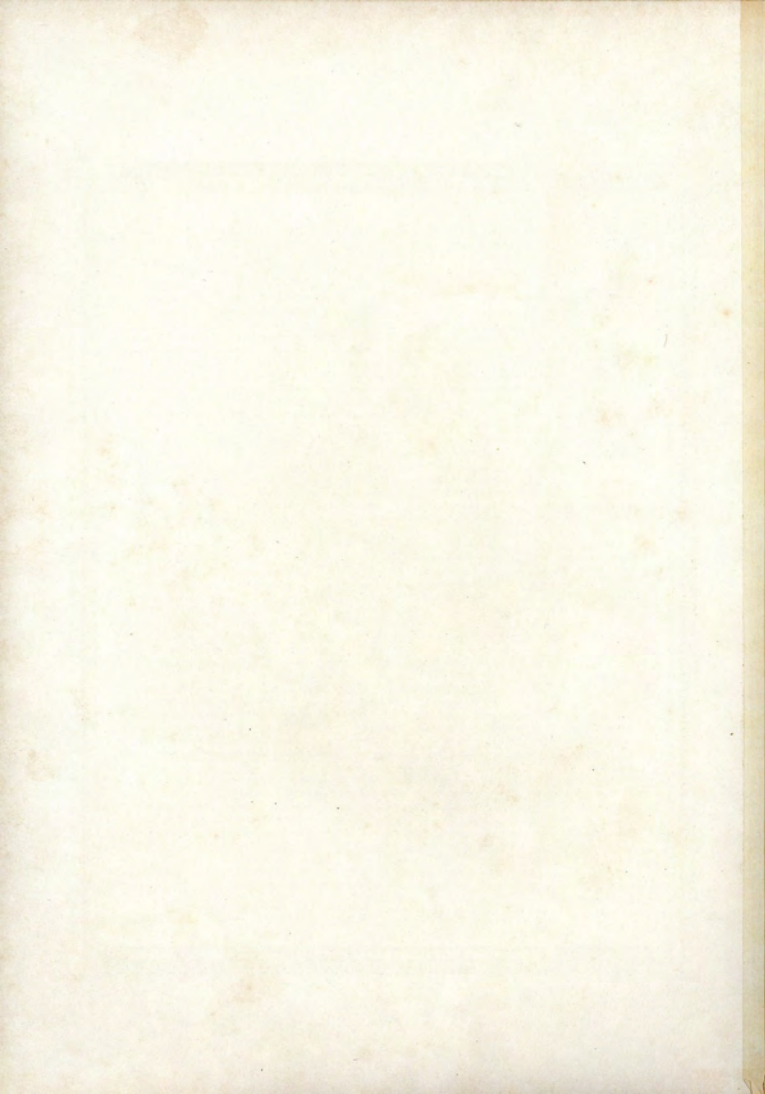
Pois a peixeira de Lisboa bem faz a diligencia de auxiliar pela sua parte esse incremento. . . O peixe, por cá é um amor, e, ellas, não só cuidam d'elle á maravilha, mas escolhem-o como sabedoras escrupulosas; deixando, com desdem, nas lugeas do mercado, o tamboril, e outros monstrinhos aquaticos de identico apparelho respiratorio, espinha molle, cartilaginosa, bichos do mar, interessantissimos para os naturalistas, mas, que a canastra despreza, — a não exceptuarmos a chata araiá, que vive, no fundo do mar, de crustaceos e mariscos, e as postas abertas de cação, disfarçadas, entre folhas de couve, em postas de saio.

O segredo d'ellas consiste em raspar a pelle d'esse peixe, aspera como piassaba e de que se usa para esfregar as mesas; ás vezes, arrancar-l'ha até, pronunciando com ira o nome d'elle ao puxar-l'ha.

Receiam-se uns, do peixe reimoso; — outros do que não tem escama. A peixeira conhece a clientela e larga o pregão pelos sitios conforme o caracter dos moradores. A familia do fidalgo é doente? — Apregoa-se-lhe com força o linguado, a doirada, e a marmota. — Residem alli os Florisbertos, que dão jantares aos seus amigos, em vasta patuscaria? — Peixes fortes e pregão rijo: cherne, lulas, corvina gorda, savel, fataça. . .

Agradam, estas raparigas, taes quees são; é o caso. Olhar fatigado das grandes lojas obrigadas a marmore, espelhos, e ouro, descança, quando contempla os logares da Ribeira; assim, depois de vêr senhoras, ha quem não desgoste de vêr ás peixeiras. . .

JULIO -CESAR MACHADO







Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

BOMBEIRO

MARCA DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## O BOMBEIRO (LISBOA)

—á deseje ser mulher bonita, carta d'alforria, Travessa do Imaginario... bombeiro nunca!

Porque a heroicidade d'elles é, perante os juizos publicos, um pouco como o jigo de scena dos actores — só faz bater o coração enquanto uma pessoa assiste a ella: depois esquece ou atenua-se — o que é poor — e da ovação momentos antes explodida aos pés do heroe, apenas ficam as medalhas de prata do governo, uma gravura em madeira nos jornaes, e a indifferença geral, que afunda para as profundezas do mesmo tedio, ao mesmo tempo heroes e insignificantes, valdevinos e martyres. Tanto isto é assim, que nós raras vezes vemos figurar o bombeiro como heroe, por exemplo, nas peças de theatro. Em França, Labiche passa-lhe de roda do uniforme a gargalhada argentina da comedia, e os *vaudevillistas* fazem-no entrar em scena, de cada vez que haja um grosso sal de pilheria a fazer render. A lenda de chalaça que d'antes se espojava, como um rabo-leva da ironia publica, detraz do *maire*, do guarda nacional, do official de diligencias, agora vira de bordo e procura o bombeiro, fazendo d'elle uma especie de cartaz do buffismo burguez e da pachorranta basofia do homem do povo, a cuja profissão official de carpinteiro, pedreiro, ferrador, pintor de portas, etc., o capacete e as churleiteiras do uniforme prestam uma encadernação marvotica, que as suas quotidianas occupações estão desmentindo a cada passo.

E todavia quanta bravura e fereza, quanta abnegação e amor da humanidade, não transfiguram á hora do perigo, a alma d'esses obscuros e bravos rapazes, que fartos de trabalhar durante o dia, prestes abalmar, vestindo á pressa as fardas sobre as blusas, ao primeiro rebate de incendio, e atravessando as chammas como demónios, de machado em punho e agulheta ao hombro, tranquiços, fortes, alegres quasi, como quem sente no intimo a consciencia limpida e volátil, e em todo o sangue a embriaguez do bem, innata, instinctiva, divina, alada, superior aos erros da educação, ás injustiças de casta, ás suggestões malevolas da demagogia e do egoismo — a embriaguez do bem, que n'este seculo de interesses, é ainda a grande e a inabalavel virtude da nossa alma popular!

Fecho os meus olhos e lembro-me de quantos obscuros martyres os incendios teem ceifado, no periodo dos ultimos seis ou sete annos, e de quantos nomes de bravos elles teem apanhado de á flor da massa anonyma, para os trazerem ao lume da celebridade um momento, ao registarem alguma grande victoria contra a morte. Lembram-se talvez ainda d'aquelle valente rapaz — o Bernardino — que n'um incendio do Corpo Santo, para salvar duas velhas que iam morrer carbonizadas, nos ultimos andares do predio em chammas, marinhou por uma das quinas da casa, sem escada, nem corda alguma, nem auxilio, valendo-se apenas das unhas e da pressão nervosa dos joelhos, que ia ficando com uma destreza de gato, nas escabrosidades nodosas da muralha, até chegar ao alcance das victimas — o que lhe valeu do povo que assistia á tragedia, uma das mais quentes ovações que em Portugal se teem feito a um grande artista.

E outros ainda — o bombeiro Eleuterio, que é uma especie de patrão Joaquim Lopes dos naufragios pelo fogo — Gallherme Cossul, o musico, que morreu victima de enfermidades contrahidas no desempenho da sua generosissima missão de bombeiro voluntario: o negociante Brion, o enorme, o velho, o torre — Eiffelcoso Brion, que eu vi n'um incendio, com a sua luneta de myope correctamente encavallada no *bec*, sobrecaçada ao vento, chapéo alto para a noça, o gesto calmo, o ar risonho e distrahiu, galgando telhadões no meio da fumarada que se desagregava do incendio, em vortilhões asphyxiantes, atravessando os corredores no meio das chammas, com o passo gymnastico, quasi *flameur*, com que á hora da faina andaria pelos seus escriptorios commerciaes. Esta indifferença do perigo, põe na triste raça humana a grande nota impassivel, que reporta o homem aos seus avós da fabula, os semi-deuses; e torna-se afinal contagiosa, e por todas as classes sociais vai recitando proselytos, esfimados de gloria, grandes allucinados pela monomania das fanfarras, que se aggregam em corporações, sociedades, regimentos, e orgulhosamente passeiam pelas ruas os seus lampejos de latão dos capacetes, — um pouquinho comicos talvez na vida ordinaria — mas prestes a resgatarem á primeira voz de alarme, por algum vivo rompanse de abnegação e destemor, todos aquellos pequeninos e burlescos senões da *mise-en-scene*.

FIALHO D'ALMEIDA





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

MULHER DE CAPOTE E LENÇO





## A MULHER DE CAPOTE E LENÇO

**S**onito não era, devemos confessal-o. Nesta questão de trajar não é tudo, porém, perfeitamente relativo? São bonitas por acaso as toucas das normandas? Eram bonitas as mtras ponteadas das mulheres do seculo xv? Pode dizer-se mesmo que fôsem bonitos os véos orientaes em que se envolviam as gregas da época legendaria? E comtudo os normundos não deixam de se apaixonar pelas suas embiocadas noivas, e Izabel de Baviera não deixou de fazer andar a cabeça á roda aos fidalgos da sua côrte, e ainda no outro dia não deixou de nos parecer arrebatadora a Sarah Bernhardt, embora envolvesse o seu rosto extranho illuminado pelos seus olhos fulgurantes, nos estreitos véos da incestuosa Phedra!

Em cada paiz deve ter a mulher o trajo que lhe é proprio.

A parisiense é garrida, audaciosa, scintillante; pois muito bem! que mostre o pé, que deseñhe o corpo, que estupenteie os alourados cabellos! a andaluza é ardente, desenvolta, apaixonada; pois que se envolva na negra mantilha e agite o ar com o leque febricitante! mas a lisbonense era devota, meiga, tímida, assustadiça! não lhe faria mal á sua recatada belleza o alvissimo lenço que lhe dava realce ás rosas do seu rosto, e á luz dos seus grandes olhos negros, como os véos brancos de Phedra avivam a chamma do seu olhar apaixonado, e como a toalha casta das freiras de S. Bernardo tornava mais provocadora a scintillação inesperada dos olhos voluptuosos da madre Paula.

Eu conheci, quando era creança, a mulher de capote e lenço nas suas diversas manifestações. Tres Marias, que bem se podiam chamar a Maria bruxa, a Maria sonsa, e a Maria régia.

A primeira era uma velha temível, verdadeira *virago*, uma *tricotouse* portugueza. Tinha voz de homem, olhos pequenos e chammejantes. Quando lhe chegava a furia, e irrompia em declamações patulêas, cahia-lhe o lenço para traz, sahindo-lhe as farripas da abertura do toucado, traçava o capote e ella ahí ia, descompondo os Cabraes que lhe não pagavam os juras das inscripções. Se encontrasse n'essa occasião o marquez de Loulé, dir-lhe-hia: «Tu serás rei». E o pobre marquez, que nada tinha de Macbeth, fugiria horrorisado.

A outra era uma creada mystica, olhos baixos, lenço puxado para deante, e fazendo uns grandes tufos de ambos os lados da testa, capote escondendo religiosamente aos olhos profanos o corpo franzino. Tinha as suas razões para isso, porque... tinha um filho na Santa Casa. Aquella piedosa pessoa encontrara um dia um carvoeiro que, em horas de maré, tornara indispensavel esse religioso arranjo do capote. Os olhos baixos da santinha erguiam-se ás vezes chammejantes, e pareciam procurar ou Deus Nosso Senhor, ou outro carvoeiro. Não se sabia ao certo.

A terceira finalmente, essa é que justificava a *toilette*. O rosto de um oval purissimo desenhava-se com uma correção extrema, cortado, como o da Leonora de Feuille, *d'une étroite sévère et pure*, pelas pontas do lenço que se uniam sobre o collo. Os olhos, cistos e alegres, brilhavam com um esplendor meridional, e as faces côr de rosa casavam-se bem com a brancura do toucado. O capote, embora pesadissimo e desgeitoso, cahia-lhe sobre o corpo airoso e erecto, como um manto de rainha burgueza. Era a formosura nacional, modesta e sã.

Todas tres faziam lembrar as rezas — a primeira as rezas ímpias do sabbat das bruxas, a segunda as rezas engroladas dos rosarios esbragados, a terceira os versiculos formosos da ladainha.

O que se deduz d'aqui? uma cousa bem simples, é que o habito não faz a freira. Em a freira sendo bonita, qualquer habito é formoso.





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

CAMPINO





## O CAMPINO DO RIBATEJO



Ele e os bois! Tudo o mais, permita-se-me que o diga, não representa no Ribatejo senão elementos esportivos. Elle e os bois! E aqui temos as duas individualidades características das nossas lezírias e dos nateiros uberrimos que marginam o Tejo desde Alhandra até aos campos da Chamusca e da Gollegan.

Sem a manada dos toiros que lhe coube em sorte guardar como inseparáveis companheiros, e aos quaes elle dedica verdadeira affeição como a pupillos queridos que lhe constituem familia propria, o campino ribatejano deixaria de ser o que é. Por sua parte, succederia outro tanto aos toiros: sem o solicito guardador que os estima, e os defende e quasi os acaricia, deixariam elles de formar aquelle educado grupo da manada, e voltariam á condição bestial de ruminantes nomades, quaes se deparam em bandos selvaticos na Africa e na America.

Porque entenda-se:—o toiro na lezíria é quasi um boi civilizado!

Se ficam longe do povoado as pastagens, acontece frequentissimo o passarem-se oito, quinze dias, tres semanas ou um mez, sem o campino encontrar vulto humano com quem desenferreja a lingua. E volta-se então para os bovidos, cuja superintendencia lhe incumbie; com elles desabaña, e com elles quebra a monotonia da solidão. Este é o *Vermelho*, aquelle o *Mourisco*; est'outro é o *Rapa*; aquell'outro chama-se *Molhado*; mais adiante está o *Bejouro*, e logo em seguida o *Carapa*, o *Banito*, o *Salgado*, o *Pisa-flore*: a todos trata pelo seu nome,—que elle mesmo lhes poz. Fala-lhes, e elles entendem-n'o; quem sabe até se lhe respondem? quem sabe se entre guardador e toiros se trava um dialogo que só elles comprehendam?

O que não obsta a que—dada a hypothese de um desequilibrio accidental na harmonia commun d'aquella grei ás vezes um pouquinho irrequieta—o campino lance mão do providencial pampinho e faça entrar na ordem os impacientes e os estouvados! De resto... amigos como d'antes! amigos sempre... áparte alguma eventual marrada que venha intrrometer-se como episodio picturesque!... Tal qual exactamente succede não raro no conselho-de-ministros e no parlamento de certo paiz, cujo nome por modestia aqui não quero proferir, mas que ambos nós conhecemos de perto, eu que estou escrevendo e o leitor que me está aturando!...

Aho, esguio e musculoso, esbelto, desempanado, apumado, com a tez morena tostada pelas soa-lheiras do meio-dia, o campino ribatejano tem no sangue a denunciar-se uma proveniencia sarracena, que em tudo se lhe accusa, quer attentemos nas accentuadas linhas do seu typo incontestavelmente mozarabe, quer nos voltémós para a decidida sympathia que elle por instincto mostra em relação ás cores abertas do traje, quer lhe estudémós a mobilidade vivaz de sua expressão physionomica ou inclusivamente considerémós a resignação corajosa e aventureira com que se presta soffredor ao constante labutar de uma occupação que na maior parte do tempo o sequestra da convivencia social.

Não se julgue entretanto que o torna sorumbatico e taciturno esse degredo a que o condemnam exigencias do seu mestér. Em noite de festa ou ballarico de noivado, quando a urgencia do serviço o não prendia na lezíria junto da manada, vel-o-hão concorrer na desprezenciosa elegancia do fato domin-gueiro, com o barrete de lan verde orlado de vermelho, o collete de panno encarnado (desabotoado quasi sempre), no hombro esquerdo como por demais a jaleca de briche nacional, nos quadris a cinta listrada de variiegadas cores em que o escarlata predomina, fazendo assim destacar-se o calção justo de batido ou de velveta azul, que por seu turno deixa realçar a nitidez irreprehensivel das meias brancas apertadas pelas ligas: no collarinho da camisa, não menos alvejante, os indispensaveis botões-de-guiso em filigrana d'oiro. Ahi está como elle se apresenta incansavel no sapateado e no baile-de-roda,—cada qual com a sua moção em mira, cada qual tacitamente apostado a levar de vencida os parceiros no retoicar e no galantear.

E o valente—que n'uma corrida á galope, em osso, e de varapau traçado sob a perna, logra, com uma espora só, governar potros indomitos,—agora aqui, entre raparigas, é capaz de readar com seus re-quebros a mais esquiua, a mais rebelde, porventura a mais formosa do grupo.





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

AGUADEIRO



## O AGUADEIRO



philosopho epertalhão... De tudo o que menos tens vendido, é água!... Tens vendido o amor, os negocios, as altas decisões das empresas da vida, a resposta, boa ou má, dada ás esperanças, mercê da paciencia incançavel, que na tua raça tem representado o talento de ganhar a vida parecendo carregar... e carregando os outros!

Encostado á esquina de um prédio, que nunca haverás pensado nem terias querido que viesse a ser teu, por evitares no teu supino egoísmo as sensaborias gratuitas da propriedade; de sacco ao hombro, braço arqueado, mão desdenhosamente encostada ao quadril, ouvido prompto ao *psalviu* de quem te chamar, contemplos com desprezo as glorias, e as grandezas que passam pela rua, e descae-te o beico inferior n'um sorriso para os mysterios que avistas, e de que só tu, tu só, tens a chave!

Conheces tudo e conheces todos, gallego sabio!

De cabo a rabo e n' todo o verão levaste uma carta a Pedreiroços, e voltaste de Ripert para a tua esquina á espera de que outro co'npañheiro te trouxesse a *contestacion*...

Tu foste quem atormentou, manhã por manhã, accordando-o a toques reiterados de campsiinha, o devedor embaraçado de um crédor teu freguez!

Na pista um dia inteiro de uma familia, que visitava as igrejas em quinta-feira Santa, tu a seguiste á luz e na sombra, tu ouviste dois offlios e um sermão, e s'm a perdeser de fero na turba multa, tu a acompanhaste em distancia, á meia noite e um quarto, de baixo d'água se Deus a dava, até á veres recolher a seu domicilio...

Deixando aos teus collegas, nossos compatriotas, a vida airala de segurar cavallos á porta do *Turf-Club*, e atirar das torrinhas de bóca ramos ás bailarinas, chamaste a ti a especialidade de juntar peculio real a real, vintem por vintem, incumbindo-te de levaros o *lanch* ao castellino de rua isolada, onde, sem ninguem o sonhar, alguma fidalga, vá ás vezes passar o dia longe do seu palacio na penumbra risonha dos amantes...

Que os portuguezes, teus companheiros na romagem dos recados, dêitem pombos aos tenores sem voz, atando-lhes um cordel á aza para não voarem de todo, reservando-os para o arroz da ceia do cantor *amphitryão*... Tu, jamais aceitarás tuas incumbencias, nem te sujeitarás a ir ao theatro sem gôsto e sem vontade como só fazem os elegantes, os *claqueurs*, e os imbecis.

Sempre de corpo á freica e em mangas de camisa, calça arregaçada á lord Palmerston, e sapato sólido, a corrente do teu relógio parece lembrar-nos que o tempo é dinheiro, e que o confidente da vida, o porta-voz e correio dos negocios e das tratantadas, tem os instantes contados desde o romper do dia até que recolha á casa da malta.

Herculano não acreditava que o gallego nascesse, e por isso o não considerava nascido em Galliza, e simplesmente vindo *da terra*, — que é o mais que se sabe d'este animal, que o homem imita sob varios pontos de vista.

Tinha-o, porém, em conta do mais distincto, o mais forte, e o mais digno de observação entre todos os typos e chamou-lhe mysterio sem querer saber «se a phrase fede a Luthero». O peor é que não fede bastanta, para lhe quadrar á maravilha.

Para mim, francamente, o gallego representa um tólo que perturba a harmonia de bestialidade de que é dotado, por uma forte dóse de velhacaria.

Gallego e basta: — diz o conceito popular.

Ainda ha pouco tempo encontrei-te na rua:

— Aqui tens meio tostão, vai buscar gelo e leva-m'o a casa, do corrida; toma este lenço para o embrulhares. Vóá! Travessa do Moreira, ao Salitre, 2, 3.º .. Vouste?

Cinco minutos depois, batias á minha porta.

— Já?! exclamo. Como podes ter tão tempo de iras ao Rocio?

Apresentas-me uma estampilha; tomáras *sello* por *gelo*; —trazes-me um sello de meio tostão...

E tinhas-me julgado tão asno que te houvesse dado um lenço para embrulhares a estampilha!

Baia!

JULIO CESAR MACHADO







Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

VARINA DA MURTOZA



## A VARINA DA MURTOSA



Impossível que o observador sensato, quando vê á porta de uma escaða uma varina a vender peixe e a descompôr a creada que lhe vem fazer as compras, não diga consigo que é perfeitamente convencional o entusiasmo pela plasticidade das varinas, e que a tradição d'aquelle prelado romano, que aqui esteve e que ia todos os dias vê-las correr no Aterro, prova apenas que não era ruim de contentar esse patricio de Raphael.

E contudo nada ha mais justificado do que essa fama de belleza e de elegancia que as varinas possuem, mas o que é necessario é procural-as no seu meio, na sua atmosphera, na aljeia natal onde florescem, em plena terra, ao ar livre, e não n'estas estufas das grandes cidades, onde degeneram, onde perdem as suas qualidades nativas, as suas côres fresquissimas, e até aquelle recato grave e delicado com que vão guiando nos campos da Murtosa, a caminho do mar que açoita ao longe os areaes da Torreira, o seu carro de bois, vagaroso e chiador.

Conservam ainda em Lisboa um pouco da sua natural elegancia, porque o esforço musculosa, que fazem para manter firme na cabeça a cebha de peixe, conserva-lhes o corpo desempenado, gracioso e bem ondulado a curva do seu busto.

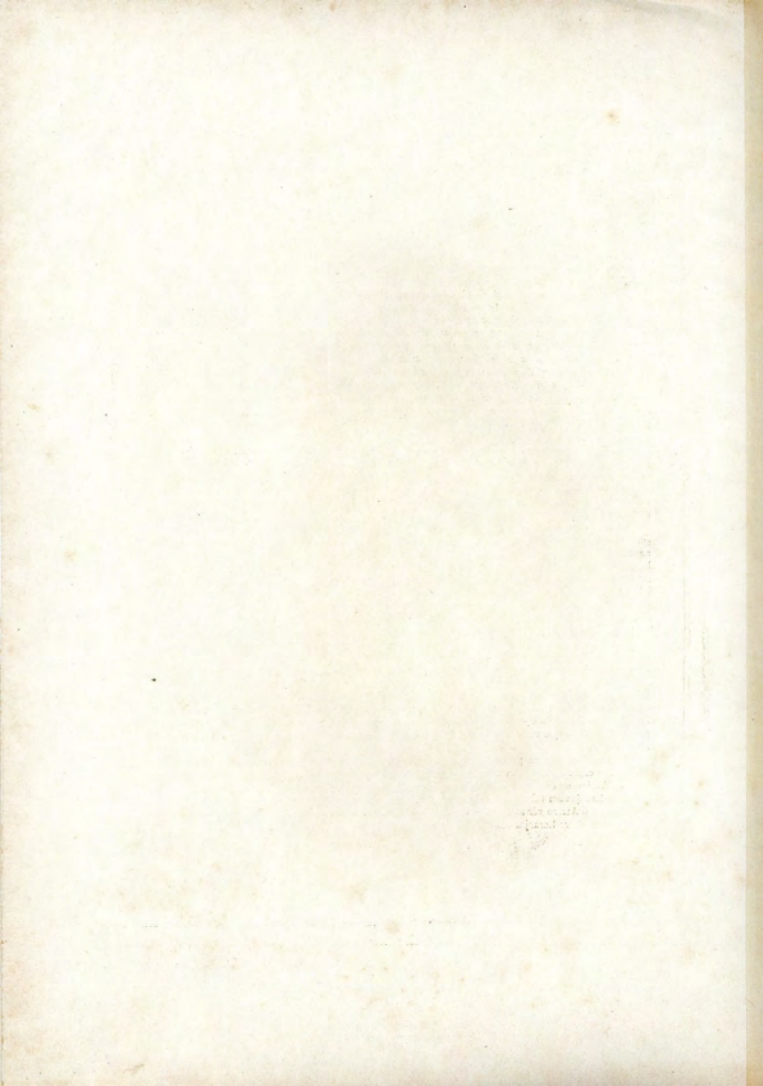
Mas o ar empestado do bairro varino desbota-lhes as côres, e marcha-lhes a frescura; a promiscuidade d'aquelle meio corrupto e corruptor parece que apaga no seu olhar a luz serena e fulgurante que o sol das suas terras accende nas suas pupilas; o scio firme toma aquelle pendor *não grato* do verde limão de que fala Garrett; estorce-se-lhe a bocca e rouqueja-lhe a voz no uso frequente da linguagem da Angot; e aquellas finas estampas do Norte parece que se transformam n'umas lithographias grosseiras como as que adornam os muros banaes dos botequins.

Procurem-n'as por exemplo na Murtosa e ahí verão o que são essas gregas do Occidente com as suas formas esculpturales, com a sua pallidez morena, com o seu radioso olhar, em que se não reflecte aquella aivez baixa do preço da sardinha que avilta os olhos das suas irmãs da capital. As vezes tambem têm as suas luctas e as suas coleras, e nas discussões asperas da divisão do peixe erguem-se de subito as imprecações fulminantes. Mas não nos achamos em presença das Angots reles que vomitam injurias de bocca torcida, o que temos diante de nós é uma Electra a fulminar Clytemnestra com as imprecações de Sophocles, saltando os cabellos, torcendo os braços, tragica, sublime ás vezes nas invenções da sua ira. O mar, que as educou, foi que lhes ensinou as suas coleras, como os pinheiros dos areaes lhes ensinaram, em dias de temporal, as suas esbeltas attitudes. Não as desbotaram as emanações mepêuticas do Aterro, ainda por ellas não roçou a aza polluida da prostituição lisbonense, nem as fez escravas o contacto deprimente dos sultões de baixa esphera. Flores gentilissimas da Murtosa quem ha de reconhecer-vos no lamaçal da cidade? Tendes lá as romarias á beira-mar, os descantes á luz placida da lua nos campos orvalhados, as fontes limpidas e claras onde ides lavar o rosto nas manhãs de S. João, o ar impregnado dos aromas da terra e das emanações salinas do mar, como podeis conservar essa nativa gentileza n'este ambiente pestifero das ruas estreitas e immundas, com os descantes obscenos, a pandega vil da taberna enfumaçada e quente? As vossas fontes das manhãs de S. João são os marcos fontenarios da companhia, o luar que vedes é o luar municipal dos lampiões, e as romarias os arraaes balhentos e sorridos dos arredores.

As vezes as varinas procriam na cidade, e nada mais triste do que essas creaturas nascidas na regueira das captaes, que nem ao menos abriam os olhos á luz do céu amplo e sereno, os pulmões nos effluvis resinosos dos pinhaes, e os ouvidos ao canto embalador do Oceano. As varinas de Lisboa são como as laranjas em Paris, fructa de estufa, engelhada e sem sabor. Por isso ao tal prelado estrangeiro que ia para o Aterro vér as peixeiras, todo o homem que prezasse a gloria portugueza devia dizer:

— Monsenhor: Laranjas em Setubal, varinas na Murtosa.

PINHEIRO - CHAGAS







P. Masullo, del.

Lith. Gard.

Macedo

David Corazzi Edito

PRETO CAIADOR



## O PRETO CAIADOR

Link quando trata de Lisboa na sua obra *Voyage en Portugal depuis 1797 jusq'en 1799*, não se a dizer cruelmente: «A maior parte dos ladrões são pretos; ha grande numero d'elles aqui, mais que em todas as outras cidades da Europa sem exceptuarmos Londres. Pretos ha, que se entregam a occupaões licitas, habilidosos em seu officio; muitos, todavia, são mendigos, ladrões ou rufiões».

Diz isto no tomo I. No tomo III volta ao assumpto: «O que eu disse no tomo I, paginas 204, a respeito dos negros em Lisboa, não está verificado. Pessoa que conhece bem o paiz veiu negar que haja aqui abundancia de pretos salteadores». Depois, citando o lung, desafina um bocadinho por outra maneira:—«M. lung diz que a quarta parte da população de Lisboa é composta de pretos e de creoulos; mas esta asserção é exaggerada». E' caso para se lhes dizer: Hom'essa! . . .

A Lisboa d'esse tempo justificava até certo ponto taes apprehensões. Todos de noite pareciam salteadores, por essas ruas barrancosas, em que se ia aos tombos de abysmo em abysmo, escorregando no calcão, esbarrando nos frades de pedra, cahindo de vertas nos montes de calça, encontrando apenas de meia em meia hora um candieiro de luz mortica, que mal chegava para uma pessoa conhecer que se enganara no caminho. Se todos os pretos pareciam salteadores,—ás escuras todos pareciam pretos. . .

Tal qual o vîmos, este *patinho* teve sempre orgulho da sua raça, e nunca houve dar-lhe volta em conhecimento e estima da nobreza de côres. Sabe que branco e preto, dão mulato; branco e mulato, quarto; preto e mulata, mulato sombrio.—É conde ou marquez, Benguela, de S. Paulo, Moçambique, ou Cuabá. . . Tribuno da irmandade nas reuniões preparatorias do rio da Atalaia. . . I-abuente nas festividades com que o imperio celebra os Reis, Nossa Senhora do Rosario em outubro, e Jesus Maria e José em maio. . . talvez ministro. Adepto da causa do principe, o qual desde 1840 perdeu, como elles melhor dizem na sua lingua bunda: *oâ pedetela oculo oê quisco chestina* a importancia a que tem direito.

O preto caiador pertence hoje á fabula. Já de ha muitos annos que sahio das formas classicas para o estrado comico. Quando o publico se cançou da phenomenos nas feiras, accetou o preto como uma novidade. A nostalgia da ratiche berrava por usos velhos. . . Preto, que *ribolava* sempre, tornou a *ribolar*.

Ao mesmo tempo se tingiram uns pobres diabos fazendo-os cantar e dansar de paes cachudês. Vem de Londres a moda, e d'ella deu a amostra o Whittoyne n'um intermedio.

O descendente do caiador accordou então a acudir pelos seus toros:

—*Pleto deixa pleto riferas e cêcheras e vae brincar batuque na feira milho qui Branco farruscado. . .*

Pae Casua enfadara-se de ver branco cair a seu lado. Cair, só elle. Mas, os empenhos em Lisboa vencem tudo. . . Branco metterá empenho. . . D'ahi a desordem e a ruína, que nem o marulfo commun poudé levar á paz.

Indo juntos, de uma occasião, vêr S. Jorge, não sei se em parte por curiosidade ou se absolutamente por devoção, escondeu-se um d'elles, e, enquanto o outro se queixava das irregularidades do companheiro, disse de lá—em voz grossa e cava, como se fôra a voz de S. Jorge,—o que estava escondido:

—Separem-se sem demora. Acabem essa camaradagem. Preto quer-se com preto, branco com branco! Não deve homem negro dar cal, que a cal é branca! Beberão! Beberão!

Fô o preto, foi o branco que falou? As palavras eram applicaveis a qualquer dos dois. O certo foi, que se separaram, e preto caiador abandonou a arte—para sempre!—com melindrosa superstição. . .

Que azevichados pretos, de um negrume forte, grosso e fundo!

Que côr preta retina! inveja das filhas da volha crendice da Edade-Média, que com o seu cheiro esconjuram os demônios, desfazem o quebrato, dejetam as ligaduras e encantamentos, e afugentam os phantasmas brancos. . . Menosaveis caiadores!

Com um bocaco de carvão faz-se-lhes um risco branco.

JULIO CESAR MACHADO

JAN 20 1930  
ORIENTAL BOOKS





P. Maedicher, 1876

Lith. Guedes

Macedo

David Corazzi, Editor

PASTOR SERRANO





## O PASTOR SERRANO



em duvida, na serie evolutiva das transformações por que passou desde o seu berço a actividade humana, a entidade «pastor» é uma das mais sympathicas.

Começando por alimentar-se dos fructos que a terra espontaneamente lhe proporciona, logo convertendo-se em caçador e pescador, o homem passa depois á phase do pegureiro e n'ella entra a conciliar os primeiros elementos de sociabilidade, haurindo na convivencia com o rebanho uma feição affavel de sentimentos bondosos que por fórma nenhuma se podia compadecer com o mestér aventureiro e um pouquinho brul da caça ou da pesca.

A propria Poesia comprehendeu isto mesmo, phantasiando o loiro Masageta a pastorear na Thessalia os gados do rei Admeto. E desde Theocrito e Virgilio, até Gessner, Florian, e Gonzaga o apaixonado cantor de Marilla, que ininterrupta galeria de bucolistas!...

É que o poeta ou se incorpora no guerreiro, e temos então nos cantos de Tyrtus inflammada a coragem de Esparta, bém como nas estancias d'*Ot Lusíadas* incendiado o entusiasmo dos Portuguezes a defenderem Colombo,—ou reveste a fórma pastoril, quando, em vez do amor da patria, lhe acodem por thema Je seus castos o amor da Natureza e o amor da mulher.

Vejam na Biblia os mais amenos idyllios se não teem sempre este feiço: Abel, o filho bom de nos-ros primeiros paes, é pastor de gado; pastor de gado é o amoroso Jacob durante quatorze annos por conseguir a posse da sua formosissima Rachel; David, que alterna com a harpa de poeta o baculo de peceiro, só larga este ultimo quando o povo de Israel o convida a empunhar o sceptro da realza; no «Cantico dos Canticos» o adorado amante da Solamite é ainda um pastor; pastores são os primeiros que no presépe de Behlem vão saudar o recém-nascido Filho da Virgem, anticipando-se, com suas modestas, humildes offerendas, ao incenso, á myrrha, e ao oiro, que mais tarde lhe hão de vir trazer os grandes poetados da terra.

Em Portugal o pastor serrano offerece-nos uma physionomia singularissima: vai-se jurar que está n'elle o descendente d'esses estrenuos montanhezes que surgiram intrepidos no Herminio quando contra a invasão das legiões romanas sou clamorosa a voz do lusitano Viriatho.

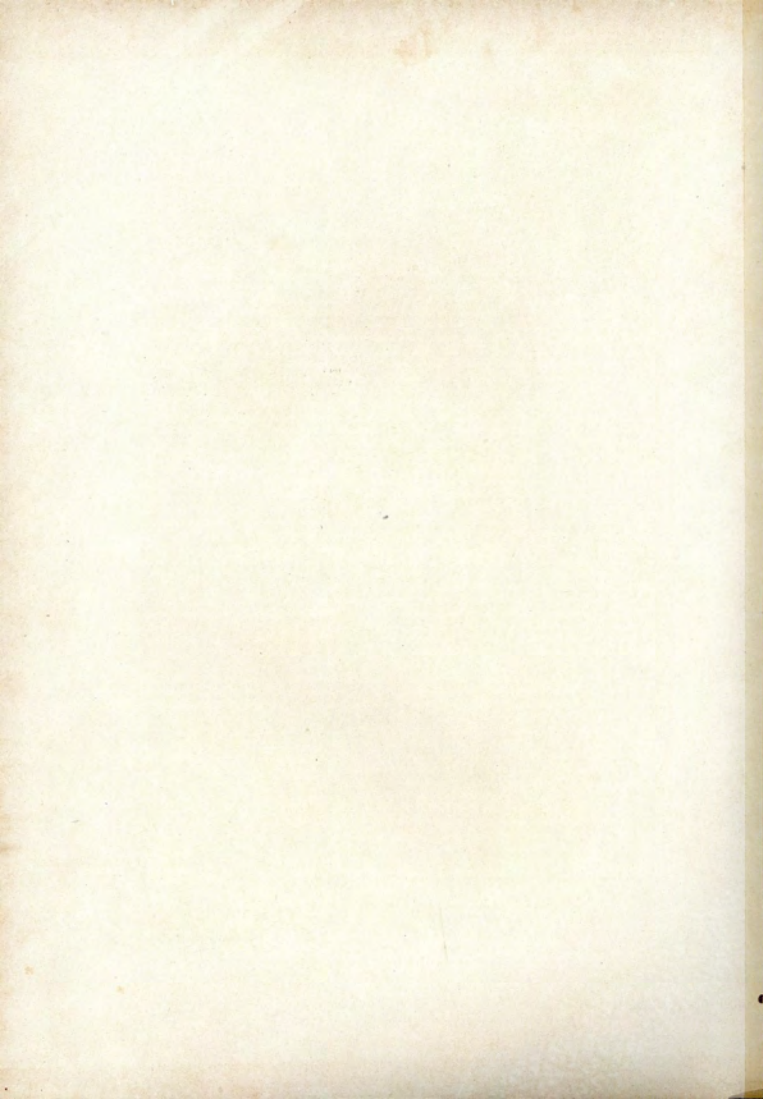
Mansos de condição e habitualmente pacíficos,—ninguem vai de prompto imaginar como ciosos elles se mostram do torrão patrio, a ponto de converterem-se em leões sanhudos quando alguém ouse affrontar-lhes os bríos de nacionalidade. Mas'no trato normal representam elles, á similhaça do gado que apascentam, verdadeiros typos de mansidão e paz: em tudo sempre um geito affectuoso e amavel caracteriza o que de pastorear faz seu constante mestér, sobretudo o ovelheiro que na macieza das lans apprende talvez a macieza do genio.

Na pelle das ovelhas pretas talha elle os safões, com que envolve as coxas mal protegidas pelo calção de briche; onde inferiormente termina o calção começam as polainas de saragoça cor-de-mel, que a seu turno se amoldam no sapato ferrado; no peito e nos braços, por sobre a camisa de linho grosso, a camisola forte de malha-de-lan, e sobre esta o collete aconchegado ao corpo pelas voltas multiplices da cinta vermelha; na cabeça o chapéu negro de feltro, com aba revirada e debruada de velludido, copa baixa cingida por larga fita do mesmo velludido tambem; sob o chapéu, e resguardando a cabeça com seu véio de carapaço ou toucado feminino, o lenço de chita atado no occiput, com as pontas fluctuantes no saber do vento; a tiraco lo pendem-lhe, n'um lado a indispensavel cabeça d'aguardeme para «matar o bicho» no outro o «azeiteiro» (um chifre de boi, convenientemente roliado e repleto d'oleo) para tempero do farnel que traz nos alforques; nos hombros descansa-lhe a manta listrada, que o abriga das geadas e das chuvas, e que de noite lhe serve de cobertor quando dorme.

Tudo isto quer dizer que o pastor serrano tem de arrostar amiude com as inclemencias da Natureza; mas forte como é, sobraçando um simples vrapau, e auxiliado pelo fiel saféu que nunca o desacompanha, consegue elle sempre trazer a salvo dos lobos o rebanho que lhe confiaram em deposito.

E em meio d'ê-te rude viver entre brenhas e fragas, ha tal que, se as moças dos legarejos proximos roubessem latin, não d'vidariam porcerto applicar-lhe o conhecido verso virgiliano

*Formosi pecoris custos, formosior ipse!*





Lith. Guedes

David Corazzi, Editor

MOÇA DE LAVOURA (Minho)





## MOÇA DE LAVOURA



So temos evidentemente na nossa presença uma das heroínas da *Terra* de Zola; e não temos também uma Daphne ou uma Tircis da velha Arcadia. Mas não estará a verdade tão longe das campinas arcádicas em que os pastores usam surrões de velludo e cantam ao som da fruta e da avena as delicias da madrugada em versos saphicos, como o está também d'esses campos grotescos em que as lavadeiras não fazem senão transmittir ao publico por um canal que não é precisamente o da *fruta* de Mélieu, mas talvez mais o do trombone, as suas expansões intestinaes de um lyrismo muito duvidoso?

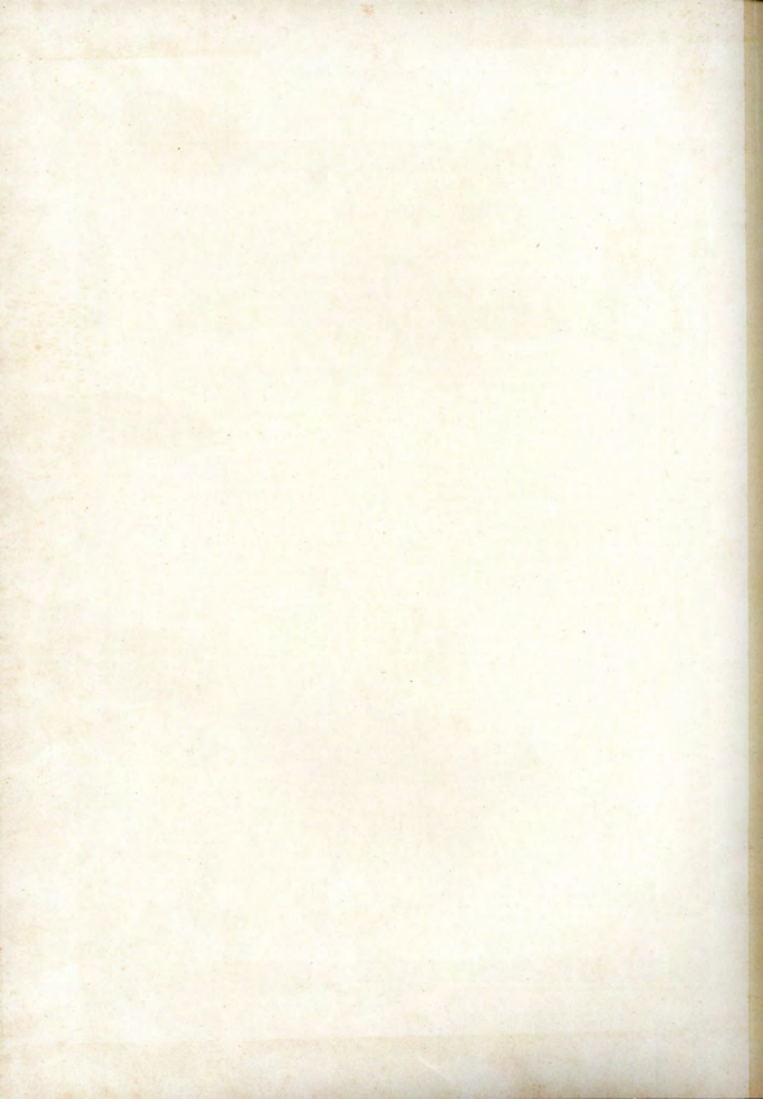
Que differença haverá por fim de contas entre aquelle lavrador idyllico da *Claudia* de George Sand, que entoa o hymno entusiastico do trigo com um lyrismo incompativel decerto com a rude intelligencia do homem dos campos e aquelle lavrador declamatorio da *Terra* de Zola, que entoa o poema do esterco, e devaneia mil sonhos phantasticos, perfeitamente incompativeis tambem com a limitada phantasia do camponio, ao vêr correr por entre a relva a regueira de porcaria que leva a fertilidade ás terras empobrecidas?

Nenhuma decerto, ou, se a ha, é toda em beneficio do heroe de George Sand, porque se o enthusiasmo que desperta no espirito de um cultivador a messe em que já loureja o pão da familia pode até certo ponto explicar o rapto lyrico do pobre homem, a idéa de que o estrume nojento ha de produzir fertilidade e d'essa fertilidade é que ha de nascer o louro e pujante trigal é já uma idéa demasiadamente complexa, para que possa fazer brotar n'essa alma simples esse lyrismo, que, na propria sociedade culta, só pode nascer nos espiritos subtis como o de Zola.

Os que douram o campo e os que o desfeiam não o conhecem, os que imaginam as mulheres do campo como umas pastoras de cajado cheio de enfeites, de saia curta e de meias de seda, pudicas e sentenciosas, passando a vida a colher flores, a ornar os cordeirinhos com fitas cor de rosa, e a escutar declamadamente os queixumes de uns pastores madrigalescos, nunca viram o campo senão atravez das quintas palacianas, e nunca tiveram conhecimento senão de lavadeiras de opera-comica. Quem pinta lavadeiras e camponezas debaixo de um aspecto exclusivamente animal, sem vergonhas nem asseio, com as obscenidades na bocca e a prostituição nos actos, nunca viu tambem senão os frequentadores das pocilgas das aldeias, as maritorrias das locandas, e o rebulho que o campo atria para os mestres servis da cidade. Quem não viu porém tantas vezes entre nós, aqui nos arredores de Lisboa, alguma saloa gentil, com o olhar claro e bom, ouvindo, com um casto sorriso nos labios, as declarações rusticas de um esbello namorado a riscar no chão com o cajado umas linhas incompreensíveis? Quem não viu tambem no alegre Minho, n'esses campos verdejantes, por occasião das festas de romaria, nas terras da Maia, tão ferres em bellezas femininas, a elegante moça de lavoura, com o seu fato doainguero, aquelle chapéo redondo que lhe assombrea as puras feições, com as arrecadas luvuosas, a saia vistosa, a airosa jaquetinha, o varapau com que guiam, nas horas do trabalho, o carro vagaroso, a contemplarem tambem com o olhar um pouco vago e sorridente, o horizonte purpurea-lo pelo sol, enquanto ao seu lado algum airoso rapagão lhe murmura, em phrase rude mas sã, os mysterios do seu amor?

Pois a verdade da pintora está por acaso mas nos horrores dos impressionistas do que nas tonalidades convencionaes dos pastagistas do seculo xvii? Não! a verdade está no misto das mais diversas e variadas scenas. A natureza é diversa, como o homem é diverso tambem. Esta moça de lavoura gentilíssima, com o seu olhar puro e com os seus louros cabellos, é tão verdadeira como é verdadeiro o auri-purpureo sol-posto de outono, e o candêdo luar das noites estivaeas.

PINHEIRO-CHAGAS.





Lith. Guedes

David Corazzi, Editore

COSTUME DE LEIRIA (Serra de Minde)

17



## CAMPONEZ DA SERRA DE MINDE

**N**unca te vi... mas conheço-te! Basta-me olhar a estampa em que estás representado, para adivinhar em ti o exemplo da hombridade irreprehensível. És dos antigos, *d'antes quebrar em torcer*, immaculado e incorruptível, simples e sobrio, modelo das mais sans virtudes. Se vivéras entre o povo de Israel nos seus tempos primitivos, fóras o typo do *patriarcha*. Na Grecia haverias sido o typo do *ancião*. Em Portugal, onde vives, representas a continuação genuína d'esses a que a Ordenação antiga dava o nome de *homens bons*; d'esses, que em 1580 consubstanciavam em si os anhelos da Patria periclitante, e que trovejavam desassombradamente pela bocca de Phebus Moniz; d'esses enfim que nos conselhos d'el-rei D. Afonso IV sabiam sem rebuço oppor-se ás tropelias venatorias do monarcha fragueiro.

É Duarte Nunes que picturesquemente o refere:—*«Levta outro caminh'o, y senão...»* El Rei que de sua códição era agastado, & brauo, como tinha por sobrenome, ouvindo palavra tam insolente respódeu mui indignado: *Senão?* Ao que todos os do conselho responderão: *Senão... buscaremos Rei que nos governe em justiça, y não deixe de governar seus vassallos por andar opos as bestas feras.* A isto respódeu elRei mais indignado: *Os meus me hão de dizer a mi Senão? a mi Senão?* Os uos (dixerão elles) *totalas vezes que fypedes o q não deuis.* El Rei se saio do cóselho mui irado & suspenso do que fiziz. Mas cuidando depois, que lho dizião por seu serviço, & por o que lhe conuinha, teucos por bõos serviduros. Desta maneira vassão os cóselleiros daquelles tempos passados, liures da auzereza, ambição, & luxo dos tempos presentes. Por que se contentaão com hũa vida simplez, & santa sobriedade.

Assim és tu, meu honradissimo velho! Que epigramma pungente que tu constitues aos *conselleiros* do nosso tempo!

*'Deus e l'atris, Rei e Família:—*eis o teu lemma sacrosanto.

Lá dentro no lar onde resides, surri-te ainda por felicidade tua a companheira querida dos annos juvenis: com ella atravessaste os vaivens da vida; com ella ensinaste a imitarem-te os sazonados fructos do teu amor. E se ella te preceder no somno eterno, que todos mais tarde ou mais cedo, por inquebrantavel preceito da Natureza, teem de ir dormir á sombra dos cyprestes,—cá te fica para na hora propria crantar-te as palpebras aquella adorada filha de cabellos loiros, em que tu concentras todos os enlevos d'alma porque n'ella vês fielmente reproduzida a fagueira imagem da moça gentil com que em moço te desposaste.

Mas Deus arredará ainda pora longe esse momento fatal. Robusto e válido, chegarás sem duvida a abençoar os teus binetos, os teus trinetos talvez.

A jaleca de saragoça que usas curta e justa ao corpo, tendo por unico adorno um zigue-zague de pequeninos botões; o collete de lã mais curto ainda, curríssimo, deixando escaparem-se á farta as fofas da camisa de linho muito branca a ramificar-se em folhos e bordados; o calção largo de ve'vetina a deusar tambem desabrochar em folhos a orla inferior das cereoulas; porfim a bota de carneira amarella, despretenciosa e rude, mas não deselegante; na cabeça o chapéu de feltro com abas estretas e reviradas, copa muito baixa e um tanto amachucada;—tudo isto caracteriza o teu modesto vestuario, correctissimo na sua modestia. Esse traje do camponez minderico vai tendendo hoje a desaparecer: oxalá que appar do traje não desapareça nos teus descendentes, bafejada pel' sopro desolador de um supposto progresso, a herança das virtudes que no momento supremo terás a inestimavel satisfação de lhes transmittir!

XAVIER DA CUNHA







Lith. Guedes

David Corazzi, Editeur

VARINO



## O VARINO



ste, não fala. Canta e toca, de rosto para o oriente ainda mesmo quando arribe com temporal. E' o varino, é o vareiro!

E' o D. João das vielas, onde mórem peixeiras;—mas, querer muito, elle, de todo o intimo, só quer, á liberdade, a que a sua guitarra entõa hymnos ainda quando lhe sujeita as cordas a acompanhar os descantes de pretendente amoroso.

Debalde os jornaes teem procurado affastal-o do rio, das praias, das saltadas á travessa das Izabels e á calçada do Picão; debalde teem tentado attrahil-o para vendilhão da folha, procurando reduzi-o a renegado dos barcos e apagar-lhe o encanto, no emigrar, da phantasia e da pesca, para o commercio—abnegando do batel; dos longos abraços ao conchego do gabão; transmutado em interesseiro, como varino da civilização e da imprensa, varino de escada e de pregão, que, peor que o macaco frum from, da viola—faça letras!

Tambem, diga-se o caso, as varinas, cruéis para todos, benevolas para elle, far-lhe-hiam peor que as pequenas da Thracia ao Orphen, se, trocando a guitarra pelos diários, elle tivesse o atreço de se lembrar de novo das noites do Castello Picão e das madrugadas nos botes da Outra banda com as raparigas dos figos, quando, fusque fusque, mais dóce que elles, se estirasse entre os cestos a namorar de arruinhos...

—Muço canta o José! Canta a martello! dizem as moças, afirmando assim, que, de improviso, e sempre, canta.

Cantar, tocar, é a prenda, primaz, d'elles.

—Que lindo pescador de savel! E's tu, que os pescas, não és, Zé? Quem se atreveria com aquelles filhos do mar, que veem desiovar á agua dóce, senão um peixe como tu, da agua dóce, da agua salgada, e da terra? Com essas mãos os trazes para a praia e os encanstras para segurem no vapor, e com essas mãos tiras os dóces sons da banza, quando lhe roças pelas cordas os dedos todos. Ai, bailão! Trouxeste as redes de arrastar?—... não nos arrastes a nós, toma cautela, ó cantador!

D'isso tira gloria, que o torna superior aos seus rivaes patricios, os padeiros de Ovar, que, em Lisboa, se accomodam com o ir esperal-as ao Chafariz da Esperança, ás Ave Marias, quando ellas vão, de bilha, buscar agua para os gastos.

A' hora a que as peixeiras recolhem, com destino ao que chamam a ceia de S. Pedro, que é o bacalhau com couves, ouve-se, ás vezes, uma voz de homem acompanhando-se á guitarra...

—E' o José! exclamam as raparigas, correndo ás portas.

E' elle; é effectivamente elle, o cantador, o bailão, aquelle que á pesca nos saveiros enche de alegria os barcos de dois bicos, elle a tocar da pópa, elle a cantar da próa, agora em Villa Franca, logo na ribeira de Santarem...

—O' José da banza! Toca, canta, até que chorêmos de gósto! dizem-lhe ellas, a rir de ebríe-lade e feitiço.

Forte, intrepido, de perna nua e pé descalço, elle é, ainda assim, quem lhes póe a ellas as alcunhas. *Oh lá branca...*—á loira... *Oh meloz...*—á que o não quiz e deu ás vielas para melhor farinha...

E' barbaro. Não espera que murchem as rosas da formosura, nem lhes caam as petalas, preludio da transformação cruel—para applicar ás flores de sua escolha o epitheto de *fiças*, porque em velhas todas sofriam dos olhos...—Isto de viver é um dia! diz o varino. Aproveitemo!

A guitarra arma-lh'a séria, ás cottadas, quando menos se receiem. Não é elle, que as perde; é a viola, são as tentações da noite, e as impaciencias amorosas, que o peixe dá... A alma d'ellas, que não chega a saír nunca o que seja o amor, fica isenta d'aquelle sentimento singular, sublime, que, ainda amos depois das horas dóces, dentro dos muros do Paraclete e sob o cilício, reinava como senhor no coração de Heloisa prostrada aos pés do altar... E' a guitarra; não é elle, que as perde. Elle é um bruto; mas, canta, mas, toca sempre!...

Pescador de savel, ao savel se compara por graça amorosa, e diz que vem do mar em procura de agua dóce. De resto, é elle que o traz p-ra terra, o encanstra e o vende; vive no saveiro; quando o corpo lh'o pede, vai para o barco, arma-lhe toldo, e dorme...

JULIO CESAR MACHADO







Lillo Guedes

David Corazzi, Editor

AZEITEIRO



## O AZEITEIRO

**E**u não sei se ainda durará por muito tempo o azeiteiro e o azeite. No seculo que vae correndo o homem vae refazendo tão completamente o mundo a seu talante que dentro em pouco supponho que será a natureza substituida por um vasto laboratorio chimico, onde não haverá senão fructas e hortaliças de conserva, e onde o azeite será fabricado em retortas, segundo a fórmula que um chimico de 1937 descobrirá provavelmente. Pois não foi já a manteiga substituida pela margarina? E' muito provavel que a civilisação do seculo xxix, tendo já chegado ás vaccas como já tem penetrado no espirito das francezas, vá produzindo na estatistica do gado bovino uma diminuição semelhante á que já hoje se accusa na estatistica da população franceza. Por outro lado porém, como as cidades irão ampliando cada vez mais as suas áreas, como no seculo xi. é muito natural que Londres tenha uma população de quarenta milhões de almas, e que em Portugal, na Hespanha e na Italia, tambem já não haja espaço para a cultura. é evidente que os progressos da chimica substituirão o oleo da azeitona por uma combinação de laboratorio, e a propria azeitona por um metalóide qualquer.

E lá se vae embora então o azeiteiro, esse typo bondoso, pacato, que representa entre aós o ultimo aspecto do velho commercio economico, e extranho completamente á fracde. Nunca ouvi dizer que se falsificasse o azeite. Pode deixar de se clarificar, podem os processos primitivos da sua fabricaço deitar um oleo o ranço da azeitona macerada, ou a cor densa do bagaço, mas nunca houve quem se lembrasse de adulterar o dourado filho da negra azeitona. Não, que elle, leve e fino, denunciaria logo a adjução de substancias extranhas, negando-se a leve-as consigo para a superficie da agua. E o azeiteiro, conscio da legitimidade do seu commercio, devendo só á economia honrada o bem-estar da sua existencia e os lucros da sua labotação, vestin-lo aos domingos um aseado fato burguez, dando sensatos conselhos á vizinhança, estimado pelos freguezes, é o ultimo dos homens bons dos velhos concelhos feudaes, e, se vota nos comicios, o seu voto é puro e se'n mistura de corrupção, como o azeite das suas bilhas.

Dantes apregoava, e o seu modesto e suave pregão *Azeite doce!* sem mais *réclame*, era o brado singello da sua consciencia honrada. Hoje não apregoa já; sente a margarina á porta, e percebe que o azeite vae entrar no ultimo periodo da sua existencia.

O azeiteiro, quando desaparecer da nossa vida social, ha de levar consigo uma ultima gloria — a de ter tido na honrada corporaço dos seus fornecedores o grande, o íntegro, o digno Alexandre Herculano, esse espirito medieval que tinha o culto do velho Portugal honesto, e que era tambem um homem bom dos velhos concelhos nacionaes.

Não se sente nas physionomias de Herculano e do azeiteiro essa connexão municipal? Vendo o azeiteiro da estampa não nos lembramos logo do *Eurico* e do *Monge de Cister*?

Quando vimos Herculano, não nos lembravam logo o puro azeite e os seus honrados vendedores? Herculano não adulterou o azeite, civilisou-o, como queria tambem que se civilisasse Portugal, appellando para as suas instituições antigas, conservando-as e melhorando-as, e não importando as adulterações exoticas. Ah! se nós tiveseamos um parlamento de azeiteiros! se fosse o *bagaçõ* em vez do *lago* que dêse a influencia no nosso mundo financeiro!...

Paciência! Ao menos na agua corrompida e torva do nosso seculo sobrenada — como o azeite das suas oliveiras — o limpido espirito de Herculano, o patrono dos azeiteiros.





Lith da C<sup>ma</sup> N<sup>da</sup> Editora.

David Corazzi, Editor

BANHEIRA (S. João da Foz)





## A BANHEIRA



em toda a parte onde ha mar e onde ha banhistas ha, mais ou menos, *banheiras*.

A *Banheira* creio ser uma especialidade exclusiva de algumas praias do norte de Portugal, e particularmente de S. João da Foz nos arrabaldes do Porto.

A *banheira* provém de uma estirpe de outras banheiras, e constitue pelos seus caracteres hereditarios uma casta distincta, como a dos saltimbancos. Sem esse privilegio selectivo, de nascença, nenhuma mulher tomaria por officio *dar banhos*, passando oito ou nove horas por dia, durante quatro mezes do anno, mettida no mar até o peito.

Esse regimen de amphibio, apparentemente inconciliavel com a natureza physiologica de qualquer mulher, favorece em vez de prejudicar a saude das que se lhe submettem.

A carne ziegre das banheiras da Foz, cantando ao sol e á briza do mar, desde as quatro horas da manhã até as duas da tarde, na areia loura da praia ou nas primeiras rochas em que escachoa e espuma a vaga da maré enchente, parece fazer parte das especies maritimas familiares com a terra e indifferentes á acção do ar e da chuva, como os buzios, as lapas e as anémonas encarnadas.

Não sómente pela prohição, mas pelo traje, pelas attitudes, pela expressão physiologica, pelo sorriso, em que o vermelho vivo das gengivas e o branco perola dos dentes lembra uma frescura de guelra e uma respiração salgada cheirando a sorgaço, pelo olhar limpido e profundo, como o de todos aquelles em que por muito tempo se espelhou a vastidão do céu e a da agua, essas possantes mulheres, condizem bem ao aspecto do oceano e casam-se com elle em tanta harmonia integrante de pittoresco como a vela que arfa na envarca, a bandeira que palpita no tope de um mastro, as gaivotas brancas que borboleteiam sobre o alforamento da onda, ou o pennacho de fumo que um paquete no partir sacode na brum longínqua do horizonte, como o acêno saudoso de um adeus ao porto de que se separa. E, de madrugada, ao armar das barracas, quando ellas, accordadas com os primeiros massaricos prateados que debicam a salugem da maré, estão em côro de sopranos uma das muitas barcarolas locais, uma aguda palpitacao de poesia festival e triumphadora preenche o ar como n'um reamancear para a alegria, para a saude e para o trabalho da alma canora, scismadora e aventureira da *occidental praia lusitana*.

A Anna da Luz, que, com a Rita Leão, era ha quarenta annos, um dos principaes troncos de dynastia das banheiras da Foz, foi aquella que, levando carinhosamente nos braços uma terra e debil creança, pela primeira vez me mergulhou no seio benéfico, da divino e paternal d'esse mar bem amado que quasi foi o meu berço, e em cujas profundidades eu desejaria como dom final da Providencia que me estivesse reservada a sepultura. Tudo o que escuceava no meu organismo pelo empobrecimento da geração de que faço parte, foi Anna da Luz que m'o deu, emprestado do oceano: o calor vermelho e salgado para o meu sangue aquoso e arrefecido, o phosphato de cal para os meus ossos, o iodo para os meus tecidos, a alegria para o meu coração inquieto, e o contentamento para a minha alma resignada.

Muitas outras impressões d'esse tempo remoto se me varreram da memoria, mas a figura da Anna da Luz ficou-me para sempre, e ainda n'este momento a vejo, septuagenaria, alta e espadada, o cabello quasi todo branco, a face enrugada e brunida pelo sol, os grandes olhos mansos e ternos, as mangas arregaçadas, a saia de branqueta sempre molhada até a facha que lhe cingia a cintura, o chale de malha côr de pinhão trespassado no peito.

Foi primeiro ao seu collo, depois ao seu lado, já seguro pela mão, já amparado pelo queixo, que eu babujei na onda, que patinhei, que apprendi a nadar, e d'ella veio ao meu fragil ser a minha primeira emoção d'arte, juntamente com o meu primeiro impulso desinteressado de força, de deciso e de coragem.

Por isso nunca mais te esqueci, ó Anna da Luz! nunca mais te esqueci, e é na tua velha imagem rude, vigorosa e ingenua que para a minha imaginação e para o meu sentimento se chamava a — Patria!





Lith. Guedes

David Corazzi, Edita

AFRICA PORTUGUEZA UM RÉGULO





## COLONIAS PORTUGUEZAS

### UM SOVA AFRICANO

**N**ão imaginem os leitores que são todos assim. Devemos até dizer que os nossos illustradores, se percorreram a Africa portugueza para copiar do natural a estampa que somos encarregados de commentar, tiveram de se caçar deversas antes de o encontrarem. Mas encontraram de certo, que é tão vasto o nosso territorio africano que entre os sovas ou regulos africanos que por alli governam e são governados se encontrarão todas as variedades desejaveis.

Temos em primeiro logar os regulos da Guiné. Talvez alli se encontre algum regulo desenvolvido e bellicoso, mais lybico do que fola ou bijagos, convertido á religião musulmana pelos missionarios do Koran, e apparentado intimamente com as raças intrepidas que povoam o sul do imperio marroquino. Mas em compensação abunda por lá aquella régia pretalhada cuja visita a Bissau, annunciada por um *chrisvari* infernal, e acompanhada sempre por largos pedidos de aguardente, foi contada com vivacidade nos seus *Estudos sobre a Guiné de Cabo-Verde* por José de Sousa Monteiro.

Passemos de relance pela raça energica dos dahomeanos, que não tem sovas, nem regulos, mas um rei authentic, rodeado de principes e de conselheiros de Estado, de algôzes e de amazonas, tragico e imponente, que parece ter conservado nas tradições da sua dynastia a lembrança vaga dos Moloch e dos Baal das civilisações orientaes, que a sua raça trouxe das regiões d'onde parece ter vindo.

Não foi decerto entre os mussorongos e cabindas do Zaire que o nosso illustrador encontrou o typo oriental que nos apresenta. Não têm os seus sovas e os seus regulos esta majestade e esta correcção de trajar. Quando abandonam o seu fato simples e primitivo, envergam os nossos feitos trajos europeus, e Lisboa pôde vêr ainda ha pouco tempo os filhos do rei do Congo, com o seu chapéo desabado, a confundirem-se democraticamente com os nossos honrados burguezes. E tudo isto é progresso, porque em tempos que não vão longe o herdeiro do throno do Congo D. Nicolau de Agua-Rosada, tendo apparecido diante dos seus subditos de luvas e chapéo alto, foi corrido, e teve de fugir a sete pés para Loanda, onde morreu, se nos não enganamos, amanuense de uma repartição, copiando com a sua régia calligraphia os officios dos chefes.

Para o interior da Africa, e descendo-se para o sul, chega-se em physionomias á raça quasi simiesca dos Hotteototes e em vestuario á *myronaise* picaresca descripta pelos nossos exploradores. Encontra-se aqui um sova com uma farda de archeiro, chapéo alto, e umas botas que brilham pela sua ausencia, outro com a farda encarnada de algum official inglez, uns chinelos a substituirem não só as botas, mas as calças e as ceroulas tambem.

E' claro que não honra este guarda-roupa a régia majestade dos sovas; mas, subindo para o norte pela Africa oriental, approximamo'-nos de novo da raça arabe, e este typo que nos apparece é decerto antes um scheick do que um sova, antigo subdito do sultão de Mombaça hoje sultão de Zanzibar. Chefe de alguma tribu que estaciona nas vizinhanças de Tungue ou nas margens de Rovuma, descende talvez da propria rainha de Salá, e foram os antepassados dos seus subditos os que levaram ás minas de Ophir o enviado de Salomão. Sente se o Oriente no seu trajar e na sua attitud, e percebe-se que, se ainda por alli ha catinga, disfarça-a completamente a agua de rosas com que se inunda nas numerosos abluções do ritual musulmano.

PINHEIRO - CHAGAS





Lith da C<sup>ist</sup> N<sup>o</sup>1 Editora.

BOLEIRO NO PRINCIPIO DO SÉCULO (Lisboa)



## O BOLEEIRO LISBOETA



se sege, senhor Conde!... (Eis lá um voto  
De andar antes por usar, o usar com Molinos)...  
E' triste habitação dos meus aguiros!  
E' um resto infeliz do terremoto!  
De estufa palmaria o bico ignoto  
Em vão fuzo do macho os estrão coiros!  
Em vão fulmina rigidos estriços  
Do bebado arreiro o braço noto!  
A parca caixa é documento antigo  
E' prova de que os annos gastadores  
De cada ponto fazem um postigo!  
E' sege tal, que em cada pompa dores  
Por mais que a feche, lá vão ter comigo  
As injurias do tempo e as dos credores!

quando parado, ou desancava os companheiros se com elles travava balburdia.

Arrastada por duas animalidades famelicis (o cavallo das varas e o cavallo da boleia) conseguia prodigios incalculaveis de aquella assombrosa machina, que a todo o momento ameaçava desconjuntar-se nas correrias infrenes a que a submettiam. A uma altura enorme do solo, graças ao descomensuravel raio das duas rodas em que assentava suspensa por correias espessas, a caixa da sege bambolearva-se no horroroso mestêr de fazer vomitar as tripas a quem por desgraça tivesse de percorrer em tão medonho vehiculo as mal-graladas ruas de Lisboa:— a difficuldade era subir até lá, mediante um estribo incrível, que muitas vezes reclamava como indispensavel auxiliar, para alcançar-lhe o nivel, um banco, uma cadeira, uma escadilha até; mas, encaixado o sujeito em semelhante inferno, levantado o guarda-lama, corridas as cortinas de engraixado coiro, e fustigadas as pilocas pelo chicote do boleeiro,— não havia forças humanas que fizessem parar, antes de se chegar ao destino, aquella vertiginosa tropelia. Tinha o dêmo no corpo o furibundo boleeiro, escarranchado na sella, de grossas botas salpicadas de lama e prolongadas té quasi á virilha, esporas de correia com grande roseta de metal amarello a refulgirem-lhe no salto de prateleira, calção-de-mesa a afimbrar-lhe a perna, collete de cotim riscadinho a partilhar nodosos com o peitinho da camisa, por sobre tudo a indispensavel niza de panno com botões metallicos, e na cabeça o chapéu bicorne forrado de reluzente oleado, no pescoço a gravata branca enxovalhada em harmonia com o tom physionomico de meio-gaiato e meio-fadistão, tom physionomico ainda mais sobrelevado pelo cigarrinho ao canto da bôcca.

Que isto de fumar... n'aquellas epochas... (digamo'-o aqui á puridade) significava o *non plus ultra* da malandrice! Quando se queria traçar o necrologio de qualquer devasso, formulavam-n'o pela maneira seguinte:

—Vejam Fulano... está completamente perdido!... Aquillo, o que o pae devia... era mandá-lo n'um cavallinho de pau pela barra fóra!... Completamente perdido!... Elle frequenta botequins! elle, casas de joço! elle vai a camarins de atrizes! ha quem o tenha visto entrar nas mais infames espeluncas!... e... até dizem que já fuma!!!—

Até dizem que já fuma!!!!... Podia porventura conceber-se uma iniquidade igual? Fumar... só marujos e boleeiros!

—«Lá vai um! lá vai um!»... sentia-se ás vezes gritar o rapazio. Era quando algum garotete aprotectava o ensejo de trepar para a *tábua* da sege, arriscando-se a apañar com o pingalim pela cara, sem que por esse facto afrouxasse as béstas na destemperada carreira, accossadas pelos latidos da cinzeada vadia.

Lembram-se do «Feliciano das seges»? Foi o derradeiro representante do typo. Estacionava, á espera dos freguezes, no Chiado, junto á porta do «Café Central». Mas . *quantum mutatus ab illo!* era já um degenerado especimen, e com elle acabaram de vez os ultimos vestigios do que tinha sido no primeiro quartel do seculo XIX o boleeiro lisboeta.

XAVIER DA CUNHA







Lith da C<sup>ta</sup> N<sup>al</sup> Editora.

VAREIRA (Peixeira do Porto)

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## A VAREIRA (PORTO)



hamam no Porto vareira à mulher d'Ovar e Espinho, que faz pelas ruas da cidade, em canastra, a venda do peixe: exactamente como a varina de Lisboa, de que a vareira em muito pouco ou em quasi nada differe. Sómente, como a cidade do Douro, apesar de se estar lisboetizando dia a dia, mercê das largas ruas com que a sulcam, e das construcções elegantes com que a matizam, conserva illesos, no fundo dos seus arrabaldes e velhos barrios, travores de provincia accentuados; succede que a vareira transplantada da sua terra, para a cidade, nenhuma influencia soffreu da vida ambiente, e permanece nos seus moradios da Ribeira e da Foz, como em Ovar, uma estatueta rustica e marinha, a que a cidade não desmanchou a garridice austera do traje, nem tão pouco os habitos de vida, as inflexões da pronuncia, e a constructura rija, gracil e primeva, da sua physionomia e da sua figura.

Fina e ligeira, com a saia de sirgailha, muito curta, em pregas finas, amarrada por baixo dos quadris — os tornozelos destros, a mão carada e esfusada nos deltos — loira ou morena, mas quasi sempre de olhos claros, nariz correcto, cinta oadulosa e cabellos em desalinho, a vareira constitui um dos mais elegantes typos de mulher do povo que ha na Europa (eu ia a dizer que ha no mundo: haja modestia!); e pela gentileza architectural da sua figura, resta e continua a corrente da formosura antiga, d'essas mulheres de Praxiteles, com pés chatos, cabecinha pequena, seios turgentes e attitudes classicas, todas vibrantes ainda das reminiscencias do Egypto e da Grecia artistica, tanto ella já fize distante, no rythmo das formas, e na impeccavel modelação da anatomia, da nossa fêmea civilizada das cidades, que os espartilhos e os trabalhos da vida deformaram, e a hysteria contorce, e as perversões hereditarias vem chlorotizando e envelhecendo.

Ha um quadrinho de genero a admirar na margem Douro, n'uma manhã bem clara e luminosa, por baixo das arcadas da Ribeira. .. E' o d'um barco aoproando ao velho caes salitroso e reconido, que affronta os arcos, por debaixo dos quaes rebanhos de vareiras, agachadas sobre as lages, as canastras no chão, contam o peixe. Todas conservam o costume de *paratado* ou sirgailha escura, saia e collete, que lhes dão a *silhouette* uma certa austeridade escultural. O collete é aberto em decote sobre o seio, e atacado adiante por um cordão, sob cujos zigzagues cruza um lenço de ramagens, vestindo os meios limões firmes do seio.

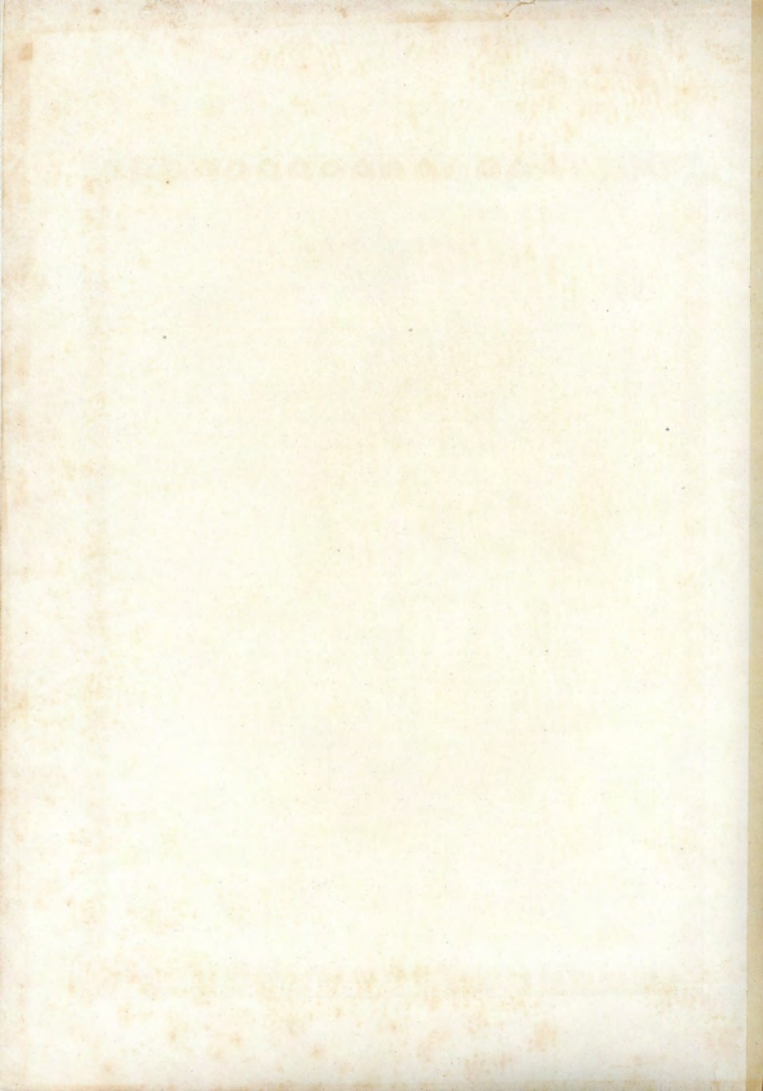
Neste vestuário da vareira ha apenas duas notas hilariantes: as filigranas de ouro, do peito e das orelhas: e a algebeira de matiz estrepitoso, que a ovarina do Porto por uma presilha suspende a uma das voltas da cinta que lhe estrangula os flancos. Esta algebeira é ás vézes uma obra prima de agulha e colorido, feita de applicações de panno escarlate, azul, cõr de canario, em volutas, florões, soes e ramagens, a que vem juntar-se filãs de botões de madreperola, pequenas borlas de lã, bordados, silvas. . .

Na confecção d'esta algebeira está em embryão toda uma arte barbara e luxuriante, que as raparigas ensinam umas as outras, e deixa a vontade, para a nupcia das gammas polychromas, e para o traçado dos arabescos, a phantasia de cada ingenha bordadora. Não confundir a vareira, que vende peixe pelas ruas, e exclusivamente deriva das tribus que d'Ovar e Espinho emigraram para o Porto, com as Angós do mercado da Cordoaria, portuenses da gemma, e camaradas leaes da reboluda padeira d'Avintes e da sacerdotil lavadeira da Mata — que estas malfâmicas, tão legitimamente enraivecidas da sua genealogia intra-muros do heróico baluarte, (tripeira, em linguagem menos affectada) teriam direito a molestar-se da nossa ignorancia, e quem sabe se nol-a pagariam, chapando-nos com um robaló podre nas boxexas.

Além de que, a vareira é uma figura ísparte.

Longe do perto do casebre em que haja nascido, ella é sempre o mesmo typo de formiga activa e fecundante, conserva-lora das tradições da sua raça, mantendo o vestuário de ha dois seculos, a despeito das modas e das transformações que lhe desfilam deante — indo de quando em quando a terra comprar um pedaço de chão com o producto das suas economias na cidade, e raras vezes escolhendo noivo que não seja um representante da sua tribu, creado com ella, paredes meias, sob os cereados da mesma ilha, ou sob a telha-vã da mesma urrbana. E isto faz com que dentro dos muros do Porto ou de Lisboa, em plena vida deliquescente, o typo d'ella se conserve e guarde inalteravel, como um vivo modelo de pittoresco, offertado á *terre-glaie* d'um modelador apaixonado pelo bello antigo.

1878 - 1879  
CASA DE ALMEIDA







P. Maedike, lith.

Lith. Guedes

Macedo

David Corazzi, Editor.

LAVRADOR COM A PALHOÇA (Minho)

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## LAVRADOR COM PALHOÇA



Como todas as sociedades desorganizadas pelo methaphysismo economico do seculo XIX, a sociedade portugueza divide-se em duas classes:— a dos exploradores e a dos explorados. O obscuro mamífero, que ora vemos presente e somos chamados a classificar, pertence á série zologica dos explorados, e é o mais completo e acabado typo do seu interessantissimo genero. No Minho, onde tudo é pobre, até o vocabulario, elle tem o nome de *lavrador* — o que na lingua d'aquella provincia quer dizer genericamente o *homem do campo*

A sua função social consiste em agricultural o solo por sistemas do tempo de Virgilio, em puxar á sôga dos bois jungidos a um carro inteiriço de modelo celta, em vender nas feiras os diversos fructos da terra, e em dar ao Estado — já pelos almotacés do real d'agua, já pelos aguazis do fisco municipal, já pelos portageiros, já pela congrua e pelo pé d'altar, já pelo escrivão de fazenda, já pela junta geral, já pela junta de parochia — todo quanto dinheiro recebe em troca dos fructos de que acima se fez menção.

Nas suas relações administrativas com o governo, o qual elle nunca viu mais gordo, e que apenas conhece pela força aspirante e mysteriosa dos diversos tentaculos com que o suga esse grando polvo omnipotente, invisível e sagrado, o lavrador minhoto cumpre, até um estado de exaustião só comparavel ao do bagaço, este destino de casta: Pagar!

Elle paga para tudo — para o districto, para a cidade e para a córte; paga as estradas, inúteis á barbara carreta de montanha em que transporta os seus productos; além do mestre que o não ensina e do padre que o não abençoá, paga os legisladores, ministros e deputados, que não legislam para elle; paga o gaz que o não alumia, a agua que não bebe, o caminho de ferro em que não viaja, o exercito que se não bate por elle, a policia que o não defende, o juiz que lhe não faz justiça, o governador civil que nem o governa nem o civilisa, o regedor que o não rege, e o medico que o não cura.

Em compensação da maçada de dar ao Estado tudo quanto ganha, o Estado, por uma equitativa troca de obsequios, poupa o lavrador á maçada de receber o que quer que seja.

A' força de viver com o boi da sua região — magro, pequeno, de ôlho claro, louro, lanuzado, encardido de lama desde os cascos até o alto do lombo, e herbívoro — o lavrador acaba por se parecer com o boi: é como elle arruivado, magricela, pequeno, de olhos garços e pêlo hirto; anda encrustado em lama desde os tamancos até o carapuço; e alimenta-se de hervas.

A herva do boi é crua e chama-se *penso*, a d'elle é cozida e chama-se *caldo*.

Entre elle e o boi não ha mais differença alguma essencial.

De quando em quando o boi, depois de lhe comer a palhoça, escorna-o a elle por não ter penso, ou elle quebra um fuero na cabeça do boi por não ter caldo. E d'esta lucta moral entre o animal e o homem resulta para este um augmento de submissão e uma diminuição correlativa de fueros, dando-lhe base para este aphorismo de alta philosophia: que é melhor no conflicto da nossa civilisação rural ter dois chavelhos na frente do que um estadalho em ambas as mãos.

Direi agora da familia do *lavrador*, porque de sua pessoa e males disse já o bastante.

A raça do *lavrador* é prolifica. Em pequeno elle tem de ordinario mais irmãos debaixo da figueira, a grunhir, do que pardaes em cima d'ella, a piar. De sorte que, não chegando os figos para todos, é mister despachar a cada um segundo a vocação e o geito que Deus lhe deu. O mais estúpido vai para mestre, o mais desordeiro para regedor, o mais relasso para padre, e o mais esperto vai para o Brazil. O mestre estica de fome, o padre engorda e procria, o regedor desanca, e o brazileiro ou rebenta por lá, e ninguem mais fala d'elle, ou vem rebentar á terra, e é o *Biscuite*.





Lith. da C<sup>ta</sup> N<sup>da</sup> Editora.

COSTUME DE FLOR DA ROSA (Alentejo)





## VESTUÁRIO DE FLOR-DA-ROSA



primeira vez que eu apertei a mão a Carlos Relvas foi em 1868 no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça: tinha elle ido photographar o rendilhado sarcophago em que D. Pedro I mandára recolher as idolatradas reliquias d'aquella fagueira e linda, e loira, e desventurada Ignez, que só depois de morta logrou ser coroada, mas que antes de coroada, cinco annos antes, sentiu cravarem-lhe aleivosamente os brutos matadores (como diz o Poeta) espadas

*No collo de alabastro que sustinha  
Essas obras com que Amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez rainha.*

Estreava-se Carlos Relvas então nos trabalhos artisticos, de que todos actualmente conhecem primores inexcusáveis. Para que é dizer mais, se applausos unanimes teem já sancionado com a sagração superior a seu privilegiado talento?

Tudo isto vem simplesmente para abrir um pretexto de agradecer ao benemerito golliganense o cajejo que no *Album de Costumes Portuguezes* hoje se proporciona de offerecer ao publico uma deliciosa amostra do apuro e do bom-gosto por que se affirma em coisas d'arte o elevado espirito de tão illustrado cavalheiro.

Foi Carlos Relvas que do natural reproduziu em chapa photographica o lindissimo typo de mulher aproveitado por Manuel de Macedo na sua graciosa agurella.

Está alli a mais gentil das alemtejanas: — uma esbelta figurinha de Flor-da-Rosa, tal que decerto não a encontraríamos lá melhor nem mais encantadora nos cavalleirescos tempos do condestavel D. Nun'Alvares, quando o esforçado filho do nobre Prior do Grato dividia as generosas aspirações da sua alma entre o amor das damas e a sustentação da nacionalidade portugueza symbolizada na corôa do Mestre de Aviz.

A interessante bealdade que está figurada na estampa, a que estas poucas regras fingem constituir um commentario explicativo, não carece de que a expliquem nem de que mesmo a commentem.

Explica-se e commenta-se ella por si propria.

Ha alli a modesta airozidade d'aquella mantilha preta que, franzindo-se em refoços, mais serve de enfeite que de rebuço ao rosto suavissimo, similhantemente á entalhada moldura de ebano que por sua negrura mais faça realçar uma formosa «Virgem» de Pedro Alexandrino.

Quem irá dizer que Flor-da-Rosa demora a pouca distancia de Portalegre onde o bloco de lan, desgracioso e negro, encobre e furta á contemplação profana os olhos scintillantes de quantas donzellas ha por lá?

E' que na cidade o fanatismo convencional e um poucoquinho hypocrita (deixem-me assim dizer), fazendo mysterio do que deverá ser contemplado e admirado, modificou, abastardando-a, e transformando-a n'uma côca medonha, a garbosa mantilha das castelhanas e das andaluzas.

Lá o divino Garrett o dizia:

\*..... *Bioco negro*  
*De donde mal vislumbra*  
*Raro lampejo de celeste face,*  
*Oh! quem o rasgará?.....*

Na aldeia, pelo contrario, a ingenuidade nativa deixou-se ficar com a sua risonha galanteria, tão innocente, tão sympathica, tão adoravel.

Suppõem-n'a vaidosa, levemente garrida? Lá está a protestar, contra essa calumniosa incriminação de vaidade e garridice, a côr sombria do vestuario todo, singelo, singelissimo na sua picturesque elegancia.

Mas a expansão ridente dos poucos annos ha-de em alguma coisa revelar-se, que não seja apenas o rebrilhar feiticreiro dos olhos. Sabem no que é? é no colorido alegre do leque, d'aquelle leque a revolver bulhoso em mãos pequeninas, e a completar estrophes de lyrismo ineffavel, quando a linguagem dos olhos não se afôite a escrever com ellas por extenso um poema inteiro de amor.

XAVIER DA CUNHA





Lith da C<sup>da</sup> N<sup>da</sup> Editora.

REMADOR DAS GALEOTAS





## O REMADOR DAS GALEOTAS



o esplendor dos nossos grandes reinados, poucas reliquias nos restam; e das artes decorativas que se crearam entre nós, nos seculos das descobertas, inspiradas pelas viagens e relações diplomaticas de Portugal com todas as côrtes ricas da Europa, nenhuma deixou de si vergontea rija, que atravessando a decadencia dos dois ultimos seculos, refflorisse até nós, em manifestações de elegancia ou de caracter.

Falliram por exemplo as officinas de ourivesaria, ebanistaria e tapeçaria, que deram a custodia dos Jeronymos, a cruz da Sé do Funchal, os pannos murais da escola de Tavira, os tapetes d'Arrayolos, e as preciosas mobílias e coiros estampados do tempo de D. Manuel e D. João III. Falliu a escola de pintura religiosa que produziu as telas agremiadas hoje sob a égida um tanto hypothetica do Grão Vasco. Falliu a sciencia das construcções navaes, que lançou ao mar, dos estaleiros do Tejo e de Góis, para a travessia de todas as aguas do mundo, as naus, galeões e bergantins dos seculos xv, xvi e xvii, tão maravilhosos de elegancia e de architectura, tão imponentes como machinas de guerra, e tão idealmente artisticos como vehiculos de prazer... E d'esta ultima aptidão perdida, ou quasi perdida, nem sequer os museus guardam vestigios! Mas eis que ao fim de esforços, rebuscando a cidade, lá se consegue descobrir n'um barracão de Belem, á margem do rio, logo passada a estação dos americanos, entre barcos de construcção recente, duas ou tres galeotas de gala do grande tempo, pertencentes ao serviço real—uma das quaes, a maior, se bem nos lembra, é um prodigio de elegancia e grande estilo.

Comprido e amplo, com as suas grinaldas de talha de ouro, o seu camarim de illumas e brocados, os columnellos esbeltos, um rodilho de esculturas á pópa, e duas filas de quarenta remadores, mergulhar Jo os remos n'um impulso symetrico e gallardo, aquelle barco reconstruê-nos d'um jacto, em memoria, algum d'esses cortejos nauticos do Tejo, feitos sob o sol fuscante, á chegada das frotas, para a apothose de qualquer grande descobridor ou vice-rei. É um verdadeiro barco d'apothose, o carro triumphal d'um semi-deus titan, d'um imperador dos mares, que vem a bordo das naus sôporas os thesouros de Malaca subjugada, ou metter a ferros o heroe que lhe anexou á corôa mas um pedaço do mundo, por elle conquistado ou descoberto. No seu pesado jôgo ha o balanço da concha de Neptuno, no episodio dos Lusitãos, vindo a Jupiter queixar-se da destemida audacia dos nossos mareantes, e ao mesmo tempo a graça do cygne do *Lohengrin*, quando combola no lago, grave, impassivel, o cavalleiro do Santo Graal.

Dê-nos a estampa a *silhouette* d'algumas d'essas galeotas, com seus camarins de purpura e columnellos de talha preciosa; e no primeiro plano, em costume de gala, um remador. O remador das galeotas é o conhecido e mais que todos destre remador da nossa Alfandega, cuja habilidosa mão de remo, firmeza de pulso, e extraordinaria elegancia no curvetear do barco em pleno rio, conquistam a admiração de todas as gentes do mar que nos visitam. Acrescentando que o gondoleiro das galeotas reaes, além de remador da Alfandega é quasi sempre algarvio, damos a chave d'aquella sua maravilhosa sciencia de remar.

Pois algarvio! e quem diz algarvio para de logo entende, falador. Ora, indo uma vez D. Maria II acompanhar a bordo não sei que principe estrangeiro, aconteceu-lhe ser a galeota puxada por quarenta grazinas-môres d'entre Villa Real de Santo Antonio e Portimão, que sem respeito ao humor melancolico de Sua Magestade (a quem a Carta, já se vê, prescrevia tristeza, na despedida d'uma potencia aliada) todo o caminho foram n'uma grialhada de ditos e disputas, qual mais cingida no sutaque local das suas terras. A rainha, que á ironia risonha dos Braganças juntava um desempenho de mulher affeita ao mando, ordenou então áquelles quarenta... maiores contribuintes do charivar, fossem remando quietos e calados, acrescentando daria a cada um sua moeda, ouro de lei, se até aos caes nenhum d'elles soltasse um monosyllabo. Ajustam-se os remadores á ordem da soberana, e durante cinco minutos a galeota singra n'um silencio de morte, em que apenas se ouvem os remos chapando a agua a golpes rhythmicos e fortes. Mas ainda não tem começado o sexto minuto, já de todas as bandas se ouvem butar bôccas fremeticas, torcer bustos para a direita e para a esquerda... rostos congestionados que se encaram, enfunando as bochechas, chipando a colera dos olhos, e avançando os focinhos uns para os outros, a modos de desafio. E aquillo cresce, avoluma-se, quer explodir... Té que um remador por fim, que era o mais novo, recém-chegado do Olhão, não podendo guardar mais tempo a jura prometida, se ergue do banco, e para a rainha:

—Que leveisse o diab'alma á moeda d'ouro, mas que elle arrebotava com seiscentos diabos! se estivesse calado mais um instante!

FIALHO D'ALMEIDA





Lith. da E<sup>ra</sup>R<sup>ed</sup> Editora

POLICIA CIVIL



## POLICIA CIVIL



que este guerreiro foi nos primeiros tempos de sua assignalada gloria, nem ha lembrança de creadas de servir, que o possa referir dignamente...

Chegaram a fazer-se allusões por essa época, ao parentesco d'elle com Apollo, e, mercê de seu ar viril, houve votos, de ser preferivel este, e não dever dar, o Apollo, senão um policia inferior.

Mal deixa adivinhar hoje, o jaquetão, a esbelta cintura de que o heroe foi dotado, merecendo a todos a opinião de que, uma abóbora, não fôsse mais airosa que elle.

Namorava uma, namorava outra, namorava todas, namorava sempre, D. João de bota grossa, sequioso de gloria e de amor, bebendo, de vez em quando, dois decilitros, como preparo para gravar o seu numero e o da Divisão, na memoria dos homens... e na das mulheres.

Como policia, que se respeita e preciosamente se considera, não passa ao lado de *mostrador* de loja sem se mirar no vidro, como se a si proprio fizesse a *continencia*... — De vez em quando, vai tirar o retrato.— Preferiria estar de estatuas, em bronze ou pedra; mas, medalhão, ou busto, agradam-lhe menos que a photographia, por que, para a fealdade solemne, esta se presta melhor á expressião heroica e sympathica posta em cartão luzido como as meninas dos olhos...

Em havendo desordem, trata as pessoas como se a sua intenção fôsse tornal-as felizes, por mais que lhe resistam... Puxa da espada, e, ainda quando não usa d'ella, tem a arte bellica para anniquilar, para moer o delinquente com a peor das armas — um seu discurso.

N'um paiz em que toda a liberdade é pouca, não poderá elle querer alguma para si? Faz-lhe pena, o pobre diabo, que coça as mangas na mesa de uma secretaria. Tem dó, dos que nem isso logram, afastados do orçamento, trabalhando debaixo da tábua particular. Horroris-o o commercio, a prisão permanente dos lojistas de horizonte circumscripito ao balcão; e a canceira dos actores, que ensaiam de dia e representam á noite; a caturreira do trabalhador dos campos, curvado sobre a terra, a limp-a dos seixos e das ervas nocivas, a abri-a, a afagal-a com a vista e com as mãos...

Ao passo que, elle, passeia, conversa, revê-se nos botões da farda, fuma o seu cigarro ao sol e ao luar.

Da maior parte das vezes, para levar as lampas aos sagazes americanos, não impede, mas não vigia; segredo de não comprometter o andamento das cousas pela precipitação.

Tudo parece apagar-se, quando elle chega!

Em não olhando de frente, é quando mais se fica lembrando das cousas.

Quando pede aos carroceiros para examinar as licenças, põe em pratica apenas a formalidade, o cumprimento d'um árduo dever, para que a opposição não passe por cima d'elle, como se diz na politica; estima com o deitar-lhe a vista e tomar nota na carteira, dar um testemunho publico de que para o bem geral até sabe traçar a lapis os caracteres com que se representam as palavras!

Se caprichasse em surprender e punir, se tivesse séde de multas, se quizesse tirar gloria de confundir os culpados, não lhe repugnaria tanto o flagrante delicto; é sabido, que, em sendo preciso, não ha vê-lo. Que diabo! — E' um guerreiro, não é um espíto.

Ha quem embirre com elle, de preferencia a embirrar com os que elle é obrigado a perseguir, variand; por este modo as opiniões.

O que o prejudica, por fim de contas, é roubar-se, por ahí, tanto, que já nem tem graça...

Em prendendo alguém, cottadô, torno-se ridiculo!...

JULIO-CESAR MACHADO

1909-10-10







Lith. da C<sup>ta</sup> N<sup>da</sup> Editora.

MULHER DO RIBATEJO



## CAMPONEZA DO RIBATEJO



Quem attentamente lhe considerar a estrutura plastica, ha-de naturalmente reconhecer n'ella os elementos caracteristicos de uma organização privilegiada. Fartas e accentuadamente negras as tranças do cabello; pretos os olhos ou de um castanho-escuro; bastas as sobrancelhas, e longas as pestanas; a tez do rosto, morena por nascimento, e mais e mais atrigueirada perante a ardença do sol que lh'a cresta durante os labores agrícolas ao mesmo tempo que lh'a enrubescce de tons sadios, como succede no amadurecer dos pecegos; corporatura desafogada e vigorosa; não raro umas mãos pequenitas e relativamente delicadas, que, se não fôra a rudeza da faina campestre sustentariam competencia com as das mais aristocraticas damas; — e ahí está delineado o typo geral da camponeza ribatejana, que á primeira vista poderiam olhos menos perspicazes confundir com o typo ordinario da saioia, mas que realmente se distingue por feições de raça mais fina, incomparavelmente mais fina, mais intelligente, mais esmerada, mais elegante, mais innocente, e, por isso, menos desconfiada e mais expansiva.

Circule embora n'ambas sangue de procedencia oriental, em mistura com o sangue peninsular lusibérico, — a verdade é que o typo boçal da saioia (em que ha certamente abastardado um incllassificavel mixto de sangue sarraceno e judeu-herberesco) quasi nada tem de commum com o picturesco typo da ribatejana (em quem tudo está denunciando a influencia do sangue arabe na sua genuina pureza).

E' que a interessante camponeza do Ribatejo representa dignamente a mulher do campino.

Educada no trabalho e para o trabalho, ella em tudo e por tudo constitue a providente auxiliar do marido, cuja abutação constante lhe serve de exemplar modelo.

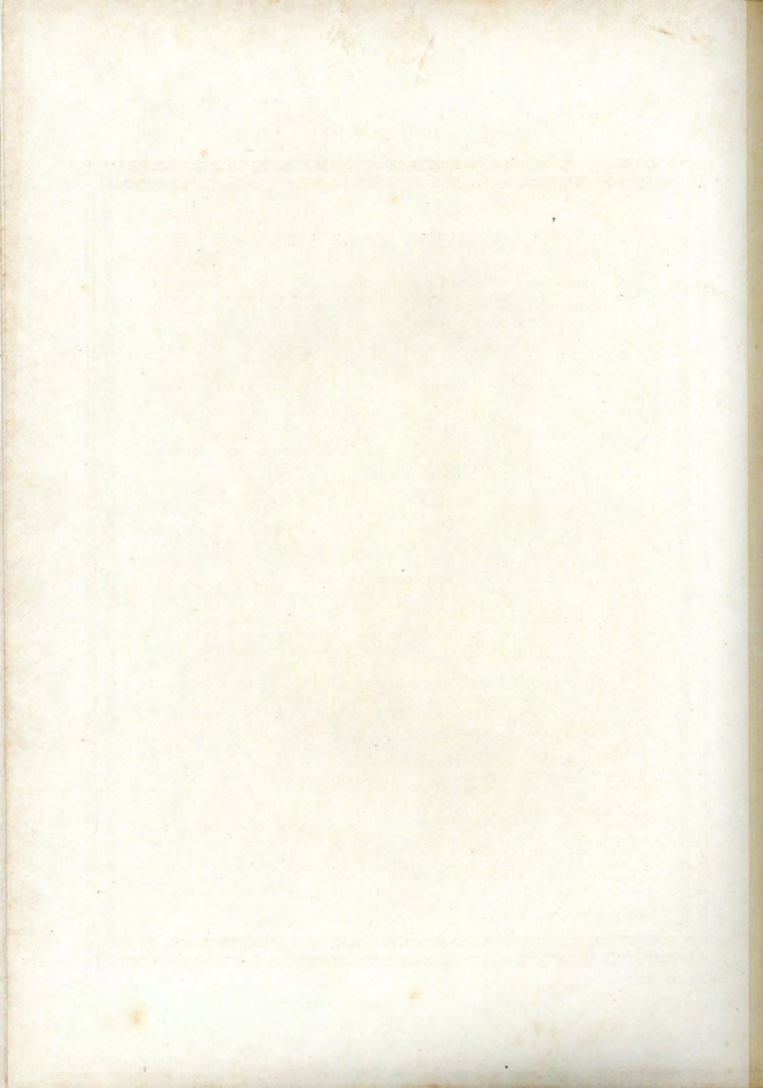
A sua vida é um mourear indefesso, em que as tarefas domesticas se alternam com as campestinas. Em casa, cuida nos preparos do alimento. cuida no fato dos filhos (ou dos irmãos pequenos, quando solteira), cuida na limpeza do lar; e as horas que lhe sobram vagas, aproveita as fiando, torcendo, ensarilhando e dobrando o linho para as faturas teias da sua roupa branca, grosseira mas alvejante de aseoio. No campo, quaesquer lides para que se julgue physicamente habilitada, não se flues esquivam manca.

A sua proveniencia ethnica denuncia-se no variegado das tintas com que se lhe matizam as peças do vestuario: a saia de chita quando para trafegos mais importunos se arregaça em-torno da cintura, formando atraz uma especie de cauda retorçida e pendente, mostra-nos porbaixo duas ou mesmo tres outras saias de baieta, de flanela, ou de castorina, sobrepostas por forma que de dentro para fóra vão sendo successivamente mais curtas, e assim as podemos simultaneamente ver todas, — ao passo que de todas é geralmente a exterior que mais alegre ostenta o colorido, vermelha quasi sempre, orlada por um debrum amarello ou azul.

E' no arregaçar da saia exterior que mais afoitamente se lhe descortina o alvejar das meias té quasi á torquescencia do gemello. Nos pés a supsta grossa de carneira crua, com atacadores do proprio cabedal, perfeitamente analogo á do campino, indica-nos por mais um modo a analogia entre as duas entidades ribatejanas.

No busto havia outr'ora as roupinhas de chita, que mo-Jernarpeste cederam logar á camisola garibaldina, despretençiosa e folgada: sobre esta a recatar-lhe o pescoço (onde apenas com o trajo domingueiro rebrilha um cordão aureo); traça-se, risonho nas côres, e á maneira de chale, um lenço de algodão ou de linho, por via de regra franjado; na cabeça, outro lenço mais pequeno representa quiká os derradeiros vestigios do turbante mourisco: por adorno de orelhas, umas simples caçaças d'oiro, não enormes nem filigranadas como as arcaicas colossoas das ovarinas ou das lavadeiras miuhotas, mas pequeninas e modestas, massiças e reluzentes.

Nestas condições a camponeza ribatejana offerece uma distincta individualidade, pronuncialissima sobretudo n'aquellas poeticas campinas do Valle-de-Santarem, onde Almeida-Garrett localizou o romantico drama das *Diagens na minha terra*, e onde Manuel de Macedo foi tambem copiar do natural a conscienciosa agualella de que vão demonstrativamente acompanhadas estas minhas palavras no *Album de Costumes Portuguezes*.







Luiz de C&P Editores

VILLOA - ILHA DA MADEIRA



## TRAJO DA MADEIRA

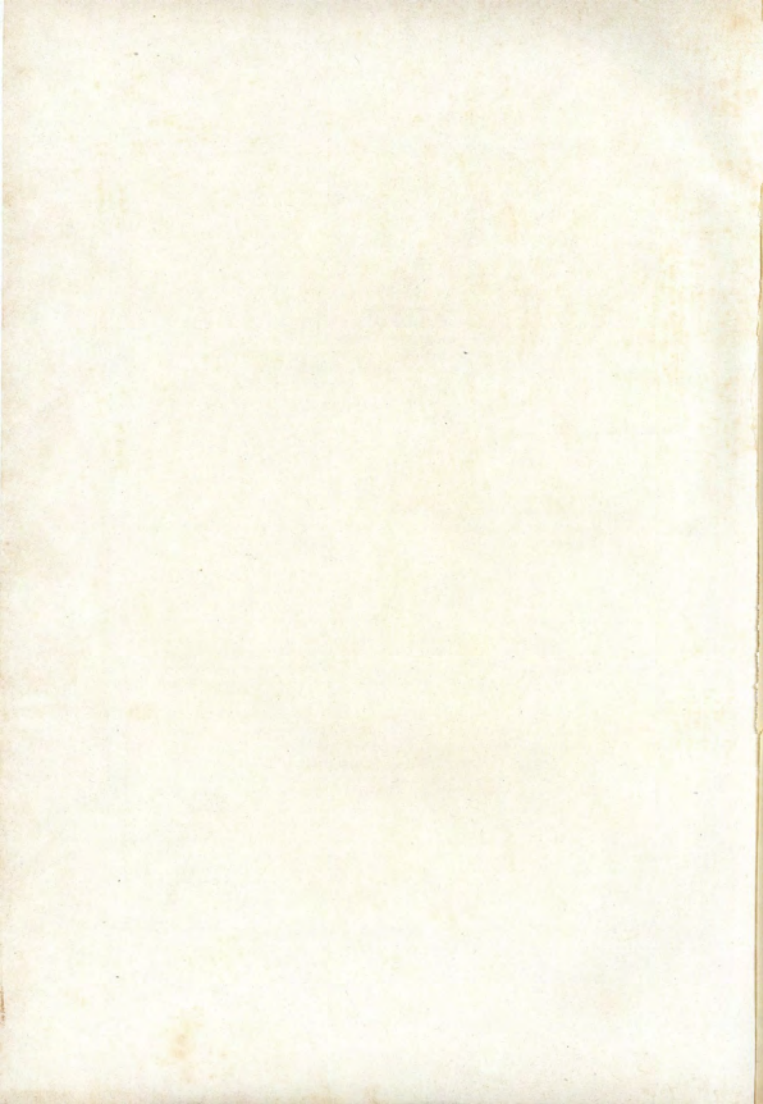
U já tive que pugnar pela gentileza do capote e lenço. Não esperava porém ter de fazer ainda um esforço patriótico para defender o carapuço madeirense. Decididamente o bello sexo insular escolhe de tal forma os seus trajos e os seus atavios que os seus Magriços litterarios têm de dar tratos á imaginação para lhe defenderem o bom gosto.

E' que em Portugal foram sempre as bonitas que dictaram as leis da moda. E' o contrario do que succede em França. Ahí são as feias que legislam. Vejam as modas que chegam de Paris, e digam-me se não foram todas inventadas para disfarçarem os defeitos d'aquellas que a natureza desfavoreceu. Não foram decerto as possuidoras de fartas e magnificas tranças que inventaram os cabellos postiços e as cuias; não foram as Cendrillon de pequenino pé que imaginaram as botinas de taçio ao meio que dão ás mais formidaveis toezas o aspecto illusorio de uns pésinhos de fada; não foram as esbeltas que descobriram a egualitaria *tournoir* perante a qual a Venus Callipygia em nada se distingue da Venus de Praxiteles. Tudo quanto pode concorrer para supprimir a superioridade das airozas, tudo quanto pode contribuir para equiparar as cutis foi servilmente adoptado por aquellas que não têm senão a lucrar com a franqueza.

Entre nós é o contrario. As formosas lançaram por toda a parte um audacioso desafio ás deselegantes e ás feias. A rapariga madeirense que a estampa representa foi indubitavelmente a inventora do carapuço. Quem tem aquelles fulvos cabellos e aquelles olhos de saphyra pode impunemente coroar a sua loira belleza com o mais desgracioso de todos os funis, que sempre o funil ha de ser um diadema para aquellas tranças e uma auréola para aquelle rosto. «Dêem-me duas táboas e uma paixão, dizia orgulhosamente Dumas, e levanto a platá». Dêem ás madeirenses uma belleza sideral e um funil e o mundo inteiro se lhes roça aos pés. Foi Agnès Sorrel sem duvida alguma quem inventou as horrorosas mitras do seculo xv. Podera! Queria ter Carlos VII preso nos seus braços, e onde os seus olhos triumphavam, sabia perfeitamente que fariam fiasco medonho as suas contemporaneas. E tanto assim foi que Joanna d'Arc, para que o rei a ouvisse, teve de lhe apparecer em *travesti*. Se lhe apparece com os fatos da corte do seculo xv, Carlos VII recambiava-a para Vaucouleurs!

Mas d'onde veio aquella moda dos carapuços? Do seculo xv provavelmente. A Madeira conserva de um modo notavel as tradições da descoberta. Causas que em Portugal desapareceram sobreviveram na Madeira. Não seria aquelle carapuço como que a miniatura popular dos altos toucados das cortes do seculo xv?

E' que effectivamente o trajo completo da madeirense faz lembrar as personagens dos pannos de raz, ou as figuras hieraticas das illuminuras dos missaes. Não hesitamos em devanear ao lado d'esta figura loira e gentil a figura de uma pagen de cotta bordada com heraldicos matizes, e com os longos sapatos bicudos dos fins da meia-idade. E tanto assim é que varios escriptores inglezes que se occuparam da Madeira não hesitam em declarar graciosissimos os carapuços-funis. Será porque a Inglaterra conserva as predilecções medievaeas, ou porque a sua predilecção pela Madeira, a *Ocean's flower*, lhe faz achar gracioso tudo o que alli se encontra? Não imagine porém o leitor, ao ver o typo inglezado da nossa estampa, que a Grã-Bretanha leva a sua predilecção ao ponto de contribuir largamente para a população da ilha. Esse typo é rarissimo, e a madeirense, com a sua languidez um tanto creoula, com o seu falar cantado e um pouco arrastado, conserva geralmente o encanto voluptuoso e doce das bellezas meridionaes.





Lith. da E. R. Editor

SALOIA





## A SALOIA

**D**a mesma maneira que para os vinhos do Porto, ha, para os tipos populares, as coheitas celebres... A saloia de 1841 foi a melhor. Cantou-a o antigo *normal* da rua dos Condes n'uma farsa lyrica, innocente e pacovinha, mas, enfim, nossa: com um milheiro de diabos, como se dis na aldeia, nossa! Silva Leal escrevera a lettra, Frondosi compozeta a musica, um certo Vazoz era o lis'oeta, a Radicci era a saloia, o *Beijo* era o titulo.

São alegrias que não se renovam. Não tornará a haver cidade como Lisboa nem opera que valha essa *posico musica tentativa*, cujas cantilenas o echo da popularidade repercutiu pelo paiz inteiro...

— Não posso, não devo — Taes folia ouvir...

— Ó saloia dá-me um beijo...

— Tambem eu n'estas cadeias — Vou cumprir meu doce fado...

Depois da «Nympha Syrnijs» em que a celebre Maria da Luz dançava o *landum*, era a primeira vez que o theatro salvava as familias do hysterico dramatico que atacava as meninas com o carunchoso repertorio tragico. Enredo de indole tão pacifica e virtuosa que o seductor nunca procurava a heroína no campo ermo, porém sim no povoado, mostrando-lhe bom rosto a descuido e sem desigño, longe de a puxar para as melancholias do despedir do dia ou do estrear do serão entre danças...

— Rapariga! dizia o Caetano de Castro á Joanninha. Vocês sempre são umas santinhas! Quero as á noite todas lá em casa para se divertirem. Mando pôr luzes no jardim; ha de dançar-se o fandango, cantar modinhas saloias... E' verdade, ó Joanninha, que ha tanto tempo que te não oço cantar uma modinha... cá da terra, que é das que gosto, porque vocês já estão muito lis'oetas, já cantam a *Norma* e o *Domias*, já dançam contradanças finas... Como são tolas! Fazem-se mscacos da gente da cidade no que não podem fazer tão bem como lá se faz, e n'aquillo em que ninguem lhes chega já se vão fazerão esquivas.

E, livado ao terreno das curiosidades, porque não direi que já conheci um homem da melhor sociedade, e sintonado por uma verdadeira femosa saloia, filha de um agricultor de uma das melhoeres terricas saloias, Loures, Loura, Malveira, Canaças, Sabugo, ou Cabeça de Montachique...

Vendia leite, a pequena. O leite é a suavidade: mar de leite se diz do mar manso. Ella era meiga como uma rôla. E depois, que leite! Ha leite e leite. Não era o simples liquido branco um pouco mais pesado que a agua, um pouco mais doce, e... com uma porção de farinha que as glandulas mummaries não costumam dar.— Quantos ha que por mille conhecem uma cabra e a quem mais valera que li'o fosse uma das bilhas d'ella! — Tanto a requestou, o dandy, que a obrigou a pensar n'ello, o que, de principio, chegava a parecer-lhe um peccado. Ia elle vê-a de madrugada, fuzique fuzique, ao quartel general das saloias na entalagem do Poço dos Negros defronte do collegio da Senhora da Conceição. Vinham as lavadeiras e as leiteiras, em corraças, ou a cavallo: e, quando alla chegava, via-o sempre. «Que cedo se levanta!» pensava. Elle si deitar-se.

Que de cousas, porém, apprehendeu... Quiz comprar a fazenda, que a familia d'ella trazia de rendas, e, por ser-lhes favoravel, cedeu d'este empenho, aproveitando a boa disposição dos parentes para levar a exito nos jantares na hora que ellas amanhavam, la para lá com tres inglezes amigos e entreteinha-se com agrado dos paes da peçena a ensinar-lhe inglez a ella. Com o seu lenço amarello, as ropinhas, a saia azul arregaçada, a de bacia amarella por baixo, e as sapatas grossas, parecia *lôpa*, mas, fez prodigios de intelligencia. Acabaram por se entender... em inglez; e porque hoje um fim dos fins, elle casou com a saloia.

Quem se lembra hoje, quem adivinha que ella trazia nas bilhas leite a vender em Lisboa?

Quantas vezes os senhores a terço visto, de camarote, nos theatros, nas touradas...

lá o outro cantava po *Beijo*:

Tambem eu n'estas cadeias — Vou cumprir meu doce fado...





Lith. da C<sup>da</sup>R<sup>da</sup> Editora

PRETA DO MEXILHÃO





## PRETA DO MEXILHÃO

**A**

ntes da *ordem do dia*.

Sabem dizer-me o motivo por que o mexilhão não é *hors-d'œuvre*, sendo *hors-d'œuvre* o camarão, sendo *hors-d'œuvre* a ostra?

Isto bastaria para constituir o elogio supremo do mexilhão. *Hors-d'œuvre* são *pratinhos*. Não constituem uma comida substancial. Apenas servidos, como que à banda, n'um intervalo rápido, reforçam a elegância de um almoço ou de um jantar.

Em que poderia ser-lhe superior a ostra, que nem cabeça tem, e que não cheira, não ouve, não vê. . .

Dorme, e come. Isso sim. Tão tola que deixa correr de si má fama, para os mezes que têm *r*, sendo exactamente estes os mezes em que ella é melhor e em que está perfeita!

Que de vezes se tem dito:—Vão-se os deuses!

São os mexilhões. São, elles, os deuses! Prejudicaram-os os entromettidos, os que mexem em tudo. . .

A fartura de *mariscos* enfraqueceu a carreira aos mexilhões.

Tanto mais que o pobre mexilhãozinho cresce sem alôr ento! É um poeta. Vive e medra como a lua. . . Nem os dicionários o entendem. De grossos tomos palheirões se compõem, e, com respeito a elle, limitam-se a dizer:—*Especie de marisco vulgar*.

Só os pretos, que

*em leves barcos mariscando*

*Levados d'água vão do rio untoso*

re empenharam sempre em o levar ao triumpho, incumbindo ás negras companheiras o têrem mão no tempêro e recommendas em no publico seu *r r*, seu *ain* e *strigulato*, seu *afete de Santarem*, em amplo tacho. . .

O que os vinhateiros devem ao mexilhão e o mexilhão ás pretas, não ha palavras que o digam! O aroma d'ellas beneficia-os. Assim como a agua salgada dá ás mulheres da côr do ebano um aroma delicioso em ellas se esfregando com tomilho, assim a preta dá ao mexilhão um picante especial.

O tomate, a cebolla, o colorau harmonisam-se por tal arte com esse samete, que o mexilhão da preta é o mexilhão primaz.

Já de uma vez um patucão entrára em tanta maneira por aquelle tachada, que, ao recolher, indo alta a noite e escura, requisitou de um taberneiro que já estava a metter se na cama, a graça de lhe desfachar alguns decilitros pela janella. . .

—Ahi vai dinheiro, venha vinho.

O taberneiro estendia o braço, passava-lhe copo sobre cope, e elle, na rua, como se os distribui-se a amigos:

—Toma, bebe! —Refresca-te, ahi vai! —Este é o teu! —Para ti, este. . . —Agora tu! —Chega a tua vez! —Este é para ti!

—Está ahi uma grande sociedade! dizia o taberneiro á mulher.

Quando seren ram os decilitros, puxou da candeia, e viu ir o freguez, sósnhe, pela rua adeante.

A voz da preta perdia-se na noite, ao longe:

—Elle tem seu *r r*. . .

Para o verçadeiro amador da mexilhosada, a preta é essencial, e não entra n'isto aberração nem depravação de gosto.

O coquetismo feminino sabe associar tal ou tal cheiro artificial aos seus aromas particulares.

É a maneira de accentuar ou de attenuar o perfume primitivo.

A preta sabe que não é inodora. . . mas tambem sabe que o cheiro do mexilhão vai bem com o d'ella, e o cheiro d'ella com o do mexilhão.

Houvesse ella vindo com o *calismo*! Mas, veio antes, coitada da preta, foi esse o seu mal.

JULIO CESAR MACHADO





Lith. da C.<sup>ta</sup> N.<sup>o</sup> 1 Editorã

AGUADEIRO ALEMTEJANO



## O AGUADEIRO ALEMTEJANO

H

a vinte annos ainda, as pequenas e grandes povoações do Alemtejo não tinham o que poderia talvez chamar-se, o sentimento do aguadeiro. Toda a gente ia á fonte, mesmo quem não era servil, e mesmo quem não tinha sede nenhuma. A vida não estava ainda despoetizada por todas as convenções de meia tinta, ou de meia tigeia, que as estradas e os caminhos de ferro p'ra lá levaram, allindando o que n'ella havia de patriarcal e característico, e não deixando em seu lugar, senão baralhadia e picotilha. Naquelle enorme provincia, quasi toda árida e torrada, onde a escassez dos habitantes aperta entre elles um laço equalitar, pela necessidade d'um esforço commum, na vida dos campos; e onde os creados têm melindres de caracter, superiores aos de quasi todos os patrões; n'aquelle provincia, raras vêzes poderia saber-se ao certo, em que ponto, na labuta da casa lavradora, acabam as attribuições do dono, e principiam os deveres do servil. A consciencia da dignidade pessoal é lá levada a uma altura, que frequentemente recorda a Andaluzia.

D'esde o primeiro fidalgo até ao ultimo moço de lavoura, são todos da mesma casta e do mesmo sangue, para o alemtejo; e não ha superioridade alguma a que elle não torça o beiço, com ar lítico, antecipando o momento em que tarde ou cedo venha a apanhal-o em delicto flagrante de plebeísmo. Mais de um a vez teve occasião de assistir a scenas, onde este nivelamento attinge, pelas formas caricatu. ras em que se evasua, effeitos de optica, pittorescos ao ultimo ponto; e não me seria preciso talvez projectar mai longe o feixe luminoso da memoria, para evocar o luxo simples das grandes famílias alemtejas do meu districto, ha quarenta annos ainda — quando as descendentes dos Zarcos, dos Gamas, dos Mellos, dos Cordeiros, dos Lobos, dos Silveiras e dos Pessanhas vinham á missa de capote e lanço, um saquinho de velludo no braço, o vestido de fazenda, severo e monastico, o cordão de ouro ao pescoço, cigarras de pedras nas orelhas, e sapatinhos de duraque, sem tacão. Os homens, raro deixavam o jósézinho de buche e o chapéo molle, e a sahida do officio davam a mão a todos os camponezes que passavam, enquanto as senhoras ácidas gastavam horas a coixar com as mulheres d'esses campones, suas afilhadas, amigas, ou consides de aguas bentas. Durante as festarolas de junho, pelo S. João e pelo S. Pedro, aligavam-se sempre, as cavalleis, vir bailar nos mastros da sua aldeia, com os rapazes do campo, para depois irem, mais as outras mulheres, coroadas de capellas de cravos jasmim, e péros de Santo Antonio, encher á fonte as cantarolas de barro — as cantarolas que beizia o padre na vespera, e aquella lera tinham o condão de extrahir d'el fundo da nascente, comozote as esalades, ou cura de molesias, ou noivo á geito, ou então uma existencia regulada. Era o bom tempo! Agora, tudo por aquella escampada terra alemteja; começou a perder a cor local. A deslocação facil e barata, permitindo aos camponezes o deixarem os seus burgos, inculca a vida provincial de todas as ridiculas interesses d'essas viagens do homem do trabalho, e destilale os dos encantos do lar, do amor da fazenda, e da poesia placida e idyllica dos horizontes pastorales, em cuja linha de engaste, entre céu e terra, elles se tinham acostumado a suppôr que findava o mundo. A crise agraria extrema além d'isso de miseria os pequenos povos. As grandes familias, ou se arruinaram, e extinguiram, ou abstenhamdo as casas solarengas, vivem em Lisboa uma existencia estéril de loufes, e passivos em *Lmlau*, pela Avenida. A vida cada vez se torna n'esses campos, mais difficil, e a lucta pelo pão é trinta vêzes mais acerba do que em Lisboa. To'os pretendem tratar-se. Já si servo se assenta mecos vezes a comer com o patrão, na cozinha das casas lavradoras. O mesmo lar desvirtua-se. As tradições poeticas apagam se. E, em desuso os velhos costumes patriarcales e equalitarios. E na terraola mais pobre, já poucas donas de casa levadam e tendem, ellas mesmas, a amassadora; ou sequer vão ás Trindades encher na fonte o canistro de barro, como a Samaritana da parábola de Jesus. Hum! haveria na pratica confessada d'estes me-tres, demoliado calcaceiro, uma decima que ellas quasi todas pretendem evitar. — E d'esta reclusão proposital da mulherinha que se fez dama, e acha que tr'á fonte é occupação imprópria de uma *sicla* nasceu o aguadeiro da villota alemteja, o mariola vuido e bistrado que a nousa estampa reflecte, e que em vez de cavar nas vinhas, ou de revolver a ferro de arado o esborçonto silão dos sobreiros, anda de cachimbinho na bocca, o grande relaxado, a apregoar — *gnot merca a agua!* — pelas ruas somnolintas do povo, onde os p'ncos fossam nas estremeiras, cigarras cham, e um velho sino bate as horas com uma plangenci sinistra de tam tam.

FIALHO D'ALMEIDA

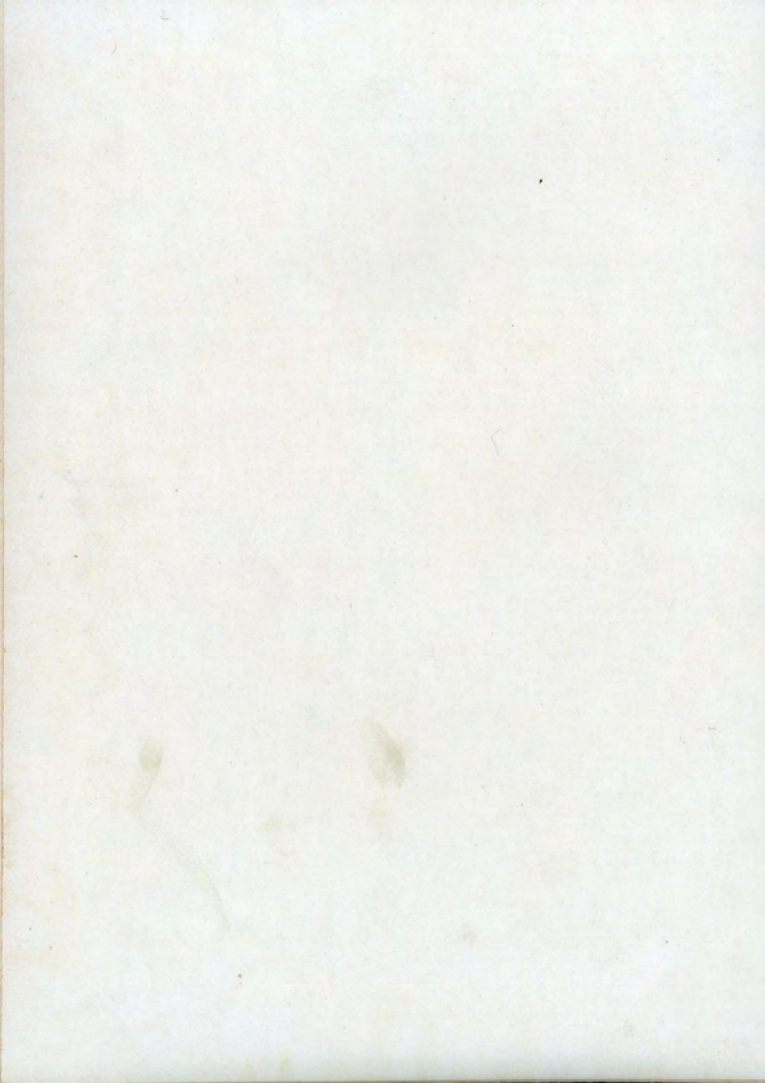


MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO



Lith. da *E<sup>ma</sup> R<sup>ua</sup>* Editora

TRAJE DE VIANNA DO CASTELLO



## CAMPONEZA DE VIANNA-DO-CASTELLO



enbo a honra de apresentar aos leitores do *Album de Costumes Portuguezes* o meu amigo Henrique Augusto de Brito Chaves (ou, por abreviatura, Henrique Chaves),— um legitimo typo da raça lusitana, que até, se lhe perguntassem a naturalidade, poderia responder applicando a si aquelles conhecidos versos do soneto camoniano

*Creou-me Portugal na verde e cara  
Patria minha, olemquer.....*

Henrique Chaves, encontrando-se uma vez com Hermann Harberts, um hannoveriano de Emden (todo elle germanico por naturalidade, todo elle portuguez por acclimação), fundou na Rua dos Bacalhoiros, mesmo ao pé da celebre *Casa dos Bicos*, a firma commercial *Chaves & Harberts*,— uma firma duplamente respeitavel tanto pela intelligencia e nobre caracter de seus dois chefes, como pelo vasto campo de suas acreditadas transacções. Mais tarde, achando-se ambos em conferencia com o sympathico Barão de Kessler, vil-os todos tres a inaugurar em Vianna-do-Castello, nas mais florescentes condições, uma «Companhia de Moagens.»

E depois?

Depois... resultou de tudo isto que foi Henrique Chaves quem, nas suas repetidas excursões á capital do Minho, teve ensejo de conhecer a encantadora camponeza, cujo retrato hoje apresentamos na estampa com que este artigo vai acompanhado,— modelo engraçado e caracteristico da população feminina que nas horas matinaes do mercado corre dos arredores á cidade por offerecer junto á beira do Lima as suas fructas muito maduras, as suas hortaliças tenras, e os seus cereaes, sus manteiga fresca, sus leias alvissimas de linho ainda mais fresco, taboleiros de pão, cabazes com galinhas, cestos com ovos,— e, para vender tudo isto, um geito peculiar, um geito muito gentil, entre modestia e jovialidade, que ás vezes na sua feição risonha faz parecer acanhadas as galantes moçoilas.

É preciso vê-as para devidamente as avaliar na sua ingenua simplicidade, com uma certa accentuação ciciosa na pronuncia das palavras, ruborizando-se instinctivamente pudicas se algum demora acaso olhos mais curiosos nos oiros com que lhes adornam collares multiplices a turgidez do busto, ou se a impertinencia de quem lhes mira as minucias do vestuario chega a ponto de querer comparar com a alvura da camisa de linho grosso espartilhada pelo collete de panno-de-lan a alvura das meias no curto espaço visivel entre a fimbria da sala listrada e os sóccos de salto curto, algumas vezes talhados em cabedal de polimento com bordaduras caprichosissimas.

O original da estampa (segundo Henrique Chaves acaba de affirmar-me) daria *mutatis mutandis* a Margarida campesina do «Fausto.» Desconhece a «Canção do Rei de Thule»; mas, fiandeira e loira, aquella mulher dos arredores de Vianna sabe desabrochar, quando nos labores do lar domestico, em uma longa serie de modilhos poeticos, muito insinuantes, perfeitamente em harmonia com a exuberante florescencia da região minhota.

O que á primeira vista pareceria n'ella talvez rudeza, é timidez. Sensibilidade tem-n'a e mui delicada; tem sobretudo n'um avantejado grau as tendencias affectuosas.

Podem, sim, smelrontal-a no primeiro impulso os rumores tumultuosos do viver mundano; mas em rigor, na sua ignorancia primordial, não cuida mal de ninguém. Não cuida, porque é incapaz de pratical-o,— innocentissima como a «Gretchen» de Goethe. Oxalá lhe não surja no caminho, turvando-lhe veias crystallinas de seu limpido viver, a diabolica fascinação de um Mephistopheles!

XAVIER DA CUNHA







Lit. da E.<sup>a</sup> P.<sup>a</sup> Editorz

A CADEIRINHA DO PORTO

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## CADEIRINHA



ara que serve andar depressa, na vida?

A cadeira portátil tirada por dois homens a commodo de quem vac n'ella, tem sido o vehiculo que melhor corresponde ao *ram ram* do viver portuguez.

Nem a gondola lhe levou nunca a palma em vantagens, comquanto não haja carruagem que possa comparar-se-lhe no prazer que dá aquella especie de saveiro com caixa de sego na barriga, na caixa uma porta, dois logares ao fundo, e dois dos lados para estender as pernas, na prôa um ferro com seis dentes.

Pintadas de escuro ellas todas, pode a caixa ser forrada de casimira branca, de damasco, ou de velludo e ter quanto luxo houver comtanto que por fora nenhuma d'ellas se differença das outras.

Presidiu o sentimento da egualdade á combinação de ambos estes modos de transitar sem ser visto.

Cadeirinha e gondola têm sido, n'isso, irmãs.

Fez tudo em Veneza a republica. Eis o segredo. Sempre que alli se pergunte a quem se deve tal edificio, tal monumento, tal palacio, ouvir-se ha esta resposta:—Á republica! É por isso que se não permite ao mais poderoso senhor, ter gondola que se differença da do particular mais infimo... Cumpre que no avistar um d'aquelles barquinhos, que vá deslizando pelas aguas mysteriosas da lagôa, se não possa adivinhar se a *karac corriera* leva um fidalgo ao encontro de uma entrevista ou a mulher do gondoleiro rezando á *madonna* com o filhinho ao collo.

O mesmo é com a cadeirinha, chamada outr'ora liteira, excellente para os que por seu estado de saude não possam sahír n'um trem.

Está-se alli como n'uma alcôva.

Ninguem observa...

Ninguem pasma...

Ninguem espreita...

E nem sequer é perigoso, como o pode ser na gondola se quem fór n'ella deitar a cabecinha de fora, porque os dentes de outra gondola que vá passando lh'a possam cortar de repente como se fôsse uma cabeça de nabo.

Nas noites de espectáculo no antigo theatro de S. João, do Porto, via-se nas ruas uma fileira de cadeirinhas, em chegando a hora da symphonia...

—Aconteceu alguma cousa? perguntavam os forasteiros, para os quaes isso fôsse novidade.

E á sahida, n'uma sala resguardada e luxuosa—especie de desafio da segunda cidade á capital para livrar as elegantes de esperarem de pé e ao frio como em S. Carlos—as senhoras punham um lençinho na cabeça e entravam para a liteira.

Um famoso Lamparina, alegre *viveur*, intrepido, conhecidissimo n'aquella cidade, mettia-se n'isso por qualquer cousa. Perdêra ao jôgo e precisava paz e descanço? Evitava os carros que venciam a passo por minuto a legua do Porto á Foz, e a tipôla que o freguez tinha de ir buscar á cocheira. Tinha entrevista amorosa? Ia mudando de cadeirinha para cadeirinha até o logar apazado, evitando assim a imprudencia de ser visto e a coscoviliche perigosa dos boleiros.

A um alfaiate estrangeiro muito conhecido em Lisboa, que ia duas vezes por anno visitar os elegantes do Porto, procurar encomendas e tomar medidas, dois andadores tão seguros no puxar da cadeirinha como no amor da patria e na arte da tesoura, que exerciam quando descançavam da liteira, armam-lhe a farça de o metterem n'uma cadeirinha rôta n'uma noite de trovoadas, e o homem, nas Fontainhas, a ser puxado e a andar pelo seu pé dentro da falsa hocêta.

Hoje a villa das Caldas da Rainha é o ultimo degrau que resta da escada gloriosa que a cadeirinha tem percorrido. Resguarda-se o doente, esconde-se ao sahír do banho, ao ir para o club, n'essas *andás* em que passavam os monarchas portuguezes desde D. Affonso I o Conquistador até o Cardeal D. Henrique o Casto, e de onde o general Póvoas, famoso estrategico, que já raramente montava a cavallo por não poder aguentar marchas, commandou uma divisão no tempo da Maria da Fonte...

Commandar uma divisão... de dentro de uma cadeirinha!... Chega a parecer um *reclamo* americano.

*Hurrah* pelo general Póvoas!

JULIO CESAR MACHADO





Leith da C<sup>a</sup> I<sup>o</sup> Editor

COSTUME DOS SUBURBIOS DE BRAGA



35

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## COSTUME DOS SUEURBIOS DE BRAGA



uem nos diria a ambos, n'uma manhã em que fomos de Braga ao Bom Jesus, que houvesse de chegar a hora em que eu deveria escrever a respeito d'ella?!

Era, então, o *elevador*, a novidade que atrahia as raparigas de S. Jeronymo de Real, Santo Adrião, Bretiandos, Senhora do Alívio, Sande, Rondufe, Ponte de Valle de Bicos... Entravam na cidade em passo de festa, e, por não perderem tempo a procurar refeição, nem ergoerem ambições ao hotel do Ivo, iam trincando no pãozinho que as vendedeiras chamam *rôscas*, e nos classicos pastéis de carne das *frigidicats*, e saltando para o carro americano, que conduzia da entrada da cidade ao sopé da encosta do Bom Jesus...

Quadrava-lhe a primor, a *patêga* commedida e grave dos suburbios de Braga, a simplicidade risonha e antiga da cidade, em que apenas ao longe se entrevêem as ruellas tortuosas e estreitas, os velhos bairros escuros e sombrios, as vieellas de encruzilhada, um pouco barbaras, mas, ainda interessantes na protecção que parecem dar a aventuras que se escondam na noite...

Te e todos os lados, ensames de padres;—de vagarinho, uns, afogados em banhas, fazendo festa ás creanças, recommendando que as deixem cedo, que é preciso rezar á bócca da noite e correr para a cama...; outros, estíficos, aboborando argumentos contra a incredulidade...; ostentosos, estes, de exterior abundante;—mais propensos, aquellos, á humilhade que á limpeza;—os da esquerda, políticos estremunhados, almas de grupo revólto;—os da direita, versados em chronicas, papelada dos curtosios, boi bento, carro das hervas cheirosas, casos da mesa da irmandade, lances da administração da confraria...

E parava de instante a instante o carro, como que ao chamamento da igreja, subindo uns padres, descendo outros, sem se esquivarem, como que a um movimento de justiça, de deitarem ohalada de soslaio á camponeza, que, sem querer, distrahia as atenções que devêsem dár-se ás imagens das machinetas, oratorios, nichos, capellas, e altares, que servem de testemunho de que o espirito religioso de Braga conserva tão intactas as suas creanças como as suas antiquallas.

Fazia-se, no entrar para o elevador, um grande silencio cortado apenas pelo canto de algum rouxinol, e pela voz da suburbana, que soltava um ai; extasiada d'aquelle caminho, ao modo da escada de Jacob, e, dos horizontes, que vinham surgindo d'aquella natureza excepcional, mundo magico que nos deixava suspensos no espaço parecendo convidar a que se pensasse na eternidade, nas estações mortas, na que tão viva era aquella hora, ainda que pouco antes de ter de ir juntar-se ás outras, ás que já lá vão.

É em dia de trabalho e com vestes de outomno, que a estampa apresenta a *patêga* dos suburbios de Braga; lenço amarelo na cabeça, *capwoha* atada atraz das costas, camisa de cabeção com lóbio, avental cõr de grêda, saia de baeta com fitas de velludo, sóccos azues, n'uma das mãos a canastra, na outra a *sôga*.

N'esse dia, porém, que era de estio e de festa, trajava saia de linho e de algodões de cõr; o corpete decotado a deixar vêr a camisa em pregas, de mangas em refógos presos por um fio incarnado; o calcanhar de meia branca, sabindo da chitela de bico agudo; no peito grilhões de ouro, emblemas religiosos, de filigrana, corações, imagens, cabeças de santos, e, sobreposto o lenço de seda cõr de laranja e vermelhos como que uma negaça aos homens, ainda mesmo depois da declaração feita no grupo dosromeiros no adro, por occasião das romarias:—Se a menina gosta de mim, eu gosto da menina. Mas, se a menina não gosta de mim, isso, é outra coisa.—É tremor, então, que ella responde, comquanto de modo amavel, que o têm, sempre, as raparigas dos suburbios de Braga:—Vossa Senhora, sr. doutor, não me desagrada. Mas, não é forma p'r'ó meu pé...

Boa rapariga, que por lá tratam de *patêga*, como, ás dos arrellores, de Lisboa se chamam *saloias*; de Santarem, *herrás*; e, de Villa Franca, *dos moetes*.

A serenidade do ar, a solidão e poesia do Bom Jesus, a ramagem frondosa da matta, o sussurro das fontes e do jorrar da agua nos tanques, pareciam saudal-a sorrindo-lhe...





Lith. de C<sup>o</sup> R<sup>o</sup> Editor

COSTUME DOS ARREDORES DE COIMBRA



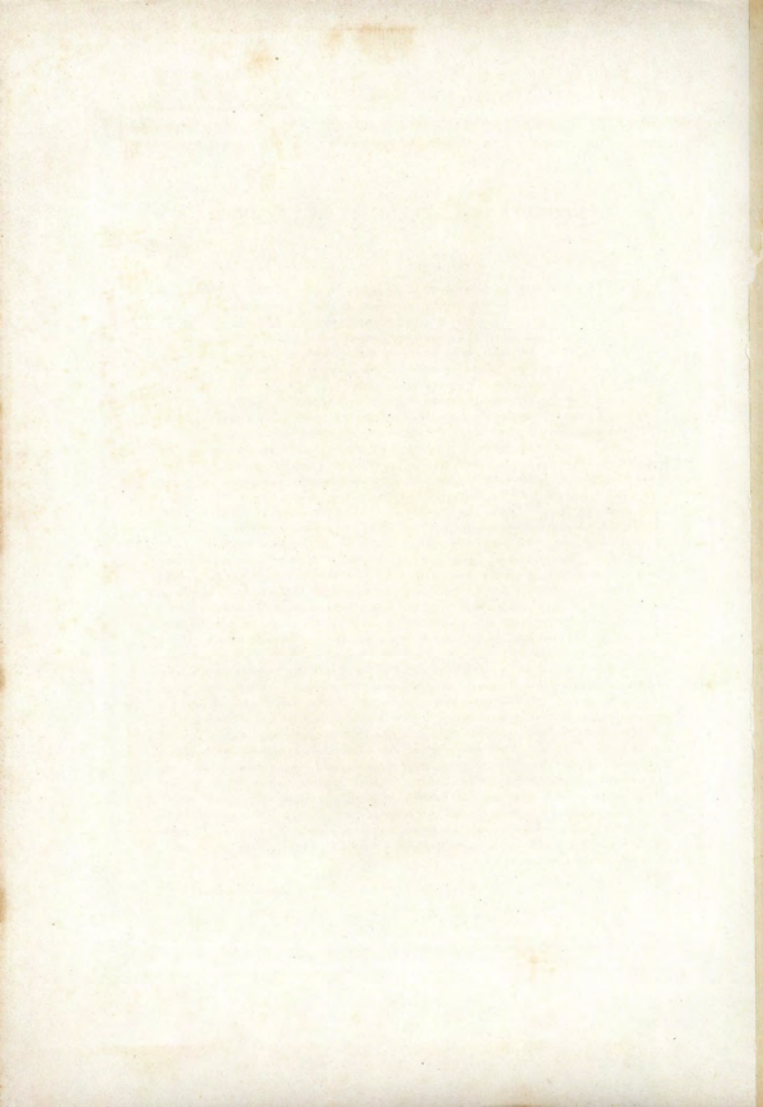


## CAMPONEZA DOS ARREDORES DE COIMBRA

**D**eviam saber latim e grego as *tricanas* do tempo das *cathedrilhas* de Scoto, e do dominio de Aristoteles, devem conhecer perfeitamente Augusto Comte e Herbert Spencer as *tricanas* de agora. Em Lisboa as sopeiras conhecem intimamente os filhos de Marte, em Coimbra as *tricanas*, que são muitas vezes as serventes d'aquelle bairro latino, conhecem os filhos de Minerva; por isso tambem devem olhar com desdem supremo para as filhas de Lisboa, que têm de trazer os seus amores pela vulgaridade das casernas e das esquadras, enquanto ellas têm por adoradores toda a futura magistratura judicial.

Alli onde as vêem são as verdadeiras Lauras de todos os Petrarchas da nossa terra. As estrophes que um estudantinho poeta solta á briza dos vinte annos são quasi sempre dedicadas a alguma *tricana* dos bons tempos. Quando Camões fez a corte a Natercia, já era homem erudito, que sabia Petrarcha de cor e saltado e por isso lhe dirige uns sonetos magistraes, que muitas vezes — maganão — se limitam a ser uns exercicios de rima no genero das do poeta de Vaulsue. Mas as trovas sinceras, peninsulares a valer, filhas das inspirações do Mondego, nascidas espontaneamente entre os salgueiras como as flôres sylvestres, essas, por Deus, illuminou-as com o negro olhar de alguma *tricana* de Coimbra. Depois, no fim da vida, quando já o sol do Oriente lhe queimára o sangue e lhe accendera nas veias as extranhas concupiscencias dos climas tropicaes, até as pretas o captivaram. Triumphava nos ultimos annos do poeta a pretinha saracoteante e o provocante mexilhão, mas na aurora da sua existencia foram as seductoras *tricanas*, portuguezas de lei, de olhar escuro e brilhante como uma noite estrellada, de corpo flexivel e elegante como um arbusto novo, de voz suave como as melodias do Mondego, que lhe fizeram andar a cabeça á roda. Romantico no principio, realista no fim, foi classico no meio. Catharina de Athayde é a inspiradora official, a musa, a Natercia, que Camões adora de lyra em punho e de corôa de loiros na cabeça, mas a *tricana* da mocidade, a *Liamor* que vae de cantaro á fonte, essa é a inspiradora nacional e adorada pelo poeta ao som da guitarra da sua patria, sob o luar sereno do nosso bom céu portuguez.

Assim n'um momento dado da sua vida encontraram-se por alli em Coimbra os rapazes gentis e enamorados e as galantes e divinas *tricanas*. Foram ellas o sonho d'aquellas adolescencias em pleno verdor, e elles o ideal supremo d'aquelles corações feminis, que despertam na abençoada ignorancia da vida. Mas depois passaram os cinco ou seis annos sacramentaes, veiu a barba aos rapazes e o rude trabalho ás raparigas; elles sahiram de Coimbra, advogados, medicos, prelados, engenheiros, homens graves, condecorados, maçudos e maçadores, casaram com umas burguezas ricas e gordas, ou com umas fidalgas anemicas e espletadas, e de quando em quando, no aborrecimento do seu lar prosaico, sentem passar com uns sopros de mocidade a imagem dulcissima da *tricana* ignorante e ingenua que adoraram dois dias! Ellas sentiram deformar-se-lhes o corpo sujeito aos rudes trabalhos do campo, casaram com alguns lapuzes que lhes batem, e quando estão a esfregar alguma casa, ou a ensaboar alguma roupa, com as farripas do cabelo já grisalho a cahirem sobre os olhos, vêem tambem, com um suspiro, passar entre os salgueiros a imagem fina do estudante que vinha ao seu encontro, de livros a tiracollo e que ás vezes falava nas maravilha ignoradas da poesia e da sciencia!





Lith. da E.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup> Editora

O JUDEU DAS TAMARAS

37

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## O JUDEU DAS TAMARAS



marinheiro hollandez deitava fora o crucifixo antes de entrar no Japão... Não será dislate ageitarmos-nos um pouquinho ao cabaz e taboleiro do judeu das tamaras antes de o julgarmos. É elle ainda para Lisboa o grande judeu, o judeu de rabo, e afigura-se-nos que se alumie de noite com o candieiro biblico de oito bicos...

Embirra-se de o vêr comquanto nos não faça mal... Quesila-se que seja como é e quem é. Sempre a mania de querermos de cada um o que elle não tiver; o que tiver, exigimol-o de outro. Empenho de que a ginjeira dê pécegos, e o pecegueiro ginjas...—Serve para o commercio e para mais nada. É inimigo pessoal da agricultura; e será bom não lhe falar de industria, a não ser de distillação de espiritos, que pode deixar lucrositos irregulares. Commercio, commercio... Cidade onde possam negociar, ahí acampam e já d'alli se não tiram.

São feios. É um de seus males. O mundo repelle-os instinctivamente. Ha terras, onde só podem comprar prédios com a condição de não ficarem considerados bens de raiz. Agentes, caixeiros de fora, caixeiros viajantes; á falta de melhor, a tamara de Marrocos, ao ar livre...

Vivem a gôsto e moram onde lhes aprez, em Portugal; não tem a lei para elles restricções.

Porque não hão de, ellas, vender tamaras? Judias ou christãs, a belleza faria esquecer tudo, como Helena aos velhos troyanos que, ao vêrem-a passar, se puzeram de pé, estupefactos, comprehendendo e desculpando que ella fôsse a causa de todas as desgraças que os haviam esmagado!

Com que prazer alguns maus christãos como os ha por este mundo, que ainda acham mais dôce que a tamara o olhar de uma mulher, seriam capazes de ir pôr em prática as suas devoções perante esses altares de Israel?

Partidario da estriccta economia, não pode dizer-se que seja a mola de grande relógio financeiro, mas, é exímio em regular a alta e a baixa da tamara, vigiar que não haja superabundancia nem escassez nos cofres, que a provisão em especie permita fazer face ás necessidades do serviço sem jamais immobilisar o fructo dôce da palmeira, o que seria arriscal-o a seccar.

Tem de prever o abastocimento das tendas, que de ha tempo o guerream vendendo a tamara grande em caixas, passando-a ás confeitarias para figurar nas bandejas de dôces, substituindo o carôço por um recheio de fios de ovos e amendoa. Reduzindo o preço, sem, todavia, abater o nível normal, recorre ás differentes camadas sociais, em excursões incessantes, ora por um bairro ora por outro, elle nas praças, elle nos bêcos, elle na estrada, elle nas festas, alegre ás vezes, ainda que da alegria silenciosa e grave de quem não conhece o riso, que é o sol do coração.

De reaes se fazem milhões... Se fôsse propenso a divisas, seria esta a que elle escolheria. Não se propõe ao milhão abertamente, é claro; não é para os seus olhos, bem espertos aliás, vêrem o milhõzinho vivo nem morto. Mas, vive, coitado. Ganha lidadamente o seu pão, ganha-o amargamente comquanto seja dôce a tamara, ganha-o por entre as chufas do povoleo e as vaias do rapazio das ruas, segurando bem o taboleiro, conchegando ao peito o cabazinho, sempre álerta na vida, calafetando as fendas por onde um real possa escapar-se-lhe...

Não é um rebêd, dos que se estendem em divans a fumar cachimbo. Tem a bolsa leve. Sabe que lhe seria impossivel reconstruir Jerusalem, mas seria capaz de andar muita legua de joelhos, se pudesse vêr erguer-se gloriosa ao cabo do seu caminho a pérola das cidades. Tem sempre fé, em todo o caso; não se recela de que o deixe morrer, a elle, á fome, aquelle que enviou um corvo a Elias para o sustentar, e ainda quando pesado de dias e tristezas, lembra-se que a palmeira não prospera sob um céu inclemente; e resigna-se á melancholia da sombra, sempre a sonhar com a luz das promessas e da esperanza.







Lith. da C<sup>da</sup> R<sup>da</sup> Editora

CAMPONEZ DA EXTREMADURA





## CAMPONEZ DA EXTREMADURA



onde trouxe a phantasia do aguarellista esta figura? Das escarpadas ribas do Sado, das lezírias do Tejo, das povoações ribeirinhas do Liz, ou por acaso, das veigas suavísimas e idyllicas do Nabão?

Elle mesmo talvez não podesse dizel-o já hoje, tanto os caprichos da composição trasladada ao papel n'uma hora de sonho, o afastaram de toda e qualquer realidade objectiva.

De feito, áparte aquella cara tostada, e aquella compostura sécca e corpulenta, poucas cousas achareis na nossa estampa que reportar-vos possam a idéa para a imagem do campones extremado, por mais recuado e exótico o imaginéis. Nem já agora nos campos da Extremadura (que foi uma das primeiras provincias cortadas de estradas e vias ferreas, e pela vizinhança de Lisboa, pela extensão do seu littoral, e abundancia e frequencia dos rios e cursos d'agua, mais cedo perdeu a feição propria, mercê da interferencia local dos numerosos forasteiros que a demandaram) nem já agora a Extremadura poderia fornecer aos pinceis de um artista *épris du vrai*, além do pescador e do campino, muitos modelos mais de trajos pittorescos.

Trajos pittorescos! O d'este sou a dizer que haverá sido, bem como outros, uma reconstituição humorística d'aquelles saloios de theatre que o Isidoro e o Faria tão ratonamente faziam intervir nos sainetes do Alcantra Chaves e do Luiz de Araujo, e cuja tolice nossos paes chasqueavam, em gargalhadas ingenuas e drolaticas.

Mesmo a designação vaga de «campones da Extremadura» não permitiria ao desenhista fixar n'um typo unico, as innumeras versões d'esse provincial que varia de conceção para conceção, de aldeia para aldeia, e até talvez, a dizer, de casal para casal—alternativamente loiro e moreno, agigantado e enfiado, languido e irrequieto, falador e concentrado... ora, como os de Mafra e Montelavar, grandes e redondos, cor de cobre polido, o olho doce alpardando sagacidades de *gajo*, n'uma lorpice opaca de intrusão, a phrase rude, a pronuncia cantante, a construcção grammatical atormentada... ora como os dos arredores de Muge e Santarem, de typo curto, pennugentos de loiro, a cara chata, o gesto célere: e em to-la a pujança, ondulando, a expedição de quem dá dois sopapos com bravura, laça gallardamente uma rez brava, ou vae furtar ao molinho a filha do moleiro, por ganhar o pichel de vinho apostado entré amigos, no arraial do orago da freguezia.

Este campones que a estampa representa, se lhe tirarmos os folhos carnavalescos das calças, e os recortes garridos da camisa, ficará talvez um rabuzano ali dos arredores de Ferreira do Zêzere, vindo ao mercado, agora pelo tempo das maças...

Deve ter o seu soute de castanheiros na encosta d'uma serra... o bicho o comer-lhos de uma banda, e elle a plantal-os d'outra, a vér quem teima...; deve ter um casarelho fusco, entre dois eucalptos monstruosos, perto do rio onde a canôa dormita, por debaixo das ramas dos salgueiros; e n'um bacello, que elle por certo aduba com mimo, para as boas colheitas meliúas do roupeiro e do bastardo, n'um bacello as figueiras a esbeçarem os figos sob as bicadas dos corvos, e as grandes abadas das preiras vindimas, vindo ao chão com o péso das pernas, ingurgitadas de chorume!

N'esta cara d'abbade, de bruto e de velhaco, quando depois de um negocio feliz vem a restolhada de labregos por hi fora, de volta de uma feira, é vér como os seus olhos espirram o olhar em picadinhas de allinete, e lhe casquina a malicia no preparar de partidas aos compadres, que vem como elle, pachorrentos e cynicos, sobre os ceirões vazios dos machos, a petiscar a isca na aresta das pedreiras.

O humorismo d'elle tem por vezes travores rabclaisianos, por debaixo dos quaes se sente a natureza plébia correr n'um fillo sorna, d'onde a intervallos se irisa á luz, um formidavel cachão de riso e de ironia.

Foi talvez este o padrinho que n'um baptismo d'aldeia consultado ácerca do nome a dar ao neophyto, disse para o parcho:

—Prante-lhe Mathias Raposo, até vér...

E ainda elle quem, no confessorio, como o padre lhe perguntasse quem era Deus, redarguiu com sobrenho ser elle proprio, Manuel Joaquim, do logar do Carril—em razão de sua mulher todas as noites rezar:

—Com Deus me deito, com Deus me levanto... e não haver na cama outro homem.

FIALHO D'ALMEIDA









*Cia Real Editora*

ARCHEIRO



## O ARCHEIRO

**N**ada mais característico da nossa luz e democrática realza do que este pacífico e bonacheirão archeiro que vela ás portas do nosso Louvre, e que não só o não defende contra a morte, como a guarda dos famosos versos de Malherbe, mas que nem mesmo o defenderia contra os vivos. Lembrem-se dos *Gem-Gardes* da França imperial e real, dos *mosqueteiros* da França de Luiz XIV, das *couraceiros* brancos da Prussia, das *Lifo-Guards* e das *Horse-Guards* de Inglaterra, comparem todas estas pompas monarchicas com os nossos burguezissimos archeiros que são, pela maior parte, nas horas vagas da sua missão palaciana, lojistas ou coisa que se pareça, e vejam se não se sente logo a differença profunda que existe entre a nossa monarchia pacata e familiar e as monarchias lá de fora.

Tem a corporação dos archeiros a pomposa denominação de «guarda real dos archeiros», e seu commandante nem mais nem menos do que o sr. duque de Palmella, um dos rarissimos duques da nossa aristocracia, onde abundam, em compensação, de condes para baixo, todos os titulares de diferente formato. Estou convencido porém que o sr. duque apresentaria immediatamente a sua demissão, se o obrigassem a tornar effectivo o seu commando, e a atravessar as ruas de Lisboa, como um verdadeiro capitão, ao lado da sua companhia, mandando-a fazer alto, alinhando com a espada ás suas alabardas, e obrigando a marchar com passo certo aquellas gordas pernas de calção e meia.

Mais ainda! Todos os capitães, em todos os regimentos do mundo, tem uniforme semelhante ao dos seus soldados, embora lhes designem o posto algumas insignias especiaes. Porque é que o nobre duque não ha de ter tambem o seu uniforme de archeiro, mais bordado ainda se é possível!

Tem aquella companhia de guarda real tambem o seu tambor e o seu pífano. Quanto daremos por ver aquelles briosos militares, que devem ter decerto gloriosas cicatrizes, marchar por essas ruas de alabardas ao hombro, precedidos do seu tambor e do seu pífano, e levando ao lado, na posição regulamentar, o seu fadado capitão!

No tempo em que as alabardas ainda eram armas á vulgar, no tempo em que o que se conhecia de mais perfeito nas armas de fogo portatéis era o mosquete, e na artilheria a colubrina ou o berco, os nossos monarchas, segundo o dizer de Sá de Miranda, não andavam senão com uns sujeitos que apenas empunhavam umas levissimas canoas. Hoje que as alabardas são apenas umas armas archeologicas, hoje que as armas de fogo chogaram a uma perfeição por muito tempo desconhecida, são as alabardas dos archeiros que substituem as canoas com as quaes dizia o poeta da Quinta da Tapada a D. João III

*His amido e las temido*

E, ao subirem-se as escadas do Paço, em vez dos agigantados cavalleiros-guardas que se encontram no Paço de S. Petersburgo, o que se encontra são estes benevolos archeiros, imagem do pacatez, que comprometam affavelmente os vistantes, e lhes indicem desde logo como está longe das pompas realengas do estrangeiro a honrada e boa mediana da nossa realza constitucional.

Esta guarda real é pois puramente decorativa, e, se deixa ainda assim um pouco a desejar a esse respeito, não deixa de dar o seu colorido vivaz ás festas reales. Não dá aos prestitos e ás decorações palacianas um caracter certamente majestoso, mas deslumbrá as creanças, deleita o povo, e é sobredito o supremo ideal dos pretos. Debaxo d'esse ponto de vista, o archeiro tem para nós uma grande importancia colonial. Com as fardas dos archeiros podemos conquistar toda a Africa. Um rei preto, que governa centenares de milhares de carapinhos, e que rejeitara desdenhosamente, como um Themistocles enfartuscado os presentes de Artaxerxes Stanley, não resiste a uma farda de archeiro que lhe seja entregue solemnemente. Imaginem que effeito produziria nos viajantes europeus, o encontrarem todos os reis pretos vestidos de archeiros do paço da Ajuda, e attestando assim a sua vassallagem humilde para com o monarcha do Occidente, que tem por seus simples archeiros honorarios os reis do Continente Negro!

PENHEIRO CHAGAS





*Os. Raz Editorq*

CEGOS CANTADORES





## OS CEGOS MUSICOS

**V**ão de terra em terra os cegos da rabeca e da viola, e ao pequeno se deve que a estrada da vida lhes não seja tão árdua.

Ao passarem por algum casal de gente pobre se haverão apercebido d'aquelle esperto pequeno, que, de ajuste, os paes lhes tenham dispensado; companheirinho, a quem depois nas horas quietas ensinam a tocar viola e a cantar o fado, e que, mais tarde, no adiantar da vida vem a ter horror ao trabalho.

Chegam-se a qualquer taberna onde haja ajuntamento, pedem para que se lhes ouça uma cantiga, e sempre alli um ou outro os manda cantar.

Em acabando a trova, o mocinho tira o chapéu, recolhe as esmolas e, acabado o rateio, fogem, como se tivessem empenho de se tornarem desejados.

Se um profano se abalança a cantar, os cegos exasperam-se, de que lhes tome o tempo; e, por via de regra, as mulheres preferem chorar com as trovas dos ceguinhos, gemebundas e doloridas, que, por ciúsa das filhas e dos maridos, lhes tocam quasi sempre pela porta: *«De ver a sociedade — a que é uma prisão — nichola de desgraçados — caminho de perdição...»*

O seu trajar é classico.

Jaqueta ou gibão de saragoça e a sola de pau dos sóccos forrada com solas velhas, cravadas com brochas de azas do música, reviradas, u formarem duas hastas longas, que assentam no chão.

A sacolla é destinada a arrecadar o feijão e batata, nas aldeias, onde nunca se dá esmola em dinheiro.

Por occasião de se reunir nas feiras a vasta cohorte dos cegos, cegos musicos, cegos pedintes, postados em alas na ladeira do transitio, como na Nazareth, ou no arraial de S. Bento *dos peras*, sempre os collegas complimentam os que melhor moço tiverem.

Acodem não se sabe de onde, n'esses memorandos dias, ao peditorio estridulo, em que uns gemeu, outros berram em supplica desvairada, e estes, tocam viola e rabeca, e cantam; e tantos, que não ha saber-lhes a conta.

Estão alli nos seus Estados geraes. Observam leis de hierarchia, á proporção que se forma o agrupamento, vindo dos montes, das praias, do Bairro Alto da capital, e chegando sempre com elles ao lugar onde se concorra em romaria um ar alcoolico...

Nas vespuras de funcção de arraial, ou nas noites immediatas, quando seguem de jornada, seccam as flores com o halito. Quanta aguardente! Não abrigam as sêbes menos cegos que passarinhos, n'essas noites limpadas do verão. De romaria em romaria, cantam, tocam, pedem, formam discipulos.

São-lhes tributarios os vagabundos-livres.

Não deixam cantar o fado a quem não for do gremio. Todo o bando mediante os conhece; os de pala, curvados ao seu bordão, os estincos, os alojadinhos de caravana errante, escuma e vaga da miseria emprenhedora.

Agumentam-se que nem penna no ar, — *qual piuma al vento*. Descarnados, diaphanos, como se a viração os levasse quando mudam de sitio, alguns; outros, por mais que tudo succumba por cima d'elles, a engordarem de dia para dia.

Sulcam-lhes o rosto as rugas; arqueiam-se-lhes as costas, endurece-se-lhes a pelle dos pés, das pernas andadas, e põe-se-lhes de uma dureza de fazer inveja ás armas de um touro, e de se lhe poder metter pregos, se não fóra a idéa de haver sangue por baixo.

Que de cegos, musicos! Di-lhes mais para isso, até, que para poeta. — conquanto a musica lhes requira mais trabalho, e quer para poetas aher para musicos seja precisa inspiração. Correspondem porventura a uma necessidade mais geral. Nisso estará o segredo. A musica consola melhor os que soffrem, e, ha tanta gente, que soffra n'este mundo!

Para elles proprio é misterio a vida. Não se temem de vivos nem de mortos; não sabem que annos tem; e, só pelo que hajam cantado e tocado, e pelo que tenham apanhado de soes e chuvas, vem, um dia, no conhecimento de já serem velhos.

Da memoria varre-se-lhes tudo, menos o fado. É como se houvessem fechado os olhos pela sua propria mão, e não queiram abri-los, já agota, senão quando entrarem no céu.

JULIO CESAR MACHADO





Cia. Real Editora

MULHER DE BARROSO





## PASTORA DE BARROSO



ta na sua roca a pastora de Barroso o linho destinado ao panno e à lençaria...

No pascigo o luzido boi, olha para os campos, e scisma, sempre, ou o façam servir guardado pelo olhar do homem, ou descance tranquillamente como que à espera de uma reconpensa que não chega nunca; parece cogitar no que haverá de bom em ser livre, ou então, recordar-se nobremente da arribana de Bethlém:—esperança, ou saudade, sonho accorrido por entre as decepções e os maus tratos do mundo.

Pastoreando, a fiandeira, de roca espetada na cintura, vae molhando o fio; cural-o-ha depois a poder de sões e barrellas; e por suas mãos irá dispôr nos camiãos as meadas do cãinhamo escuro e forte, que é o que se fia mais por lá.

Em cada tarde, já pelo escuro, ao retirar do monte, resguardada da grade pela sua capinha curta à que dão o nome de capucho, e como que fazendo frente à noite que anda com as raposas e os lobos, desce saltinhando como se fóra um d'aquelles passarinhos das serras que cantam na neye; e assim acompanha o gado, descalcinha, com as *miegos* de ponto de malha a servirem-lhe de vestidura à pernas, e vae outra vez para casa fiar.

O fiar é tudo, n'aquellas aldeias, nas noites de inverno principalmente, por mais cabras e ovelhas que a nevassa por lá mate a zombar dos lameiros e terrenos mórinhos, que tanto devem favorecer a creação dos galos pelas pastagens.

Preparada sempre para a crueldade do tempo, a gente pobre d'alli veste-se da pelle das rezas. A pastora, porém, a vista do gado lhe dá força, como a dava aos aryas—que não tinham maior thesouro.

E' ver como é bello o boi da estampa! O orgulho da sua attitude simbolisaria bem o dos bois do deus luminoso, os bois do sol—que tudo vê e ouve, de que o Homero fala... Mais para além, nas pastagens correrá alegre nos campos a vitella (que faz a gloria de Barroso nas festas) mera, ulora de que a guardassem como dema da fecundidade, e a deixassem deitar-se nas flores da primavera, tão vecejante e neska que até o arvoredo se ajuntasse para a contemplar...

Se quem não tem boi nem vacca toda a noite ara, os povos de Barro-o pela fartura de gado terão noites tranquillas. A natureza não se subordina n'aquelles logares à creatura. Parece dizer como Medea:—So eu, e basta!—Tudo fala na solidão: ha uma voz, que sae das fendas da terra; da nuvem que sopra; e da agua em que ella se espelha...

A pastora fiandeira, como que desligada do solo, suspensa entre o monte e o céu, vive os seus dias sem conhecer do mundo senão a herva sacudida do vento e o aroma benéfico das plantas serranas.

Nem voluptuosidade nem phantasia n'essa rapariga, aliás bonita. O socção apenas. A expressão grave, que o isolamento dá. Como singularidade, a delicadeza da porte e de feição, n'um sitio onde a gente remedada faz o principal alimento de conducto das carnes de gado suino. Dir-se-hia, que ella, bem ao contrario d'isso, vive de leite; quando muito de alguma pernoita de coelho, dos que alli caçam a furto nos tempos nevosos, ou de uma aza de pombo bravo, chamado por lá *ave fria*.

A estampa, poetica na sua singelleza, nem nos mostra arvorêtas sylvestres, nem cardos bravos sequer; apenas uma piteira entre as pedras, o boi deitado no verde, além a serro, e, a pastora, no monte, fiando.

Nem rebumbos... Nem mandadas... Nem boeiro... E' como se pora aquelle sitio não se percelva o rastro ao caminho, nem possa jamais alli surgir de subito a pompa das alegres cavalgadas, o berreiro proprio das corridas da caça com os cães e os tiros, ou das refeições que se vão fazer ao campo, festas em que cada familia fornece a sua parte de comida e em que leva cada pessoa pagar a sua parte na despesa feita em commun.

Serena como quem não tenha outros cuidados senão posar o fio e olhar para o gado, a fiandeira faz lembrar aquella historia, citada algures na *Montechia Lusitana*, de uma mulher marinha muda, mas perfeita e formosa, que se costumou a comer, andava vestida como as mais, aprendeu a fiar e a fazer o signal da cruz pelo costume de o ver fazer ás outras mulheres, e até morrer permaneceu muda...

Tudo n'este mundo, se o Platão não nos mente, é fio enrolado na sorte: vae o cada um desenrolando pela vida; se cae o fuso, quebra-se o fio; apanha-se, humedece-se, une-se, e, logo, ás vezes, parte-se a toca...

Fia, fia, fiandeira!

JULIO CERAN MACHADO





*e<sup>na</sup> R.<sup>a</sup> Editora*

HORTALICEIRA DE LISBOA

42

## HORTALICEIRA LISBOETA

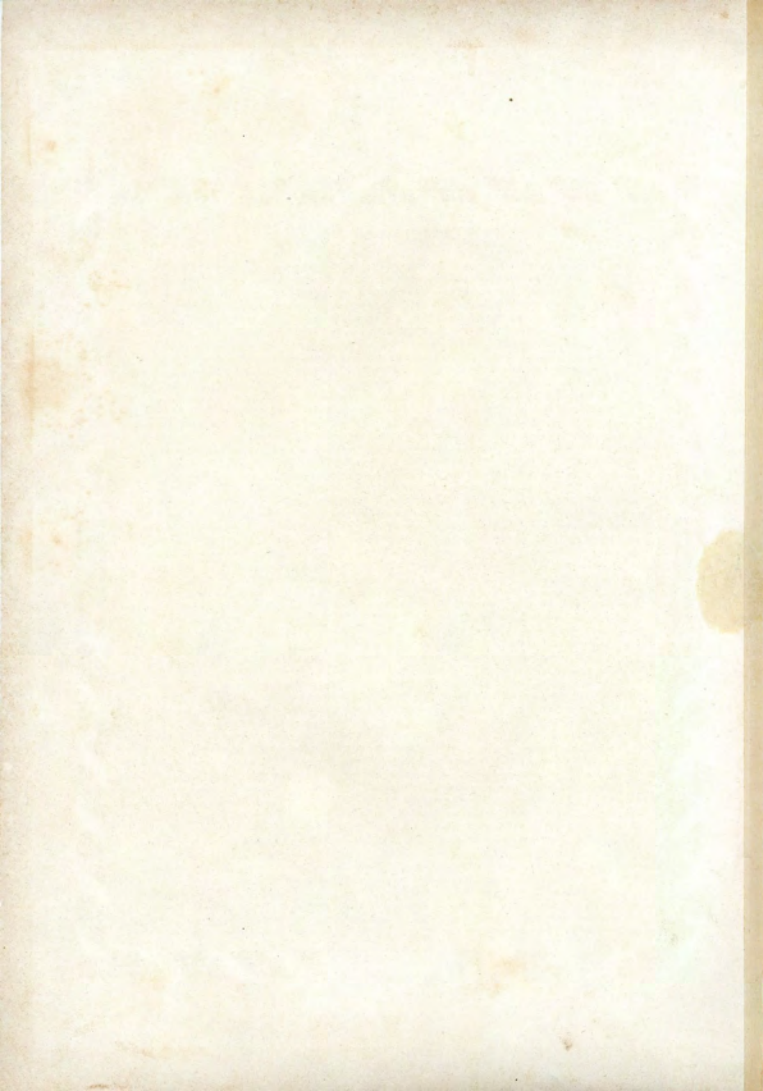
**P**oucos paizes têm, como o nosso, menos músicos, possuindo uma tão impressionante intuição da melodia. De que ciclo historico nos vem elle, e de que fillo de raça procede? Entraria em Portugal pelo Algarve, vindo dos aduares talvez da orla d'África; pelo Alentejo, vindo do paiz andaluz, reminiscenciada talvez do tempo dos califas; e entraria tambem pelo Minho, quem sabe! com a gaita de folles do gallego.—No Algarve, produzindo as *toadas* das populações pescadoras do litoral, d'uma tão admiravel riqueza de cambiantes lyricos. Dando no Alentejo, as pregoiçosas cantigas de trabalho do paiz desolado, do paiz cheio de florestas, do paiz sem nevros, do paiz sem mar, incomunicavel com o resto do mundo, e gretando sob um sol caustico, que em agosto faz amadurecer as uvas, seccar o milho, e verter fogo a phantasia dos rapazes. E no norte por ultimo, gestando essas melopéas saracoteadas e lórgos, de que é typo a *Cantinha Verde*, e sobre que se têm escripto todas as especies de encantos delambidos.

Ora, todos os rhythmos e andantes d'estas tres especies de melodias populares,—a minhota, a algarvia, e a alentejana—partidos successivamente dos pontos mais longinquo e oppostos do paiz, ao chegarem á capital, fundiram-se n'um todo: e sabiu esta *pregueira* excentrica, esta bijouteria de som, que se chama o prego do das ruas de Lisboa. O que n'elle ha de persuasiva eloquencia, de supplicante meigoice, de patulancia ou de satira, faz todo um d'iccionario falado, que por completo resumo a vida do povo lisboeta; e é raro vêr, n'esta cidade descurada e soja, sem typo fixo de habitante, nem typo fixo de architectura, feisima apesar do porto, lisonha apesar do céu, insalubre apesar do clima... é raro vêr, dizia eu, qualher um monotonia de tudo, essas melopéas d'um inexprimivel sentimento poetico, ao som das quaes a mulher vem azetionas, o homem couves, e a raparigota queijos, corapaos ou mortinhos assados. Que rhythmo ainda ravel o d'algumas! que ainda melancholia no *smozar* certos finses, e como a voz d'ellas coileia, e vae, n'um inexplicavel poder de suggestão pathetica e campina! D'entre essa variedade de dez mil pregoes que quotidianamente estragem nas ruas de Lisboa, tres typos saltam, onde o observador poderia agnosper sem violencia, todos elles. A saber: o prego do dos que vendem provisões de origem marinha; o dos que vendem provisões de origem terrestre; e finalmente o prego do bufarinheiros de rua, e vendilhões de jornaes. D'estes tres grupos, o ultimo tende a eliminar-se, já porque os pequenos fanqueiros de rua, os vendedores de sapatos, os capelistas de carrinho ambulante, cada vez são mais raros, mesmo nos bairros pobres, mercê da transformação por que estão passando os habitos caseiros das nossas mulheres... já porque os jornaes, com a ficção pratica e antipathica que tomaram, deixaram de se poder apreçar pelos garotos, na cantilena ondeante em que ainda hoje se apreço, por exemplo, o *Diario de Noticias*.

No prego do dos peceiros, tambem se notam, de ha uns annos para cá, tendencias rotineiras. As *ovarias* são rebeldes á creação de novos typos musicaes para o prego, e preferem estagnar em tres ou quatro fórmulas seculares, invariaveis—como aquella em que se menciona simplesmente o producto—*Pastax de pescada*, por exemplo, n'um ligeiro cantado que não commenta nem exalta o genero, á *Irregueza*—como es'outra em que junto ao nome do peixe, vae especificado o seu destino culinario: *Cadellinhos p'ra arroz! ou Evrojes p'ra tigelada!*—ou ainda como aquella em que se elogia o producto, sem lhe dizer o nome, como acontece em: *Fresca!*... Já não acontece o mesmo ao prego dos vendilhões de comestivos hortícolas, cuja musica tende quotidianamente a empiqueirar-se de novos motivos melódicos, originalissimos estribillos, e variedades metricas d'uma imprevisita fragrança de expressão. Itaro é o dia em que um vendilhão recomeçeghe-ló da sua provincia, não lance nas ruas da capital, uma esufasiada inedita de notas—*Branhas de milho, quezinhata de herba doce!*...—uma d'estas volatas de travar mourisco, começando por um trado estridido, cahindo depois n'uma especie de réctativo á dois ou tres lantinos, para acabar afinal n'uma cadencia bucolica ou casealhada. Todos têm no ouvido a deliciosa melopeia da mulher das melancias... *Quem nas quer da varget, melancia á faxa.*... e a da mulher das azetionas—*M vinte e cinco o salama, quem quer azetionas novax!*—e se recordam com infinitas saudades, do prego do homem do gergelim, tão imaginosamente detallado; dos pregoes insubversivos do *Furibundo*, que vendia jornaes republicanos, pondo em rima as insolencias que elles vomitavam; e d'outros pregoes enfim que já morreram, e ao som dos quaes nós accorvamos todas as manhãs, nos novos bairros de estudantes e do caueiros, quando a cidade inda mantinha, ha vinte annos, aquelle seu ar provinciano, e á nossa adolescencia bastava um echo, para erocar na phantasia uma scena idyllica, recantos de pazagem, estados d'alma contemplativos ou estastados—chimeras enfim que se deslazem com os primeiros cabellos brancos, e sobre que já se não podem escrever senão recordações ou epitaphios.

FIALDO D'ALMEIDA







*Ed. R.ª Editora*

CARREGADOR DE CARVÃO - LISBOA



## O CARREGADOR DE CARVÃO NO ATERRO

**J**ão Cosme Machado, — aquelle coração d'ouro, tão bom, tão generoso, tão immaculado, tão digno de todas as vaunras, e tão desditoso porfim nos dois derradeiros mezes da sua existencia tragicamente truncada. — Julio Machado n'um lindo livro que em tempos felizes escreveu *Lisboa d'hoje* frissava espirituosamente, consoante a minha maneira de ver, o que ha de mal-entendido n'esta systematica mania que temos de parodiar o estrangeiro sob o pretexto de implantar innovações, cuja utilidade é muitas vezes problematica.

Referindo-se á introdução da polka na capital e á iluminação da cidade pelo gaz, diz elle, o meu saudoso amigo: — A impressão, que estes dois factos produziram em Lisboa, foi de tal ordem e mudou logo tudo, mas todo, tão de repente, que até o céu, limpo e transparente, que tinhamos, nunca mais foi como era!... E nunca mais... nunca mais o foi!

Pois que? Tem Londres a sua individualidade propria; tem-a Berlim; tem-a a Vienna d'Austria e Roma, Constantinopla e Madrid. Só Lisboa ha de macaquear Paris? Porque? e para que?

Sera vedado isto que sinto? Não sei, nem quero saber; mas entristeceu-me dolorosamente o espirito perante o soffrigo vandalismo com que, apas de incontestáveis melhoramentos no embelezamento da cidade, se o camarillo municipal derrocando sem critica os vestigios, as reliquias, as recordações, as tradições, da nossa vida nacional!

Lembram-se d'aquella pittoresca *Prata de Santos*, onde no outomno se enfileiravam, a ilharga umas das outras, as barracas dos bostonias, com toda a despreocupação alegre, todo o bulício juvenil da vida portogueza? Lembram-se?

E lembram-se tambem do *Cas do Tejo*, contiguo á *Prata de Santos*? Do *Cas do Tejo*, onde atracavam os barcos de Alcochete e de varios outros pontos do sul do Tejo, com as suas carregações de verde pinho a exhalar essencias de sabonetero perfume? lembram-se?

Naquelle orla do littoral um rumorante estaleiro de saiveiros e fiaus! Tudo animadissimo, tudo ebulliente de vida e movimento, de actividade e trabalho! E tudo isso desapareceu invadido, abargado pelo onda do *no-fisum* progresso, que, aterrando uma larga faixa na margem norte do nosso esplendido rio, acabou de vez com as caracteristicas feições do sitio.

A fundação dos gazometros na Rua da Boa Vista foi o ponto de partida para o aspecto fabril que todo o bairro assumiu d'ahi por diante: ferro, e fumo, e fragor infernal, e uma atmosfera irrespiravel, eis o que alli ficou predominando, sob uma constante nuvem negra de carvão-de-pedra pulverizado.

Foi a *Companhia Lybocente d'Illuminação a Gaz* quem nos fez esta graciosa, estabelecendo alli suas officinas.

O proprio chão do Aterro, na zona contigua, revela aos olhos dos transeuntes o negro e prosaico aspecto que lhe imprime o cisco da hulha, enterrado e alustrado em tapete denso e caro do desmembrar que até ás portas do deposito.

O entarrocado navio inglez, que traz de Newcastle o carvão, fundeia com toda a sua nacional brutalidade, encovalhando o limpo espelho do azulado Tejo: ali vão fragatas portuguezas desonerar o de carga e trazer a te ao caes: do caes para os armazens o carvão é conduzido em acoguladas canostras á cabeça dos carregadores: estes em regra são alcochetenses que em Lisboa aproveitam semelhante myster quando na villa patria lhes escasseiam seus habituaes trabalhos.

E mudando temporariamente de profissão, temporariamente mudam tambem de vestuario. Por sobre as bragas de linho branco envergam outras de ganga azul ou de paum: intrepida e nervosa a musculatura das pernas apparece agora a descoberto: mas das polainas altas e fortes, com que as protegiam enquanto roçavam matto na terra natal, conservam em Lisboa por simulacro uma improvisada especie de polainas curtas, feitas de meia branco e ligadas por atilhos em cruz sobre o dorso do pé calçado em sapatos molles, que lhes permite correr ligeiros e leves na sua labutação diaria: collete e cinta completam-lhes o traje: na cabeça, em substituição do gorro, o chapéo braguez, — e sobre este uma pequenina laca de palha a figurar de sogra, para mais commodamente se equilibrar a canastra.

Tal é o alcochetense no exercicio da sua mo-lerna occupação, peculiar do Aterro da Boa Vista: quando uma vez sahirem d'ali os gazos: etros, encotados em nome da hygiene e do bom-gosto, desaparecerá simultaneamente d'aquelle sitio o carregador de carvão.

XAVIER DA CUNHA







*C<sup>ia</sup> R.<sup>al</sup> Editora*

COLONIAS AFRICANAS- UMA CREADA



## UMA CREADA AFRICANA

**E** costume em Inglaterra accusar-se Portugal de escravocrata. Se não fossem elles, os philanthropicos defensores dos negros, a raça africana estaria sujeita ao jugo da mais cruel e da mais nefanda escravidão. Nada mais injusto nem mais contraditado pela historia. Note-se bem que a Inglaterra só deliberou pôr termo ao tráfico da escravatura depois de ter perdido as suas colonias da America do Norte, aquella vastissima regio que hoje forma a republiea dos Estados-Unidos. Se a tivessem conservado, não seriam elles que se privariam d'esse elemento de riqueza. Os seus descendentes, Yankees, largos annos estiveram sem desistir da escravatura, e, quando o grande Lincoln resolveu pôr-lhe termo, sabem todos a que lucta feroz deu isso origem, e, como os plantadores do Sul, quasi todos descendentes de aristocracia ingleza, se oppozeram com furia ao estabelecimento d'esse noíve principio.

Apesar de possuirmos o Brazil, cuja agricultura tambem de escravos precisava, fomos dos primeiros a adherir á idéa da emancipação dos negros. Tendo perdido o Brazil, conservavamos contudo as colonias africanas, cujo principal rendimento da escravatura provinha. O fim do tráfico deu ás suas receitas um golpe que podia ser mortal, e por largos annos nos causou gravissimos prejuizos. Apesar d'isso, com que ardor se empenhou Sá da Bandeira em libertar o negro! com que infatigável energia Pedro Alexandrino perseguia o tráfico! Os pretos que tomavamos nos navios negreiros eram restituídos á liberdade, os pretos que o cruzeiro inglez *libertava* nunca tornavam a vêr a sua patria; iam trabalhar nas colonias britannicas!

É que differença entre o tratamento dos antigos escravos dos Inglezes, e o dos antigos escravos dos Portuguezes! Leiam a *Cabana do pae Thomaz*, romance escripto por uma ingleza, e encontrarão fielmente reproduzido o horroroso quadro da vida do escravo nas colonias da Inglaterra. O antigo escravo, nas nossas colonias, era como que simplesmente um servo sem ordenado, muitas vezes o amigo do seu senhor. A escrava que ajudára a criar as meninas, ainda que lhe dessem a liberdade, não a queria. Faziam parte da familia portugueza esses pobres negros que nunca encontraram nos seus senhores esse frio e orgulhoso desprezo, que lhes é votado pelos filhos da Inglaterra.

As *Anti slavery societies* d'esse livre paiz são umas variantes das *sociedades* protectoras dos animaes. Protegem os pretos, como protegem os cães e os cavallos; mas nem por sombras admittem que elles supponham que tem na escala animal o mesmo logar que os seus alivios protectores. O prégador inglez, convertendo os negros ao christianismo, inculca-lhes a idéa — é textual o que dizemos — de que Deus é um branco, de que o homem que elle fez á sua imagem e semelhança foi o antepassado dos brancos. Os prégadores portuguezes esses inculcam-lhes a idéa da plena fraternidade humana. Adoram os brancos, a par dos santos brancos. S. Benedicto, um preto, e, ingenuidade tocante! entre os anjinhos das procissões de Lisboa vae tambem um anjo negro, para que não deixe de ter a pobre raça, que os Inglezes dizem proteger e desprezam, o seu representante nas phalanges celestes.

Olhem para essa creada que a nossa estampa representa! Que desegualdade ha entre ella e uma creada branca?

Na frente da creada preta de uma casa ingleza vêr-se-hia estampado um estigma indelével peor que o da escravidão — o do desprezo.





*Ed. R.ª Editora*

ESTUDANTE DE COIMBRA



45

MUSEU DE RAFAEL  
BORDALO PINHEIRO

## O ESTUDANTE DE COIMBRA

estudante de batina, meias altas, cabeção e volta — tal como a nossa estampa o representa — é uma espécie extinta hoje na serie zoológica da Universidade; é o *hippopotamus major* da Porta Ferrea, é o mastodonte da Via de Minerva. Aquelle que ora vedes retratado no presente painel — *Maceleinius faciebat* — era, ó filhos, o estudante de ha trinta annos, aquelle que um seculo antes fôra descripto no *Palatio Metrico* pelo humanista Antonio Duarte Ferram... *Forse ad Coimbra venit de monte nevatus*.

O bem conhecido *sitvo da locomotiva* sálvava já n'essos remotas eras sob as abobadas de S. Bento, percorria quotidianamente kilometros de eloquencia, mas não surprehendera amida com a periodicidade das suas fífias as lampreias do Mondego, nem as cotovias do Choupal, nem as pombas que arrulhavam ao sol matutino, em palpações prateadas, sobre os telhados mosegos do convento de Santa Clara.

As unicas coisas que então silvavam, á força de ferver, na lusa Athenas, eram o camellão nos caloiros, as taponas nos futricas, e as *repositas* aquiladas em preparatorios áquelles que a *alma mater* reexpedia do banquete das letras para a boleta natal, mandando-os *guardare cabras atque ire tabum*.

Como vias de communicacão e meios de transporte havia unicamente o macho, o famoso macho de estudante, o classico macho das estradas coimbrãs, sextanista no curso da Mealhada ao Sardião, esparavonado dos jarretes, pelado dos ilhaes pelo atrito das esporas, callejado nos joelhos pelas jenuflexões de cachapuz nas trotadas de fundo, e agoaçado pela nostalgia da palha e pelos desgostos moraes, até o ponto — como o carpia Antonio Duarte — de cortar os fios d'alma com o gume do lombo.

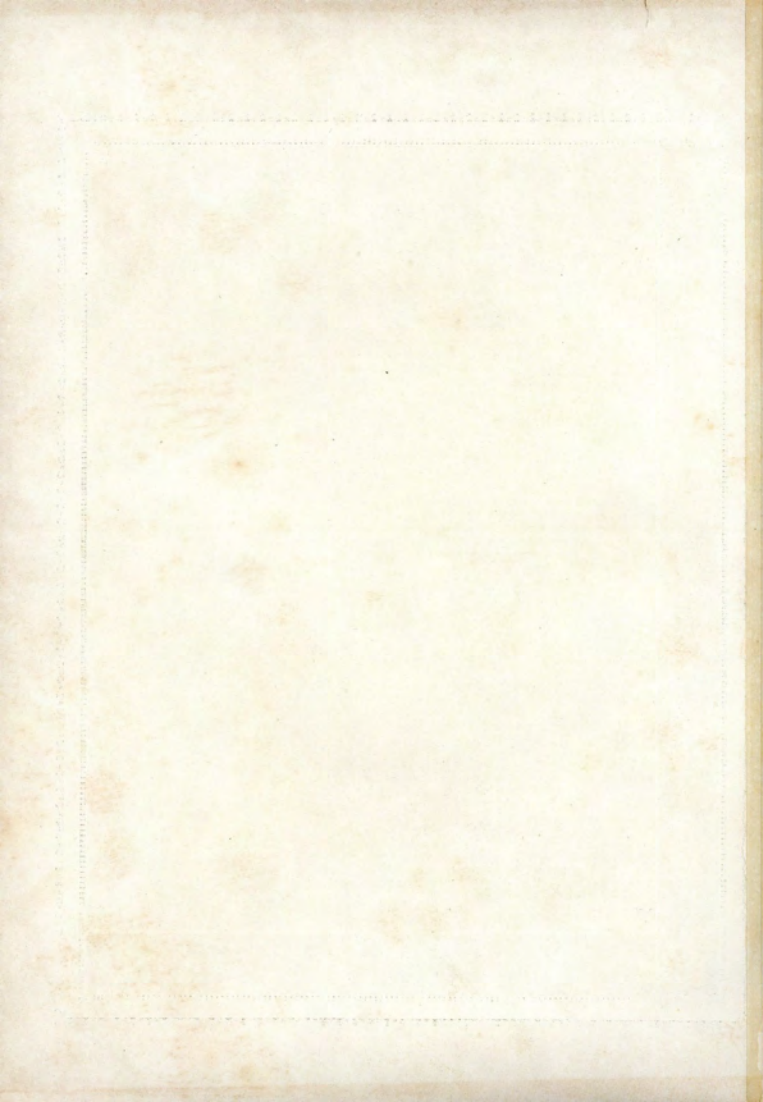
Era pelos effeitos do cheito esquarterjante, sobre a sella á cineta d'esta almaria, que o joven alumno, vinho de além Douro, de jaleca e cinta, botas de cava, esporas de prateleira e seis pintos no boiso, reconhecía, ao fim do primeiro dia de jornada, pernolitando na estalagem dos Padres em Albergaria, que as idéas se lhe começavam a abrir, não propriamente pelo cérebro, mas pelas vertebrias falsas. E, filho de Mercurio, o arrieiro, veloz, como se tivesse azas nos immensos sapatotiros cor de terra, precedia o filho de Minerva, bracejante, de jaqueta presa pelas mangas ao tiracollo, animando, com as mesmas vozes esforçadas, a conquista da sciencia e a conquista do mundo, o macho e o doutor.

Na volta, pelas férias grandes, era identico o aspecto da *azemola* e o do palafrezeiro. Só reapparecia demudado o estudante. Esporas de prata, jaleca de alamares, botas á Frederico, tudo jazia no prego em penhor de 327600. E era em ceroulas, com uma bata de chita, o gorro do uniforme na cabeça guedelhuda, e uma espada á cinta, para fascinar pelo terror as populações alvorçadas e os ecclesiasticos tremelicosos da pousada de Albergaria, que o academico em folga vinha espaiar-se, bacharelante e frascario, nas colheitas e nas vindimas da casa paterna.

Com o caminho de ferro transformou-se tudo. Os machos jubilaram-se. Os arrieiros tomaram destinos varios, indo uns para professores de instrucção primaria, outros para regedores de parochia, alguns para jornalistas. O estudante via e vem em toilette-leito ou sleeping-car, e não faz differença de qualquer outro passageiro incharacteristico e banal. O grave uniforme escolar decompoz-se pelo modo mais irrevrentemente pelintras. O cabeção e a volta foram substituidos pelo collarinho postiço e pela gravata do futriquismo lóro. A batina degenerou n'um casaco gabo e mestiço, de padre á paizana. A calça escurrou inartística e besta, pela perna abaixo, esbeçando apolinada sobre a oíllosa bota de elasticos. Assim o bello costume historico da antiga universidade se perverteu sem se reformar, reduzido a uma approximação scenographica de entremez barato ou de zarzuela pobre.

Não está o espirito da mocidade estudiosa atravessando um periodo de transformacão como o traje academico? Um phenomeno me inquieta e me constrija: Coimbra continúa como d'antes a dar-nos lampreias, arrufadas, penças de manjar branco e bacheareis; mas ha muito que ella nos não dá versos como os que escreviam, quando lá estavam, Soares, Alexandre Braga, João de Deus, Anthero de Quental, Theophilo Braga, João Penha, Goncalves Crespo. A mocidade contemporanea, á qual estão entregues as chaves do novo seculo, é talvez chamada ao mais glorioso destino. Os velhos porém, que a amam e a saudam, gostariam de a ver partir para o mysterio do futuro como partiam para as conquistas do Mediterraneo as flotilhas de Athenas, — coronadas de rosas.

RAMALHO ORTIGÃO





©<sup>da</sup> R.<sup>al</sup> Editora

INDIA - CARREGADOR DE MAXILA





## O CONDUCTOR DE MACHILA NA INDIA



Estamos no berço do sol, na região das maravilhas, na esplendorosa patria de Vyasa e de Valmiki, no abençoado torrião em que se escreveram os assombrosos canticos do *Ramayana* e do *Mahabharata*, no paiz em que surgiram formosíssimas por entre o inspirado verbo dos poetas as figuras de Sítli e de Savitri. Circula agitada pelas auras uma balsâmica ondulação de perfumes; sentem-se fluctuar na atmosphera os melodiosos çlokas de Jayadeva; quasi que se nos affigura escutar a voz maviosa de Nakuntalá em colloquio innocente com as suas ingenuas companheiras de juventude: por toda a parte esmeraldas, e rubis, e perolas; por toda a parte a inebriante flor do lodam; por toda a parte scintillações e phosphorescencias.

Estamos na India.

Das mulheres indianas dizia o Camões serem «carne de Salé, que nenhum amor dá de si». Nada porém obstuo a que uma vez o amator da loura Nathercia descobrisse nas fuscas feições de gentilissima hindú motivos para uma de suas infidelidades e inspiração para uma de suas mais lindas redondilhas:

Aquella captiva,  
Que me tem captivo,  
Puzque n'ella vejo,  
Ná n'la que quer viva:  
Eu nunca vi rosa  
Em suaves unhoes  
Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no céu estrellas,  
Me parecom bellas  
Como os meus amores:  
Rosto singular:  
Olhos socegados,  
Pretos, e cançados  
Mas não de matar!

Uma graça viva  
Que n'elles lhe mora  
Para ser senhora  
De quem é captiva!  
Prenos os cabellos,  
Onde o povo vilo  
Perde opinião  
Que os louros são bellos!

Pretilho de amor:  
Tão doce a figura,  
Que a neve lhe tira  
Que trocira a cor!  
Leda mandado,  
Que o silo acompanha,  
Bem parece estranha  
Mas barbara não.

A uma heidade n'estas circumstancias, seja ella embora de menos nobre condição, como aquella a quem o cantor d'*Os Lusitâns* rendeu seu preito, fora deshumano consentir-se que se lhe maguassem os pésitos no solo, quando indispensaveis as fadigas da peregrinação.

Coisa nenhuma portanto mais natural que a invenção da *machila*, onde reclinada entre estofos pode commodamente affrontar distancias a mais delicada das damas.

Quatro indigenas a conduzem, quatro *boiás* (assim se denominam em as nossas possessões da India os carregadores de machila). Hindú pela raça, mas portuguez pela nacionalidade, cada *boiá* se desempenha primorosamente das suas funcções tomando a seu cargo um dos quatro cantos da machila, a que submettem a cabeça, porque na cabeça lhe sustentam o péso, na cabeça a que serve de envoltorio em semelhança de turbante o *puruente* (panno de algodão grosseiro e branco, orlado por estreitas fimbrias de cor escarlata ou azul). E, como pode acontecer que sejam desegues na estatura os quatro *boiás* encarregados de conduzir em o palanquim, equilibram elles a differença com o auxilio do *stumbore*. Imagine-se uma especie de sogra constituída por palha entrançada e enrolada, que forma um disco circular e chato, envolvido n'um panno vermelho ou de qualquer outra cor: tal é o *stumbore*; quando um *boiá* seja menos favorecido em altura que os seus companheiros, remediárá elle o caso, empilhando (uns sobre outros), entre a cabeça e a machila, dois, tres, ou quantos precisos forem d'aquelles discos de palha.

Nas machilas de aluguer é vulgarissimo encontrar o *boiá* rudimentalmente vestido (?) com um simples *langotim*. Verdadeiro cumulo de sobriedade em questão de trajo!

Mas nas machilas dos particulares, mórmente nas que pertencem a familias européas, a civilisação protesta contra aquella nudez quasi completa do *boiá*. E veste elle então, por sobre o *langotim*, a *malhá*, — um saíote curto de chita branca ou listrada; n'um dos hombros desce-lhe em tiracollo, e dobrado ao meio, um lenço de cores muito alegres, cujas pontas vão atar-se em laçada ou em nó por sob a axilla do braço opposto. E depois...? Depois... reduz-se a isto o vestuario do *boiá* na sua mais exuberante e mais prolixa manifestação de luxo asiatico.

Humilde é o mestér! Mas (contingencia das grandezas humanas!) quem sabe se, apesar de tão accentuada na India a distincção das castas, não andarà muitas vez na obscura situação de carregar machilas á cabeça algum descahido, algum desdourado neto do inclito Ramá?

XAVIER DA GUNNA





*Os Reis Editora*

O NOSSO MARINHEIRO





## O NOSSO MARINHEIRO



Quando nas revistas e nas paradas se v<sup>o</sup> desfilar o corpo de marinheiros, espontaneamente rompem os applausos d'entre a multid<sup>o</sup>. Todos os regimentos o merecem, porque debaixo de todas as fardas palpitam cora<sup>o</sup>es portuguezes; mas o marinheiro tem mais occas<sup>o</sup>es de mostrar o que vale o seu denodo e a sua dedica<sup>o</sup>, sincera e sem restric<sup>o</sup>es, a causa da patria.

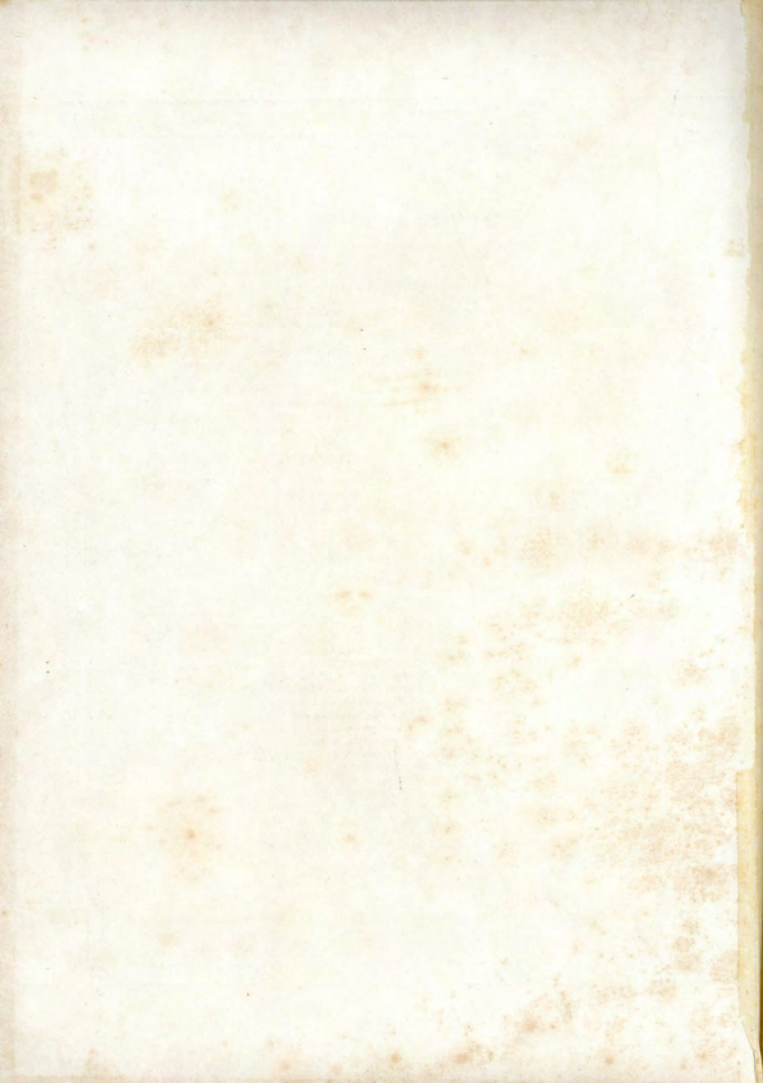
Trata-se de ir cruzar nos mares tempestuosos, ou debaixo dos climas mortiferos, o marinheiro l<sup>o</sup> va, sem um murm<sup>u</sup>rio, nem uma queixa. Vem de Angola, parte no dia seguinte para Mo<sup>z</sup>ambique, esteve no Zambeze, vae para o Zaire, sujeitou-se aos perigosos desembarques de Ajuda, vae logo affrontar a esta<sup>o</sup> mortifera de Bolama. Para elle n<sup>o</sup> ha, como para os marinheiros das outras na<sup>o</sup>es, os cruzeiros nos doces mares europeus, as invernadas em terras abundantes de commodidades e de prazeres, as viagens fac<sup>o</sup>es e deleitosas que transformam os seus cruzadores n<sup>o</sup>s h<sup>o</sup>tes de recreio. Os nossos, durante o seu tempo de servi<sup>o</sup>, n<sup>o</sup>o v<sup>o</sup>em nunca sen<sup>o</sup> as aridas terras africanas, as plagas inhospitas e aborrecidas onde s<sup>o</sup> pretos se encontram. Os outros tem os enormes coura<sup>o</sup>es, palacios fluctuantes, cidad<sup>es</sup> muradas de ferro onde se apinha uma popula<sup>o</sup> relativamente enorme; os nossos tem por habita<sup>o</sup> durante annos as pequenas canhoneiras de alojamentos incommodos e de restricta companhia. E l<sup>o</sup> v<sup>o</sup>o comtudo, d<sup>o</sup>ceis, intrepidos, promptos para o sacrificio, para a dedica<sup>o</sup>, para o combate.

Luctam com o mar, e no intervallo luctam com os cafres, com os mussorongos, com os felus. Onde est<sup>o</sup>ver uma canhoneira portugueza, o governador em terra, que mal pode contar com os solda<sup>o</sup>s, est<sup>o</sup> socegado; l<sup>o</sup> tem a marinham<sup>o</sup> prompta sempre para o servi<sup>o</sup> de desembarque, para o servi<sup>o</sup> de pe<sup>o</sup>a, para as occupa<sup>o</sup>es, para as defesas.

A alma portugueza palpita de<sup>o</sup>veras n<sup>o</sup> aquelles peitos honrados e bons; o marinheiro e o ca<sup>o</sup>ador, aquelle ca<sup>o</sup>ador pequenino e agil, com o seu tradicional uniforme cor de pinho, que atacava quasi ao mesmo tempo as baterias da Moskova e as de San Sebastian com applauso de Francezes e de Inglezes, Representam esses dois as duas fei<sup>o</sup>es caracteristicas da nossa patria — o mar e a montanha. A historia portugueza pode dizer-se que tem dois polos heroicos — o Herminio, e Sagres. E as duas sentinellas da patria deviam ser, se algum pensasse n<sup>o</sup>isso, a est<sup>o</sup>tua de Viriato na Serra da Estrella, a est<sup>o</sup>tua do infante D. Henrique em Sagres.

Ha dias, Lopes de Mendon<sup>o</sup>a, fundindo em bellos versos o seu enthusiasmo patri<sup>o</sup>tico, e dando o relevo da scena theatral a um episodio glorioso da nossa recente historia maritima, teve uma id<sup>o</sup>a que *de uma verdade perfeita. Fes com que na musica que acompanha debilmente a recita<sup>o</sup> dos versos heroicos, fluctuasse como que a reminiscencia dolente e vaga da toada popular da Vida do marinheiro. Nessa melodia d<sup>o</sup>ce e adoravel parece que est<sup>o</sup> condensada toda a melancholia portugueza. Sente-se nas suas notas como que o quebrar da onda queixosa nos rochedos da costa, o sonho amoroso, a saudade deliciosa e amarga. Sim! quando chegarem as horas da lucta e do perigo, quando se tratar de affrontar as balas do cruzador inimigo, ou o embate da vaga tempestuosa, os labios do marinheiro portuguez h<sup>o</sup>o de murmurar sem querer essa can<sup>o</sup>o, em que v<sup>o</sup>o envoltas todas as tristezas do exilio, todas as saudades da patria, todas as recorda<sup>o</sup>es da sua infancia, e em cujas notas como que se sente bater uma lufada de ar tepido do sereno Portugal, d'esse ar em que fluctuam os perfumes da terra, a sahsagem do mar, e os reflexos de ouro e azul do sol, do c<sup>o</sup>o e das aguas. E, como os montanhezes da Escocia precisam para se robustecerem na resistencia dos seus invenciveis quadrados do som melancolico do *fibrock*, os Sui<sup>o</sup>os do *ranj* das vacas, os Gallegos da melodia norosa da gaita de folles, os nossos marinheiros h<sup>o</sup>o de sentir-se fortes para o sacrificio e para a lucta ouvindo essa melop<sup>o</sup>a da *Vida do marinheiro*, que em si resume todas as tristezas da patria, como a alma do nosso marinheiro em si resume as tradi<sup>o</sup>es e as esperanças da alma portugueza.*







*Cia. Real Editora*

O MOÇO DE FORCADO



## O MOÇO DE FORCADO



Lisboa! Lisboa! Se ainda te lembrás d'elle! Inconstante e ingrata, desagradecida Lisboa! Inspira-me para que eu lh'o recorde, cavalheirescos e prestigiosos manes de Marialva, de Vimioso e de Castello Melhor! Embalae-me para que eu o diga, embalae-me na veracidade das esvahiadas tradições da patria, ó brizas calidas e elanguescentes do Ribatejo! sensuaes, eroticos, creadores effluvios do torrão estremenho, que durante o estio, por esse Tejo acima, tão languidamente fazeis singrar as faluaes, ondular os feios e os trigaeos de uma e de outra margem nos campos da Gollegã e de Almeirim, berrar os garraios e relinchar os poldros na Lexiris, gorgear os rouxinoes no Valle de Santarem, e evolar-se no magnetico luar, com a fragrança dos trevos, das madreisilvas e das laranjeiras em flor, na concavidade calma da noite, debaixo do Sete Estrello, o crepitar da fogueira n'um rancho de campinos, e o soluçar de um fado em ais levados de um peito de homem no corrente pranto de uma guitarra!

Chegara o calor, meus senhores e minhas senhoras, e era domingo. Com o praça do pino, a cidade em repouso, cahira n'um silencio parecido com o da hora da sesta nas terras tropicaes. Apenas no céu fumacento chamavam as andorinhas, e sussurravam em rudopio pelo macadam faiscante da rua as folhas seccas despedgadas da carroça dos hortaliçeiros, agitadas pelo bafo quente do sol.

Subitamente, pelas tres horas da tarde, uma enorme girandola de foguetes partia, resfolegava no ar, e rebentava estrondosamente nas alturas em bombas explosivas, em cusparadas de fumo, em cammas soltas, bambolcantes no céu. Então Lisboa resurgia do lethargo dominical, como ao som da trombeta do anjo no dia de juizo. Tudo estremecia de um mysterioso abalo impulsivo, — o racional e o bruto, o vegetativo e o inanimado, o povo, a burguezia, a nobreza, as pilecas das tipoiias, as bilhas da agua fresca, as limonadas de cavallinho, os leques, as mantilhas, as mósicas e a poeira... E de todo parecia sahir o grande grito penitencular, unanime e unisono, estridente, victorioso e arrebatante — *aos touros! aos touros! aos touros!*

Ella-a aqui está, jocunda e gloriosa, sob o azul do céu, a nobre, a antiga praça do Campo de Sant'Anna, regorgitante de gente ávida, impaciente e ruidosissima. Estrondeia um passo dobrado nos metaes chaoticos da charanga. Moços de jaqueta branca e regador em punho, borriham a arena, acalmam o pó olympico. Ao commando do clarim entra na praça a quadrilha, que estaca em parada, reluzente de ouro, palpitante de capas, de fitas e de plumas, ao som do hymno. E nos logares do povo em metade do amphitheatre, o dardejante sol, batendo de chapa n'um incendio de apotheoze, os lençoes azues, as cintas vermelhas, os barretes verdes dos da borda d'agua, os latões das cornetas e as bellas dos musicos cegos da Casa Pia, põe n'uma fogueira de festa a estroante alegria da alma popular.

Depois o touro. Picado pelo cavalleiro e pelo capinha, bandariilhado e passado á capa, o momento solemne chega. Um fremito, desconhecido de qualquer outro povo que não sejamos nós, percorre toda a trincheira da sombra e do sol e retumba este grito: — *Á unki!*

Então, o forcado. Elle disgrega-se do grupo dos *vistentes*, que n'essa manhã chegaram de Alcochete ou de Aldeia Gallega, e só, no campo desafogado, adeanta-se para o bicho em costume de gala: jaleca de ramagens, calção d'anta, cinta encarnada, meias bordadas, e sapatos de prateleira. O seu aspecto cheira ao sal da leziria, ao rosmarinho da charneca e á terra revolvida pelas charruas. Palpita lhe a força em cada musculo, e canta-lhe a saude, vermelha e salgada em cada poro da pelle. O touro investe com elle pela barriga. Elle empolga o touro de frente por entre os cornos, escarrancha-se-lhe na cara e afocinha-o no chão.

Não havia no mundo espectáculo mais nobremente suggestivo, mais virilmente bello, mais legitimamente portuguez. Os que governam Lisboa, prohibindo as *regas*, suprimiram o moço de forcado. Depois demoliram a praça. Acabaram por fim com as tardes de touros em Lisboa.

De sorte que é por esse Ribatejo fora, as corridas da Albandira, de Villa Franca de Xira, de Samora Correia, de Salvaterra de Magos, que eu terei de ir mais este verão, de jaleca ao hombro, facho no bolso e uma melancia debaixo do braço, refazer-me de nacionalidade, de força, de litteratura e de poesia na sagrada tradição da minha terra.

As razões de brandura de costumes, de humanidade, de philosophia, de civilização, invocadas pelos que dirigem esta gigajoga, eu, humilde interprete do povo, só uma coisa oppoñho: é que má raios partam o zêlo tísico de tanto maricas, de tanto chóchinha, de tanto lambisgoia!







*Os 12<sup>os</sup> Editores*

PRETO DE S. JORGE



## O PRETO DE S. JORGE

**F**alar verdade, nós fazemos enormes judiarias aos pretos. Temol-as sempre feito, desde a mais remota cidade—e por ahí fora, de mangação com elles, ora a espirrar quando passam, ora a lhes gastarmos os merecimentos em mestéres a modos que exquitos: *verbi gratia*, caído, gentilhomen do Congo, fantoche de toiradas... Se o orgulho d'estes animacinhos fôsse coisa menoscavavel, sob a ferroadá do comico, de ha muito que Portugal não tinha um palmo em Africa. Quer entretanto a Providencia que o preto seja dócil, e que a bonhomia do seu genio seja, pelo menos, igual á sua mandria. Com as partidas que por cá lhe fazemos, ri o branco, ri o preto, e este lá continúa no seu paiz, a supportar amoravelmente o nosso jugo, enquanto nós por cá vamos supportando tambem o jugo d'elle, enquanto houver paredes que branquear, e o patriarcha consentir na procissão do *Corpus Christi*.

A procissão do *Corpus Christi*!...—Onde isso vae, essa Paschoa dos bons pretinhos vestidos de encarnado! Com que fidalgo orgulho, com que emphase sacerdotal, elles marchavam em linha, pifamos e tambores soando, rua fora, entre as collegiadas, e o primeiro corcel de batalha de S. Jorge... Não! que n'esse dia reinavam os pretos na cidade, Lisboa era d'elles, e não havia ninguem que ao vér passar na procissão, cruzes sem conta, padres ás grossas, e irmãos do Santissimo, aos milhares, não exclamasse com impaciencia, para os lados:—Que estopada! tomára já cá os pretos!

Quanto á raiz historica d'esse extranho cortejo d'azeviche, divergem grandemente as opiniões dos eruditos. Até já certo alvitro, que sendo a procissão do *Corpus Christi*, nos primeiros tempos, uma especie de revista annual de todos mestéres, altos e baixos, da cidade, a pretalhada poderia muito bem representar no prestito, a corporação dos *marmitos*, dos bichos da cozinha. O certo é que de todas as posições sociais a que entre nós tem aspirado um preto, nenhuma ainda foi tão cobiciada, como esta, de membro effectivo do estado de S. Jorge. Quanto mais vem batcando, no pinturesco allacinha, a procissão famosa, e mais quebradiço nos apparece o homem de ferro, e mais esmurado de narizes se patenteia d'anno p'ra anno, o pobre santo cavalleiro, tanto maior o furor dos pretos em occupar as vagaturas do bando, e se conservarem fieis a uma tradição religiosa—de que até já fazem troca as creadas de servir e os guardas municipaes. Uns esteireiros conheci eu, pretos convictos, em cuja familia era hereditaria a milicia que me occupa; té que uma geração, por allianças com brancos, começou de lhe corromper a fulgimidade nativa, com saburras de mulato.

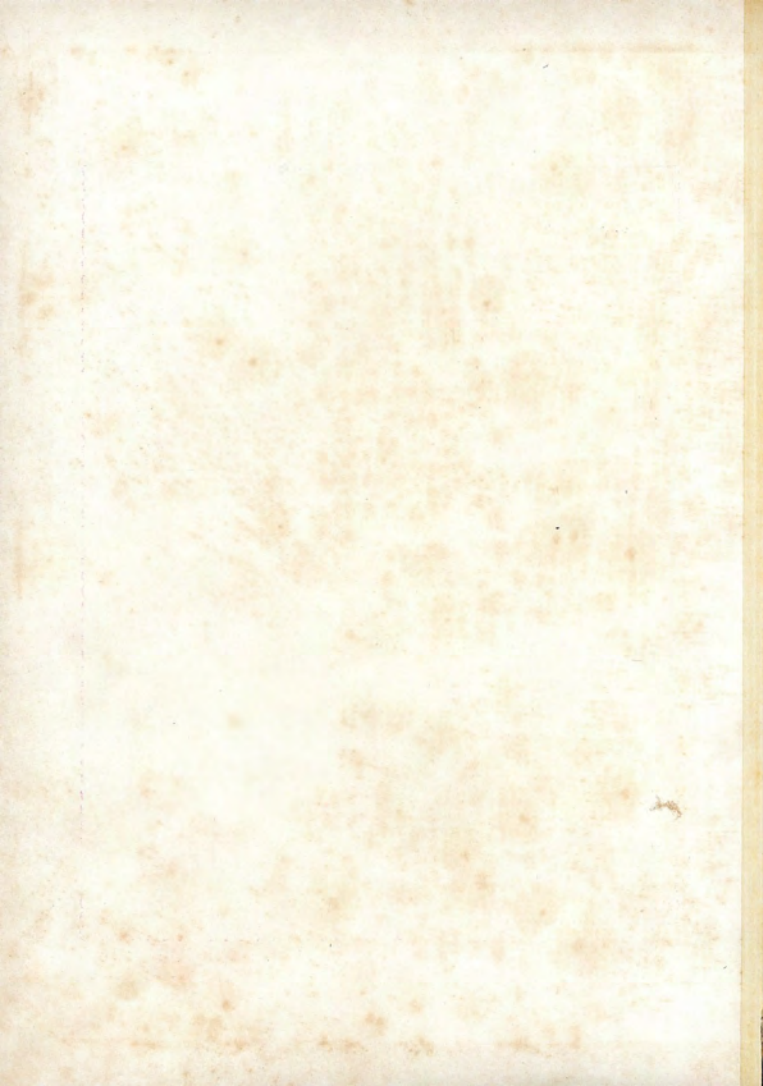
Vae, como na Sé sempre houve escrupulos em consentir no estado de S. Jorge, pelles que não fossem do mais retinto ebano—e por outro lado, ignominioso fibra, para aquella illustre raça, o demittirem-se os primogénitos de cargos que haviam feito a grandeza e a gloria de seus antepassados—um estratagemma occorreu á degenerada vergonha do esteireiro...—engraxar-se!

Agora, de cada vez que o homem tem de se apresentar para a cerimonia, a familia vá de polir n'elle com esôvas, té lhe deixar a figura que nem uma bota de verniz. Acontece que uma tarde de procissão, desata a chover.—E o preto destingiu! accordará o leitor. Pois enganou-se: inda ficou mais preto, porque a graxa era *Deubian*, impermeavel—tão efficaz, que a propria progenie do mulato, nunca mais sahio do ventre materno, sendo engraxada.

Mesmo, quando o preto de S. Jorge não pudesse mostrar outros titulos á consideração da posteridade, o simples decorativo do seu traje bastaria para o celebrar entre os grotescos de que o velho catholicismo lançou mão, para destruir a monotonia dos seus cortejos publicos. N'esse grande drama mudo, especie d'auto marchado, que era a procissão do Corpo de Deus, nas nossas velhas cidades, os pretos de S. Jorge punham como um contraste de farça, servindo a preparar talvez a transição entre os diferentes quadros da vida social, que a procissão mettia, e a fazer menos violenta a surpresa d'essa alliança de sacro e de profano, em que o Santissimo Sacramento offercia um bocicado do seu palio, ao honcco do chapéo de plumas, nos dias de chuva, e em que o alto clero não desdentava entoar litanias, mitrado e ungiado, no meio das danças obscenas dos pescadores com collarejas, e das contorsões hystericas dos endemoinhados.

Quaes as *phantasias* novas com que o nosso tempo haja de supprir o pinturesco das antigas, ignoro. Porventura virá um dia em que os pobres, despojados das suas valhas entretengas, prohibidas de continuar nas suas ratonas usanças, se aborreçam de morte, e por distracção se lembrem d'atentar, por seu turno, contra as entretengas dos ricos. N'esse dia terrivel, hemos de vér, quem sabe? talvez o preto de S. Jorge, arvorado em dictador.

FIALHO D'ALMEIDA





*Os. Pal. Editora*

A VENDEDEIRA (PORTO)





## VENDEIRA DE FRUCTA NO PORTO

grada-lhe? tambem a mim. Prova de que, o leitor e eu, temos ambos bom-gosto! Nem realmente *foira* aceitavel voto o de quem não sympathizasse com aquelle typo devéras esbelto da vendeira portuense que, a offercer-nos fructas saborosas e aromaticas, faz quiçá lembrar a graciosidade tentadora com que no paraíso bíblico a lendaria Eva presentava ao seu rendido companheiro sumarentos pomos.

Leitor que nunca da capital tenha alongado os passos, e que só por exemplares lisboenses não conheça a fruteira ambulante, mal imagina o que é no Porto a sua congénere! Mal imagina, porque, se ha bruteza que desconsola, é a da mulher-de-giga (collareja ou gallega) que pelas ruas de Lisboa nos vende hortaliça e fructa.

O pregão da vendeira lisboeta poderá ser mais musical; poderá. Esta musicalidade, característica dos pregões olisiponenses, parece que vem já de longe. Quem ha que não tenha ouvido falar na celebre «Luizinha das camoezas», immortalizada em toantes por galanteador poeta do seculo xvii?

Figurinhas galantes como esta, não se encontram já hoje por Lisboa: quebrou-se-lhes o molde, creio eu; ficou tão sómente a melodia tradicional dos pregões a espriguiçar-se em mil roquebros de incomparavel *floriture*.

No Porto, não: como fez notar o sagaz criterio do nosso Castilho em um dos capitulos da sua *Lisboa antiga*, no Porto os pregões «são séccos, aridos, apressados.» É que estamos na terra do trabalho, onde não ha tempo a perder. A vendeira de fructas, por muito garrida que seja, não pode furtar-se á noção d'este fundamental principio de economia industrial. Ha n'ella o sangue phenico a denunciar-se por uma irrequeita laboriosidade.

De Avintes, Valladarez, e outros circumvizinhos logareiros na margem sul do Douro,—eii-a todas as manhãs em mercado errante pelas ruas da «cidade invicta.»

Possa-lhe a canastra em sogra formada por um rôlo de ourélos ou coisa parecida; abaixo da sogra, o chapéo de feltro escuro, em guisa de *sombrello* andaluz, com borlas de retroz, e larga faixa de veludillo a deliquar-lhe a aba levantada; entre o chapéo e a cabeça, um lençito, cujas pontas se bambolesam posteriormente incobrinde-lhe o arrematar das tranças; segue-se o collete de ganga, ou de cotem, de lan ou de veludo, ás vezes ricamente bordado; nos braços alvejam-lhe nitidas, arregaçadas e fartas, as mangas da camisa; ao collete sobrepõe-se, dobrado em diagonal, um vistoso lenço de chita ou de seda, tarjado por phantasticos flôres de ramagem vermelha ou côr-de-laranja; e por sobre o lenço pendentes do collo, os grossos grilhões de sustentarem corações filigranados, de envolta com crucifixos e devotas imagens, tudo de oiro fino, oiro de lei, em harmonia com as enormes arrecadas que lhe derrubam quasi as pequeninas orelhas; depois a saia de estameña, ou de zuarre,—ou de linhas polychromaticas, artisticamente combinada a harmonia do colorido,—saia de toda a roda, em pregas unidas e sobrepostas, que lhe representa a peça mais notavel do vestuario; na deanteira o avental de barra; e a conchegar-lhe a saia, para facilitar a locomoção, em vez do cintio que usam as ovarinas, a vendeira portuense adopta ordinariamente um simples lenço enrojado; desce-lhe a fimbria da saia té perto do tornozelo,—o que não obsta a que se lhe destaquem branquissimas como neve as meias de linho no pé calçado em *soletas* (umas pantufas de couro ou de polimento, de lan, de seda mesmo ou de veludo, com bordaduras ás vezes, entrada sempre larga, salto baixissimo, quasi invisivel, e borla espherica de typo mourisco a ultimar-lhe o ornamentação).

Agrada-lhe, ao leitor? Tambem a mim; tambem a mim. Prova incontestavel, repito, de que nem o leitor, nem eu, perdemos ainda o bom-gosto.

XAVIER DA CUNHA

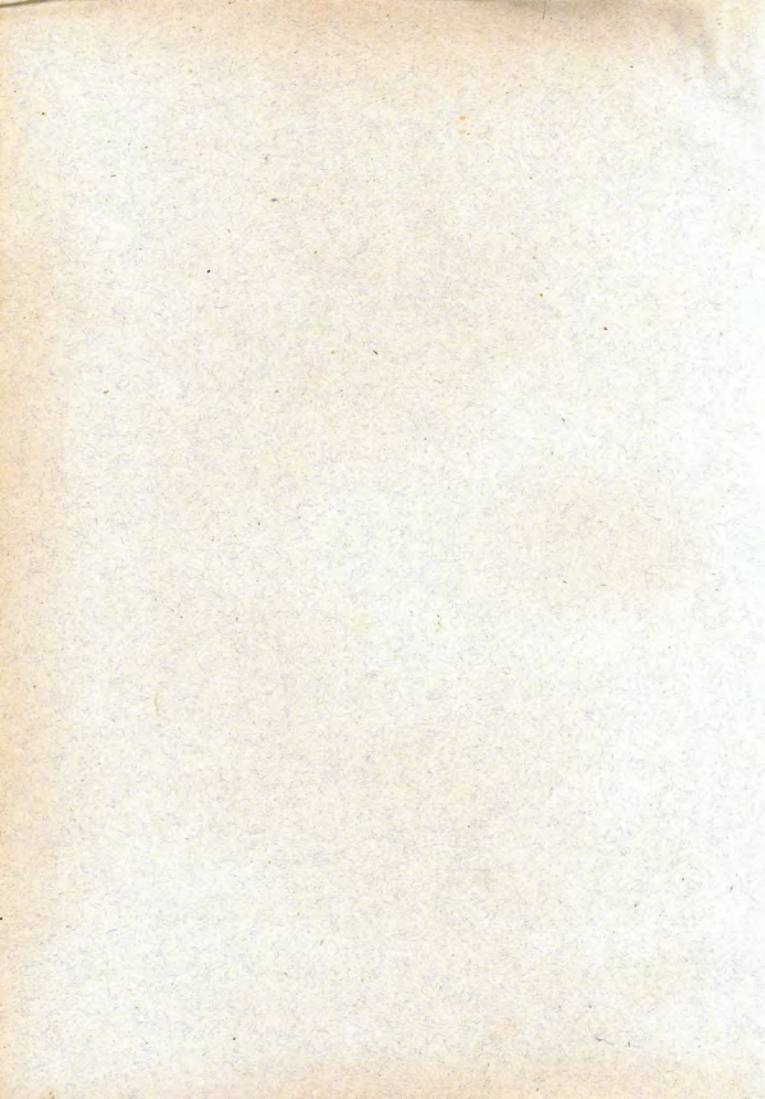


Para a feira vai Lataza  
Co'n seu balão á cabeça,  
Tudo enramado de lauro  
E cheio de camoezas.  
Leva saia de lileira,  
Tambem jubão branco leve,  
Que serve o jubão de branco  
D'onde Amor afira as flechas.  
Sobre os dedos, pendurados  
Leva seus punhões de renda.  
Tão valentosa cantinha  
Que trema o balero de vira.  
Lá no meco do Rocio  
Levante o voz mel serena,  
Como se apprendez a soffir,  
—«Ea já tenho camoezas».

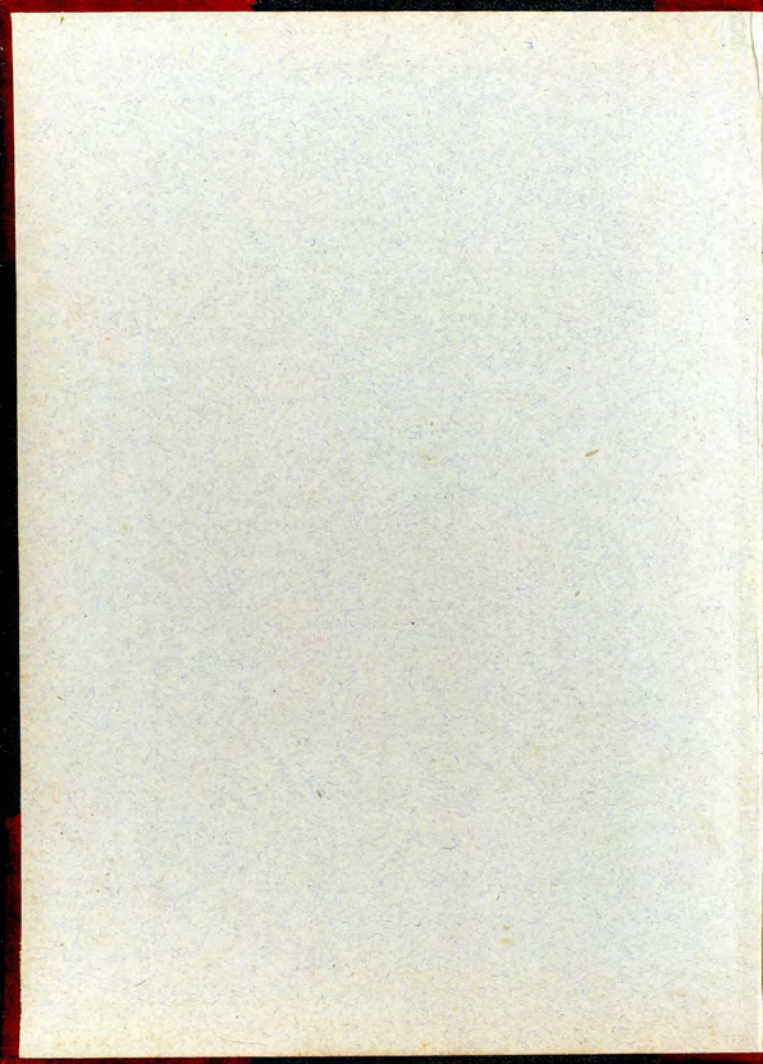












MUSEU  
RAFAEL  
BORDA  
PINHEIRO